

Maria Luiza Silva Santos

# Fluxos Contemporâneos:

CAPITAL HUMANO E ACADÊMICO-CULTURAL  
RECONFIGURANDO A REGIÃO DO CACAU



**edits**  
Editora da UESC

# **Fluxos Contemporâneos:**

**Capital humano e acadêmico-cultural  
reconfigurando a região do cacau**



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
JAQUES WAGNER – GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
OSVALDO BARRETO FILHO – SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA  
EVANDRO SENA FREIRE – VICE-REITOR

---

Diretora da Editus  
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

### Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente  
Andréa de Azevedo Morégula  
André Luiz Rosa Ribeiro  
Adriana dos Santos Reis Lemos  
Dorival de Freitas  
Evandro Sena Freire  
Francisco Mendes Costa  
José Montival Alencar Júnior  
Lurdes Bertol Rocha  
Maria Laura de Oliveira Gomes  
Marleide dos Santos de Oliveira  
Raimunda Alves Moreira de Assis  
Roseanne Montargil Rocha  
Silvia Maria Santos Carvalho

---

**Maria Luiza Silva Santos**

**Fluxos Contemporâneos:**  
Capital humano e acadêmico-cultural  
reconfigurando a região do cacau

Ilhéus - Bahia



2014

Copyright ©2014 by MARIA LUIZA SILVA SANTOS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS – EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA  
Álvaro Coelho

REVISÃO  
Maria Luiza Nora  
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S237 Santos, Maria Luiza Silva.  
Fluxos contemporâneos : capital humano e acadê-  
mico-cultural reconfigurando a região do cacau / Maria  
Luiza Silva Santos. – Ilhéus, BA : Editus, 2014.  
286 p. : Il.

Inclui referências.  
ISBN 978-85-7455-360-3

Migração – Bahia. 2. Identidade Social. 3. Desen-  
volvimento regional – Bahia. 4. Cultura regional.

CDD 304.8

---

**EDITUS – EDITORA DA UESC**  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)  
[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Aos meus colegas acadêmicos, locais e migrantes,  
que me fizeram pensar sobre as novas configurações  
da Região Cacaueira, dedico.

# **AGRADECIMENTOS**

Um trabalho nunca é feito sozinho, necessário se faz a cooperação de vários elementos e de várias pessoas em um desafio como a construção de um livro originário de uma tese de doutorado. Por isso, agradecimentos nunca serão muitos, frente às grandes colaborações que recebi.

À Capes, pelo apoio ao programa Dinter, parceria entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a Universidade Estadual de Santa Cruz.

Ao meu orientador, professor doutor Jorge Osvaldo Romano.

Aos Reitores da Uesc - Antonio Joaquim Bastos da Silva (de 2004 a 2012) e Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro.

As professoras Élide Paulina, Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, e Zina Cárceres, Coordenadora local do projeto Dinter.

A equipe EDITUS, capitaneada pela professora Rita Argollo e Alencar Júnior.

A Taís Borba, produtora fotográfica.

Ao designer gráfico Álvaro Coelho.

Aos revisores Maria Luiza Nora e Roberto Santos de Carvalho.

As colaboradoras Aline Santos de Brito Nascimento e Edjane Sarai.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	33
<b>INDIVÍDUO, SOCIEDADE, IDENTIDADE</b> .....	37
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	57
<b>SOBRE MIGRAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE</b> .....	61
2.1 A migração e a formação da Região Cacaueira .....	74
2.2 A realidade da crise e as perspectivas do cacau .....	93
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	109
<b>OS ESPAÇOS DA PESQUISA</b> .....	113
3.1 A universidade como vetor de crescimento regional .....	113
3.2 Entre as cidades de Ilhéus e Itabuna: a Universidade Estadual de Santa Cruz .....	127
3.3 As cidades do entorno: Ilhéus e Itabuna - Localização e panorama demográfico .....	143

<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>153</b>
<b>AS DUAS CONDIÇÕES DOS ATORES DA PESQUISA: A DE SER MIGRANTE E A DE SER ACADÊMICO .....</b>	<b>157</b>
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>175</b>
<b>OS “NOVOS BAIANOS” – ACADÊMICOS DO SUL DA BAHIA .....</b>	<b>179</b>
5.1 Mapeamentos dos espaços de origem .....	180
5.2 Percurso .....	187
5.3 Definições do lugar de origem .....	193
5.4 Realidades econômicas .....	200
5.5 Causas do deslocamento .....	205
5.6 Conhecimento sobre a região .....	216
5.7 Idealização do novo espaço .....	223
5.8 Primeiras impressões e a adaptação .....	228
5.9 Sentimento de exclusão .....	242
5.10 Sentimento de saudade .....	259
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>261</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>276</b>

# APRESENTAÇÃO

A discussão tratada no livro – Fluxos Contemporâneos: capital humano e acadêmico-cultural reconfigurando a região do cacau – discorre sobre as modificações identitárias da região denominada cacaueira a partir da década de 90 do século XX. Uma reconfiguração ainda se constituindo, pois as investigações constataam a força ainda presente da economia e da cultura do cacau nos dias atuais. O livro aborda dois momentos: o primeiro, um contexto vivenciado entre os anos 30 e 90 do século XX, tempo da formação da Região Cacaueira no sul da Bahia, espaço que recebeu levas de migrantes para trabalhar nas roças de cacau que junto com os residentes locais, desenvolveram uma cultura própria regional que foi além do cultivo agrícola, com características que permanecem até os dias atuais, identificando o sul da Bahia; analisa a grave crise, a partir da década de 1990, que se instala, provocada pelo fungo *moniliophthora perniciosa*, conhecido como “vassoura-de-bruxa”, que atingiu as plantações de cacau. Essa crise sucedeu uma série de outras provocadas pelo clima, falta de preço e escassez do

produto, resultando em um impacto negativo para a economia regional que se traduziu, no primeiro momento, em uma condição de decadência para os habitantes da região, tanto os que viviam da lavoura como os demais, pois era o cacau que movimentava a vida comercial e política regional.

O segundo momento, a partir da década de 1990, apresenta uma região carente de alternativas e diversificação que alterassem a situação presente. O livro apresenta, então, o desenvolvimento da região através de outro viés: o ensino superior, pois a partir desse período, a região passa a contar com uma universidade estadual entre as cidades de Ilhéus e Itabuna, um instituto federal de educação e algumas faculdades privadas, em ambas as cidades, que passam a absorver migrantes que trazem mão de obra qualificada de várias partes do país que, junto com os profissionais locais, alteram o panorama que até essa época apresentava uma identidade versada apenas no cacau. Através da história oral, um grupo de acadêmicos relata seu espaço de origem e a escolha pelo sul da Bahia, suas vivências e as dificuldades nas cidades de Ilhéus e Itabuna, as interações com a cultura local e o cotidiano da academia, evidenciando uma nova configuração cultural que, de forma direta e indireta, começa a estabelecer um polo de pesquisa e educação superior, ampliando uma estrutura regional que, apesar de eternizada na cultura e na literatura como Região Cacaueira, passa a abranger e a ser conhecida também pelo ensino superior.

Maria Luiza Silva Santos  
Uesc, Ilhéus, maio de 2013

# INTRODUÇÃO

Ilhéus foi escolhida por mais de oito mil migrantes que trocaram os estados das regiões Norte, Sudeste, Sul, Centro Oeste pelo município do sul da Bahia. Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 moravam em Ilhéus 8.368 migrantes, sendo 7.081 de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Os dados, que A Região divulga com exclusividade, mostram que eram 3.800 homens e 3.281 mulheres que nasceram no Sudeste do Brasil morando em Ilhéus. Os habitantes nascidos nas regiões Norte, Sul e Centro Oeste eram 1.287. Os nortistas eram 354 e sulistas 467. Os nascidos no Centro Oeste eram 466. São pessoas que vieram trabalhar ou estudar e se apaixonaram pelo município, que se tornou conhecido mundialmente através das obras do escritor Jorge Amado<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Epígrafe retirada do jornal A Região, em 27 de outubro de 2012.

O trabalho em pauta – Fluxos Contemporâneos: Capital humano e acadêmico-cultural reconfigurando a Região do Cacau – versa sobre uma realidade que passa a se desenhar no contexto sul baiano a partir da década de noventa do século XX. Uma realidade ainda não constituída, mas uma realidade em processo, pois analisa a história de uma região que vicejou durante décadas em torno do apogeu de uma cultura agrícola, e que, na contemporaneidade, é impactada pela necessidade de se modificar buscando novas alternativas econômicas, presenciando a reestruturação da sua sociedade, sentindo e participando dos efeitos de um hibridismo cultural que se estabelece com as novas perspectivas que se apresentam para o espaço, principalmente no que tange ao ensino superior.

Até o final da década de oitenta, a monocultura caqueira determinou não só os aspectos econômicos, mas também políticos e sociais da região citada, uma vez que as estruturas hierárquicas, de produção, familiares e comerciais giravam em torno do cacau, porém, no início dos anos noventa, em virtude de várias crises de preço e clima, aliadas à disseminação de um fungo denominado

*moniliophthora perniciosa*, vulgarmente conhecida como “vassoura-de-bruxa”, o panorama acima descrito é modificado.

A região denominada cacaeira, com cidades como Ilhéus, conhecida como a “Princesinha do Sul”, e a cultura agrícola reconhecida como “fruto de ouro”, passa a vivenciar uma realidade de declínio. A realidade da crise monocultora, longe de atingir apenas o âmbito rural, se ramifica pelos demais setores da sociedade, configurando o abandono das roças, a redução drástica da produção e o desemprego em massa de trabalhadores rurais, realidade que se desdobra nos demais âmbitos urbanos das cidades. Diante do contexto, um primeiro momento de incredulidade e prostração aconteceu, porém sentimentos que gravavam inação não poderiam se delongar e novas apostas se fizeram necessárias para que o espaço regional subsistisse. No próprio âmbito rural, alguns produtores começaram a se movimentar na tentativa de efetivar uma nova cultura agrícola, ao mesmo tempo em que pesquisas começam a ser realizadas buscando a produção de uma planta, de um cacaeiro mais resistente que fosse compatível e tolerante ao fungo que se alastrava. Em outros setores, novas perspectivas também começam a ser estudadas e implementadas, a exemplo do polo de informática, do turismo e da expansão do ensino superior.

É esse o tempo analisado nessa obra. O tempo que se insere na percepção de um estado de crise e na projeção de uma nova realidade, que paralelamente é o tempo em que se efetiva o ensino superior na região, sendo criada a Universidade Estadual de Santa Cruz com localização entre as cidades de Ilhéus e Itabuna. Esse é o espaço analisado. Espaço que perpassa a universidade e as duas cidades do seu entorno, que têm se modificado, nas úl-

timas décadas, também com os avanços empreendidos pelo ensino superior que, antes da década de noventa, existia com as características e o perfil de faculdades isoladas: Direito, na cidade de Ilhéus, Filosofia e Economia, na cidade de Itabuna. Em 1972, por iniciativa de lideranças regionais, essas escolas se congregaram e nasce a Fespi – Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (CFE 163/74), funcionando no lugar onde hoje é o campus da Uesc. Recebia alunos, principalmente das cidades do seu entorno, e professores oriundos das faculdades de Filosofia, Economia e Direito. Também professores pesquisadores que exerciam atividades na Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), se não nascidos, já eram residentes na região há alguns anos. Mediante um processo de lutas internas com a participação de alunos e professores frente ao Estado, buscando a ampliação e estadualização do ensino superior, a efetivação da universidade se fez realidade em dezembro de 1991, com a Lei 6344, de 06/12/1991, modificando o perfil do ensino superior e ampliando a abrangência dos atores que até então eram oriundos apenas do espaço regional. Advém desse contexto a necessidade de novos profissionais que passam a compor o espaço acadêmico e regional, uma vez que, se tornando universidade, seu quadro de pessoal teria que ser aumentado e especificamente titulado.

Os novos profissionais migraram de outras cidades do estado da Bahia, de outros estados da Nação brasileira e de outros países. São imigrantes de mão de obra qualificada que escolhem e se deslocam para as cidades de Ilhéus e Itabuna para trabalhar na Universidade Estadual de Santa Cruz a partir da década de 1990. As chegadas foram gradativas, porém constantes, situação que deve permanecer,

uma vez que a instituição cresce e, conseqüentemente, sua demanda também. Esses profissionais trazem, na sua bagagem, histórias de vida e aspectos culturais concernentes aos seus espaços de origem. Ao chegar e fixar residência, transmutam experiências e transplantam culturas assimilando a identidade local e disseminando a cultura de origem. Esses são, para o nosso estudo, os atores destacados. Pode-se explicar a escolha desse segmento por ser um segmento em crescimento na região responsável pela entrada de indivíduos e famílias através de contratações, seleções e concursos públicos, tanto em instituições públicas como particulares, de uma infinidade de lugares do Brasil e do mundo. Porém, a escolha se deu também pelo fato de ser um grupamento mais afastado da lavoura e do comércio, já que temos o propósito de analisar as escolhas desse contingente por ser o ponto de vista de pessoas que trazem, na sua bagagem, um tipo de capital diferenciado do capital econômico e simbólico – cacau.

A ideia de trabalhar com o tema da imigração para uma região suscita algumas justificativas que extrapolam o contexto da análise propriamente dita, mas atende a toda uma discussão contemporânea sobre o tema, que tem adquirido, a cada dia, maior relevância por parte de pesquisadores de várias áreas das ciências. A atenção por essa temática nas ciências sociais tem adquirido, no espaço globalizado, cada vez mais destaque, pois discorre sobre os impactos que esses fenômenos representam no espaço social cotidiano. “Hoje, a palavra de ordem não é mais a da rigidez e fixação do homem a um só espaço. A mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção” (SANTOS, 2002, p. 328).

Apesar da ênfase nos assuntos relativos às migrações no momento atual, não se trata de tema recente, uma

vez que, desde que o mundo começa a “se entender” por territórios, a atividade da mudança de espaço passa a ser percebida. Com a observância da antiguidade e relevância do tema, outro registro pode ser pontuado, seu contexto, ou as implicações do fenômeno que vem se modificando ao longo do tempo. Essas modificações e suas complexidades são evidenciadas nas várias esferas da sociedade e também numa vasta literatura de cunho jornalístico e acadêmico de epistemologias diversas. São múltiplas dimensões que podem ser analisadas por múltiplos olhares. Sobre essas questões, Abdelmalek Sayad, um imigrante que discute sobre alteridade identitária, registra que

o itinerário do migrante é um itinerário epistemológico que se dá no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, um objeto de ciências aparentemente tão diversas como a história, a sociologia, a demografia, a economia, a ciência política, a antropologia, a linguística, a geografia etc. (1998, p. 5).

Essa complexidade de interfaces para o estudo de um mesmo objeto não permite a sua apreensão como totalidade pretendida por alguns estudiosos para uma disciplina ou uma teoria. Há de se falar, para os estudos migratórios de pesquisas interdisciplinares, de possibilidades de fontes relacionadas a diversas ciências, pois, para tais estudos, o intercâmbio de ideias e interpretações permite o enriquecimento de pesquisas em diversas áreas, respeitando os interesses temáticos e os cânones metodológicos de cada área de conhecimento.

Na esfera pública e nos debates políticos, são discutidos acordos, legislações, regulamentos, decretos, estatísticas sobre os movimentos migratórios. Impactos econômicos

dos fluxos na origem e no destino, a condição do refugiado, políticas de diversidade cultural, alteridade, modelos de integração, qualificação da mão de obra, exclusão social, redes internacionais, êxodo, superpovoamento do espaço urbano, miséria, violência, tráfico são questões amplamente discutidas, e estão na ordem do dia, tanto na esfera do senso comum, como nos grupos de pesquisas e trabalhos científicos.

Existem questões que são, independentemente da área de conhecimento, características das pesquisas sobre migração. São aspectos como: local de origem, dificuldades passadas nesse local de origem, percalços da viagem, recursos utilizados na busca de um espaço na sociedade receptora, mobilidade social, integração no novo espaço, as resistências enfrentadas e a duplicidade do caráter identitário para aqueles que permanecem “entre dois mundos”.

Tais informações dão suporte para as indagações mais específicas que surgem em um segundo momento. Numa análise histórica ou sociológica, esse segundo momento irá investigar o redimensionamento do papel social do migrante, suas influências na construção do novo espaço, bem como o papel que tende a ocupar. Essas investigações são trabalhadas reelaborando as histórias e as trajetórias dessas pessoas que, apesar de serem individualizadas, quando pensadas sob a perspectiva de grupo, apresentam características comuns. Sobre as similaridades e também particularidades, Lippi comenta que

A experiência da imigração guarda muitas similaridades, independente do grupo e da região receptora. [...] Há assim um componente universal no fenômeno da imigração, mas há também particularidades ou singularidades, dependendo do lugar e do tempo em que teve lugar (LIPPI, 2006, p. 390).

Sayad (1998) levanta também proposições que são próprias dos estudos migratórios, questões que se aproximam das citadas anteriormente, porém, chama atenção para a representação construída sobre o migrante, lembrando que os discursos sobre a migração, além dos fluxos de entradas e saídas, tratam sempre da identidade, em um movimento que passa constantemente pela noção do eu e do outro, do que sou e do que não sou, dos que são simultaneamente familiares e diferentes.

Percebe-se que o tom é sempre de movimentos contraditórios entre o eu e o outro, o nós e o eles, desencadeando um conjunto complexo de relações de pessoas que interagem no meio social ao mesmo tempo em que se fala de ambientes marcados por diferenças que podem ser tratadas como fontes de integração social. São diversas as mudanças que podem ocorrer em um espaço que recebe migrantes, como evidencia Milesi:

As migrações, via de regra, representam a parte visível de transformações invisíveis. A mobilidade humana constituiu, muitas vezes, o termômetro que aponta para mudanças ainda em gestação, uma espécie de *iceberg* de numerosos fatos sociais. A história registra, não raro, que transformações da sociedade foram precedidas ou seguidas de intensos deslocamentos humanos, levando-nos a pensar que os migrantes sejam, na verdade, protagonistas privilegiados dessa mudança histórica (2000, p. 566).

Eis um leque de focos que pode ser objeto de atenção quando o assunto em pauta é migração: alteridade, diferenças, espaço territorial, preconceito, xenofobia, relações de poder, trajetória..., uma gama infundável, com a possibilidade, ainda, ou necessidade de atrelar duas ou mais dessas categorias para fundamentar uma pesquisa

sobre migrações. Além dos vários aspectos possíveis de se tornar objeto de pesquisa, os resultados também são de fundamental importância, pois registram de forma macro os aspectos culturais e a trajetória demográfica e histórica de uma dada sociedade. Trata-se de um número infinito de informações para campos do saber como a geografia, a estatística, a antropologia e a sociologia.

Um exemplo dessa intercessão de assuntos que perpassam pelos estudos migratórios e que tem valor significativo para esse trabalho se concentra ao mesmo tempo numa análise histórica de região, nos fluxos demográficos de um determinado espaço territorial e na conformação cultural entre pessoas estabelecidas e oriundas de outros espaços, o que irá revelar uma nova vertente do perfil do sul da Bahia. Este perfil foca um grupo especial, o grupo dos migrantes acadêmicos, um dos grupos, com mão de obra qualificada. Apesar de ser um fenômeno de sempre, na atualidade, a discussão no âmbito das ciências sociais sobre as migrações qualificadas está na ordem do dia. Muito se fala sobre pessoas que vivem fora dos seus lugares de origem em função dos fluxos migratórios com base nas capacitações acadêmicas e técnicas do trabalhador.

Em se tratando de uma região tradicionalista, de origem econômica e social monocultora do cacau, a entrada de pessoas ligadas a outras áreas diversas da cultura cacaueteira é um movimento passível e atrativo para análise. Entender as escolhas, trajetórias e adaptações ao novo espaço permite um conhecimento também da trajetória de uma região que, por muito tempo, só foi conhecida através do cacau. Hoje passa a ser destino para profissionais que se deslocam com o intuito de constituir seu novo espaço, permitindo uma troca de conhecimentos,

um transplante cultural e uma mudança no perfil identitário da região. Fluxos contemporâneos: capital humano e acadêmico – cultural reconfigurando a Região do Cacau é um trabalho de pesquisa que convida a um novo olhar sobre a realidade da região, olhar que perpassa pelos fluxos migratórios contemporâneos que aqui têm se efetivado, que termina por revelar a dimensão íntima de um processo que é compreendido como social e exterior, ou seja, a integração do migrante à sociedade de destino, bem como as metamorfoses operadas no espaço, em função da interação com esses novos atores.

Nada mais significativo do que conhecer a história de um contingente através da memória dos atores principais, que no trabalho em pauta são os próprios imigrantes acadêmicos e o relato das suas interações e trajetórias. A escolha se concentrou nos profissionais de uma das universidades públicas estaduais da Bahia, por se tratar de uma migração em função de concurso, o que evidencia um compromisso mais definitivo, por parte desses professores; pelo fato de tais profissionais trabalharem ou já terem trabalhado em faculdades particulares, quando não tinham o regime de DE – dedicação exclusiva, que têm ou podem ter com a Uesc, e pelo período em que a instituição se torna universidade – década de 1990 e sua relação estrutural com a cultura do cacau. Para se chegar a estes atores, foi realizado o levantamento do quadro de pessoal da Universidade Estadual de Santa Cruz, a partir de 1990. O foco se concentrou em professores de outros países, outros estados e outras regiões da Bahia que não fazem parte do eixo da cacauicultura. Esses professores e pesquisadores foram mapeados por departamento, o que facilitou a organização da tomada de depoimentos, pois foi determinado o tempo necessário para cada entrevista.

O número é de 400 professores imigrantes, aproximadamente, em um total de 750 professores. Dos 400, foi retirada uma amostra aleatória através de sorteio com a seguinte configuração – Cálculo amostral – amostra aleatória: 95% de confiança, 5% margem de erro. Considerando proporções máximas  $p=q=0,5$  -  $210,4 \Rightarrow 211$ , com fórmula  $n = z^2 \cdot p \cdot q \cdot N / E^2 (N-1) + 2^2 p \cdot q$ , sendo  $n$  = tamanho da amostra,  $N$  = tamanho da população,  $p$  = proporção,  $q = 1-p$ ,  $e$  = erro máximo aceito pelo pesquisador e  $z$  = nível de confirmação (distribuição normal).

Em discurso vivo e direto, 211 migrantes acadêmicos, sendo 110 do sexo masculino e 101 do sexo feminino, falaram de si, da sua trajetória, do olhar e do sentimento sobre os outros.

No primeiro capítulo, intitulado *Indivíduo, sociedade e identidade*, é estabelecida a fundamentação teórica do trabalho, calcada nas teorias de Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Stuart Hall. O primeiro autor citado dá o suporte à pesquisa com a sua discussão sobre estabelecidos e *outsiders*, que delinea a análise sobre identidade, conceito utilizado na tese, não buscando a conotação de superioridade de um grupamento sobre o outro, mas analisando a característica de antiguidade, que é bem consubstanciada por Elias nos estudos sobre Winston Parva, vilarejo de nome fictício dado pelo autor em sua pesquisa. Em Bourdieu, a teoria do *habitus* e do campo reforça as discussões sobre os espaços e atores da pesquisa, e com o *Homo academicus* auxilia a identificação da realidade da academia e dos atores sociais. Os conceitos de tradição, tradução e hibridismo são fundamentados em Stuart Hall, presente nas discussões sobre a identidade na pós-modernidade.

No segundo capítulo, intitulado *Sobre migração e a construção da realidade regional*, é realizado um levanta-

tamento histórico sobre o período do apogeu da monocultura, quando o centro de poder estava referenciado no capital econômico cacau. A formação da sociedade, bem como as levas de migrantes que chegavam em função da monocultura, o contexto da luta pela terra e da identidade que norteava a elite regional são aspectos explicitados com a intenção de levar o leitor a entender essa trajetória e sua relevância até os dias atuais. Ainda nesse capítulo figuram a realidade da crise e todo o panorama que se efetiva com o estabelecimento das perspectivas do cacau evidenciados por instituições e produtores.

O terceiro capítulo, intitulado *Os espaços da pesquisa* – descreve a universidade como vetor de crescimento regional, evidenciando a realidade de espaços que se transformaram em virtude do ensino superior. Apresenta a Universidade Estadual de Santa Cruz e o seu processo antes e durante a estadualização, evidenciando um crescimento interno em termos de espaço e números, ao mesmo tempo em que descreve as cidades de Ilhéus e Itabuna, cidades do entorno da instituição que abriga os atores sociais da pesquisa.

No quarto capítulo, intitulado *As duas condições dos atores da pesquisa: a de ser migrante e a de ser acadêmico*, são delineados os aspectos teóricos do perfil desses atores sociais na sua condição de migrante e na sua condição de acadêmico, além do contexto atrativo que determina a opção por determinado espaço.

O quinto e último capítulo intitulado *Os “novos baianos” – acadêmicos do sul da Bahia*, apresenta a realidade dos atores sociais. Em depoimentos e percentuais são demonstrados os dados coletados nas entrevistas, bem como alguns fragmentos que expressam a história e memória dos atores nos seus espaços de origem e a nova

realidade do espaço de destino numa constante discussão com os principais conceitos que perpassam o referencial teórico de toda a pesquisa.

Por fim, na conclusão, são apresentados os resultados das análises feitas através dos depoimentos e entrevistas, identificando uma reconfiguração estrutural da região estudada que, apesar de ter orgulho, ser conhecida e reconhecida em função do cultivo do cacau, até em função da história e da literatura, avança e se desenvolve, de forma mais contundente que a propagada, através do ensino superior. A universidade recebe discentes e docentes de várias partes do país e do mundo, sujeitos que interagem com os profissionais locais, e promovem, juntos, avanços na área do ensino, da pesquisa e da extensão, efetivam uma dinâmica própria ao ensino superior que se torna um dos novos vieses de representatividade da região sul da Bahia.

# **CAPÍTULO I**

A identidade cultural é fator condicionante da relação indivíduo-sociedade, pois é através dela que o indivíduo se adapta e reconhece um ambiente como seu. Dessa forma, sem a identidade cultural seria impossível que as pessoas se encaixassem em uma sociedade com características próprias. Segundo a percepção de identidade, a cultura adquire a função de delimitar as diversas personalidades e formar diferentes grupos humanos (Jornal Sociológico, 2009)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Epígrafe retirada do editorial do Jornal Sociológico, de 17 de junho de 2009, uma publicação dos alunos do primeiro ano de jornalismo da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a orientação e colaboração do professor Nildo Viana.

## **INDIVÍDUO, SOCIEDADE, IDENTIDADE**

São dois os princípios teóricos que orientam o trabalho e sustentam a ideia de reconfiguração identitária de uma sociedade, auxiliada pelo fenômeno migratório. O primeiro é a relação dialética entre indivíduo e sociedade, relação que está na base de todo o processo de identificação. O segundo é a identidade como processo cultural e relacional de identificação, categorização e classificação que pressupõe o outro para existir, vez que a autoidentificação ocorre através da identificação do outro. Outra questão que não se caracteriza como princípio teórico, porém se configura como elemento de destaque, é o tipo de movimento migratório relativo a esse trabalho especificamente: a migração de mão de obra qualificada. A discussão sobre a reconfiguração, relação indivíduo e sociedade, classificação nós e eles ganham contornos diversos em virtude do contingente analisado. A pluralidade de questões dentro da temática sobre migrações faz

com que o referencial teórico da pesquisa perpassasse por discussões entre autores que, além de trabalhar com o tema específico das migrações e com as relações identitárias, transitam por conceitos como cultura, alteridade, xenofobia, hibridismo, estilo de vida etc. além da caracterização do migrante que possui formação acadêmica e todas as peculiaridades que tal condição implica.

Norbert Elias é autor de fundamental importância para um trabalho que versa sobre migrações, identidades e cultura. Na maior parte de sua obra, esses temas são tratados de várias maneiras, em vários espaços e períodos de tempo. O processo civilizador (1998), Mozart – sociologia de um gênio (1994), Os alemães (1997) são alguns exemplos que podem ser citados. Porém, três textos são de teor mais significativo nos quesitos citados: Os estabelecidos e os outsiders (2000), A sociedade dos indivíduos (1994) e Introdução à sociologia (1999). Em Os estabelecidos e os outsiders – Elias trabalha com a realidade através de uma pesquisa etnográfica, de uma cidade e sua composição social, a condição dos seus habitantes frente aos outros e a eles mesmos, e as diferenças em termos de vivências e relacionamentos. A realidade laboral, a hierarquia social, a condição de chegada para alguns, os estereótipos desenvolvidos, os preconceitos perpassados dão a clara noção de uma realidade confortável para alguns e de extrema dificuldade para outros. Nesse texto, o autor discute as relações de dominação distante do tipo clássico que se faz de capital e trabalho. O *status* daqueles que estão na condição de estabelecidos pressupõe uma relação de dominação através da estigmatização dos *outsiders*, ou “daqueles que vêm de fora”, distanciados das tradições do grupo estabelecido, ou “daqueles que são de dentro”.

Na apresentação da edição brasileira do livro *Os estabelecidos e os outsiders* (ELIAS, 2000), Frederico Neiburg explica os conceitos de *establishment* e *established* em inglês, e que tais termos são utilizados para designar indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder, algo como o entendimento da formação de uma “boa sociedade” construída com base na tradição, autoridade e influência. A contrapartida ou o contrário de quem é estabelecido são os *outsiders*, ou seja, aqueles que estão fora da formação daquela sociedade. É um conjunto heterogêneo, difuso, de pessoas unidas por laços menos intensos do que os que unem os estabelecidos (ELIAS, 2000).

O princípio que distingue esses dois grupos e que interessa sobremaneira a esse trabalho é o princípio da antiguidade. Apesar de a cidade descrita, de nome fictício Winston Parva, ser relativamente homogênea quanto ao trabalho nas fábricas, não era assim que eles se percebiam. Para eles, o povoado estava dividido entre aqueles que eram considerados locais e os outros que chegaram posteriormente, denominados *outsiders*. Essas categorias e essas formas de percepção são significativas para a análise da região cacauceira na perspectiva dos novos migrantes. A percepção do como se veem e do como são vistos os atores em Winston Parva dá uma noção de como essa análise pode ser realizada em outros espaços, com as suas devidas peculiaridades. Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos de tensão trazidos por Elias. Alguns deles não aparecem nesta pesquisa, outros irão aparecer de forma subjacente, outros de forma mais explícita.

O que interessa da obra de Elias para este trabalho são as formações das identidades, as imagens construídas e estereotipadas de grupos sociais que convivem de forma

próxima e ao mesmo tempo tão distanciadas dentro de uma mesma localidade. Na análise de Elias sobre Winston Parva, um grupo de habitantes se sentia superior a outro grupo. No que concerne aos padrões habitacionais, as diferenças não eram evidentes; não havia diferença de nacionalidade, ascendência étnica, cor ou raça entre os residentes das duas áreas. Também não havia diferenciação quanto ao tipo de ocupação, renda e nível educacional. Eram ambas as áreas de trabalhadores. A diferença consistia em um grupo de antigos residentes e o outro de recém-chegados, questão pontual para se analisar o tempo e o sentimento de pertencimento ao lugar e principalmente como veem o outro e se relacionam com ele e com a condição diferente da sua, condição que gera uma nova perspectiva ao se definir os migrantes sujeitos da pesquisa. São migrantes de mão de obra qualificada, pertencentes ao mundo acadêmico e que possuem, portanto, características próprias dessa condição, mesmo não existindo uma vivência e uma história comuns entre essas pessoas que chegam.

O tempo de convivência cria um grau de coesão grupal, de identificação coletiva e normas comuns que legislam sobre um grupamento que possui tempo de residência no lugar. Esse sentimento de pertencimento, por vezes, gera outro sentimento, que é o de superioridade frente àqueles que não estão coesos ou que ainda estão em fase de formação. Esse sentimento, além de ser sentido pelo grupo estabelecido, pode ser também sentido pelos migrantes das primeiras gerações, conseqüentemente é também externado e sentido pelo grupo de *outsiders*. Esse sentimento de superioridade gerado pela condição de pertencimento dá origem a uma relação potencial de poder que reforça a coesão existente e exclui de algumas posições membros de outros grupos. Essa realidade se

traduz em convites, participação em clubes e associações, integração em trabalhos, pois a opção irá versar primeiramente sobre quem é de dentro, podendo ser apenas “pra quem é de dentro”.

Tal condição pode ser descrita como condição típica dessa relação, e o próprio Elias admite isso: “um exemplo das constantes estruturais nas relações entre estabelecidos e *outsiders* poderá ajudar os leitores a descobrir outras por si mesmas, à medida que forem avançando” (ELIAS, 2000, p. 22). Em Winston Parva, o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsiders* as características “ruins” ou “piores”, tendendo ao próprio grupo assim qualificado assumir essa imagem facultada (ELIAS, 2000). O contrário também pode ser verdadeiro, pois ao mesmo tempo em que se pode falar do sentimento de superioridade dos nativos de uma região em relação aos que chegam, pode se caracterizar também o sentimento de superioridade daqueles que possuem um lugar considerado privilegiado em dada sociedade, como, por exemplo, os que são “homens da ciência” em relação aos “comuns e mortais”. Como bem retrata Bourdieu no seu texto *Le Champ Scientifique*, o campo científico é um espaço de lutas competitivas. Há um monopólio da autoridade científica que se traduz em poder social, permitindo a capacidade de se falar e agir em nome da ciência, fato que o torna socialmente reconhecido (BOURDIEU, 1976). Tal reconhecimento pode subentender uma diferenciação ou estigmatização para grupos que não pertençam a essa categoria. No texto acima citado, pode ser lido o trecho abaixo, onde Bourdieu fala da diferenciação:

O que é percebido como importante e interessante é o que tem chance de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros, portanto,

aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que produz como importante e interessante aos olhos dos outros (1976, p. 91).

Elias, ao discutir o problema da estigmatização, lembra que tal conceito não pode ser classificado como conceito anteriormente atribuído, não pode ser condensado apenas no plano individual. A estigmatização é feita em termos de grupo. Não se atribui, nesse sentido, críticas ou qualidades a pessoas, mas a um grupo coletivamente considerado como diferente. Porém, essa estigmatização só gera eficácia “quando está bem instalada em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Mas vale ressaltar que aparência física, sotaque, fluência de línguas diferentes podem funcionar como reforço ao grupo estigmatizado” (ELIAS, 2000, p. 23).

O estigma ou estereótipo existente frente àqueles que não fazem parte de um grupo não existe em si ou por si, é construído e cultivado socialmente, a cada tempo, lugar, a depender dos modos de interação. “O normal e o estigmatizado não são pessoas, mas pontos de vista socialmente produzidos” (KHELLIL, 1997, p. 47). Elias, corroborando Khellil, descreve a realidade de nações outrora poderosas:

Seus membros podem sofrer durante séculos, porque o ideal do nós carismático coletivo, moldado numa auto imagem idealizada dos tempos de grandeza, permanece por muitas gerações como um modelo ao qual eles creem dever conformar-se, sem ter a possibilidade de fazê-lo. O brilho de sua vida como nação extinguiu-se, sua superioridade de poder em relação a outros grupos, efetivamente entendida como um sinal de seu valor humano superior em relação ao valor inferior desses outros, está irremediavelmente

perdida. Não obstante, o sonho de seu carisma especial mantém-se vivo de diversas maneiras – através do ensino da história, das construções antigas, das obras primas da nação em seus tempos de glória ou de novas realizações que pareçam confirmar a grandeza do passado. Por algum tempo o escudo fantasioso de seu carisma imaginário, como grupo estabelecido e dominante, pode dar a uma nação em declínio forças para seguir em frente. Nesse sentido, pode ter um valor de sobrevivência (2000, p. 43).

Independente do poder aportado à nação ou região estudada, as interações com os que chegam se estabelecem. Há, portanto, na interação ocorrida entre os contatos, um grupamento de atores sociais que vem socializado da origem e que é ressocializado no destino, trazendo consigo uma bagagem que é reelaborada a cada experiência interativa. Estes atores, em meio à mudança de espaços, vivem a busca de simetria entre duas, ou até mais realidades. Dessa busca e nesse momento de adaptações podem surgir problemas de coerência entre interiorizações primitivas e novas, tanto no ambiente social como profissional e que passam pela dimensão da identificação. Berger e Luckmann registram:

A realidade já interiorizada tem a tendência a persistir. Sejam quais forem os novos conteúdos que devam agora ser interiorizados, precisam de certo modo sobrepor-se a esta realidade já presente. Há, portanto, um problema de coerência entre as interiorizações primitivas e as novas. O problema pode ser de solução mais ou menos difícil, conforme o caso (2002, p. 187).

O olhar sobre o grupo que chega é, em um primeiro momento, do entendimento de que suas histórias e estilos se tratam de os “de dentro” e os “de fora”, denominação que Elias chama de “opostos estereotipados” (ELIAS, 1994, p. 55). Deve-se lembrar que os recém – chegados, em sua maioria, são desconhecidos não apenas dos antigos residentes, mas também entre eles. Só aos poucos é que essas pessoas vão se dando conta e se percebendo na sua nova condição. Consequentemente, é a partir daí que eles poderão perceber e inferir sobre a condição do outro, do estabelecido. O indivíduo identifica-se agora não somente com os outros concretos, mas com uma generalidade de outros, isto é, com uma sociedade. Nesse movimento dialético entre sociedade estabelecida e aqueles que vêm de fora, o migrante, na sua condição de quem chega, vai identificando, sendo identificado e identificando-se. Intera e constrói imagens de si e do outro que se refletem nas suas sociabilidades. Cria vínculos, busca reconhecimento e acumula pertencas sobre as quais ancora a sua autoidentidade, que irá refletir na identidade do espaço.

Vale salientar que essa relação, por demais discutida entre estabelecidos e *outsiders*, não pode ser vista como uma relação estática. É mutável. A depender da sociedade estudada, vários movimentos poderão acontecer: ascensão e declínio dos grupos ao longo do tempo,

dos grupos estabelecidos que se tornam *outsiders* ou desaparecem por completo como grupos, e dos representantes dos grupos de *outsiders* que passam a fazer parte de um novo *establishment*, integrando posições que antes lhe eram negadas ou que, conforme o caso, são paralisadas pela opressão (ELIAS, 2000, p. 36).

Apesar de o tempo todo estar se falando de grupo, esses grupos são compostos de seres humanos individuais e a riqueza ou o interessante de uma análise entre pessoas que estão e que chegam é saber como e porque os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras que se estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem como “eles”.

O conjunto relativo ao “nós” da academia, independente da condição de migrante, está pautado, além de, na condição de grupo, na participação nas várias posições ocupadas na hierarquia institucional, uma vez que a excelência científica estabelecida pelas distinções se apresenta como diferencial dentro e fora do espaço acadêmico. Bourdieu (1988), em seu livro *Homo Academicus*, caracteriza a academia como uma instituição fundamentalmente conservadora que reproduz e reforça as distinções das classes sociais. Este aspecto relativo à distinção, trazido por Bourdieu, remete a outra discussão conceitual nos estudos de Elias, significativa para esse estudo, que é o da relação indivíduo/sociedade. Tal discussão encontra-se no livro *A sociedade dos indivíduos* (1994), no qual Elias trata, também, do repertório de padrões sociais de autorregulação que o indivíduo desenvolve dentro de si ao crescer dentro de uma sociedade. Reflete, através do seu conceito de *habitus*, sobre as mudanças que ocorrem dentro dessa sociedade, sua autoimagem e a composição social, chamando atenção para uma das condições fundamentais da existência humana, que é a presença simultânea de várias pessoas interrelacionadas. Outro elemento essencial trazido pelo autor é o que ele chama de balança nós – eu – que indica que a relação da identidade eu com a identidade nós, não se estabelece de uma vez, mas

está sujeita a transformações muito específicas (ELIAS, 1994), uma vez que as histórias individuais são, como o próprio nome já diz, singulares. Cada uma parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa, ou por que não dizer, constrói a história social.

No âmbito desta dialética entre indivíduo e sociedade, destacam-se algumas teorias que privilegiam a dimensão interativa e adaptativa da socialização: Grafmeyer (1995) concebe a socialização sob duas perspectivas: num primeiro sentido, o conjunto dos mecanismos de aprendizagem que fazem com que os indivíduos interiorizem valores e normas de uma sociedade ou de um grupo social particular. Num segundo sentido, as diversas interações que se estabelecem entre os indivíduos que formam determinadas relações. Com elas, constroem-se, confortam-se, desfazem-se e reconfiguram-se maneiras de coexistência e sistemas de atitudes que podem evoluir no decorrer das experiências individuais. Percheron (1981), por sua vez, diz que a socialização é produto de todas as experiências de cada um, o que não significa que seja a simples adição de experiências sucessivas ao indivíduo. Cada informação, cada nova experiência pode trazer uma reestruturação completa do conjunto. Boudon e Bourricaud (1982) propõem o paradigma da interação, concebendo a socialização como processo adaptativo. Dão assim conta do grau de interiorização das montagens normativas e cognitivas, uma vez que certas estruturas profundas da personalidade são altamente irreversíveis, enquanto certos tipos de atitudes ou certas opiniões são mais facilmente alteráveis.

Os estudos citados no parágrafo acima são analisados no texto de Khellil, autor que busca a compreensão das relações sociais e que explicita a interdependência existente nas representações socioeconômicas e cultu-

rais civilizacionais (KHELLIL, 1997). Na perspectiva acadêmica, sobressai o “*status quo*” dos campos de tensão em relação aos postos e às hierarquias que definem os sujeitos no espaço social e científico. Na perspectiva das migrações, as mudanças de contextos mais a socialização dão origem às reconstruções identitárias. Pode-se falar, a partir daqui, do conceito de configuração social discutido no livro Introdução à sociologia, de Norbert Elias. O conceito perpassa por uma abrangência das relações atrelada às emergências do cotidiano: um espaço de síntese, de caráter sempre provisório que se desenvolve através do método dialético. O dialético é pontuado no sentido da interdependência que as pessoas estabelecem umas com as outras, “o exame e interpretações de forças compulsivas específicas que agem sobre as pessoas nos seus grupos e sociedade” (ELIAS, 1999, p. 18).

Essa ação desenvolvida no interior da configuração é de equilíbrio instável, não sendo possível um controle absoluto das trocas e das relações. Não se trata de um pressuposto estruturado para se entender um mundo ordenado, no sentido mais tradicional da palavra, porque as configurações confundem, não são planejadas, permitem a análise de uma existência social não ordenada. Ao mesmo tempo em que se fala de um não ordenamento ou de um não planejamento no interior de uma configuração, fala-se também de um maior grau de dependência recíproca – indivíduos ou grupos mais dependentes de um maior número de pessoas. Evidencia-se o fato de que as estruturas ou configurações construídas cotidianamente pelos indivíduos são também transformadas cotidianamente por indivíduos. Portanto, apesar de se falar em não ordenamento, se aposta no princípio da plausibilidade ou de uma ressocialização na sociedade receptora.

O novo mundo do indivíduo encontra o seu foco cognoscitivo e afetivo na estrutura de plausibilidade em questão. Socialmente isto significa uma intensa concentração de toda interação significativa dentro do grupo que corporifica a estrutura de plausibilidade e, particularmente, no pessoal a quem é atribuída a tarefa de re-socialização (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 209).

Também em Bourdieu fica clara a indissociabilidade da relação indivíduo e sociedade. Na sua noção de campo, o objetivo é compreender a constituição de um espaço comum à autonomia relativa das demais áreas da sociedade, com uma lógica particular, mas que se relaciona com os outros campos. Campo, portanto, irá aparecer como uma ferramenta de pesquisa que quebra os limites entre a análise interna e a externa das estruturas. Quando associado ao conceito de *habitus*, permite a quebra do distanciamento entre o homem e o seu meio (BOURDIEU, 2002). Sob esse ponto de vista, que é também o ponto de vista de Elias, a separação entre indivíduo e sociedade é ineficaz, uma vez que, na pesquisa empírica, não se consegue separar o homem de seu tempo.

No que concerne às trajetórias dos migrantes, somente depois de realizado determinado grau de interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade. Nesses casos não seria mais o que Berger e Luckmann definem como o processo de socialização: “a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (BERGER; LUCKMANN. 2002, p. 175), mas a ressocialização e mudança cultural relativa ao quadro de origem. Machado trata dessa ressocialização chamando atenção para as representações futuras sobre a

sociedade. Sobre a memória descrita, com ou sem as presenças das pessoas não consideradas autóctones: “a imigração representa, sem dúvida, um processo de ressocialização e mudança cultural relativamente ao quadro de origem das populações” (MACHADO, 2002, p. 13). A permanência das populações migrantes nos países onde se instalam é sempre uma experiência de ressocialização alargada.

Nas formações contemporâneas, o pressuposto a ser considerado é o de um espaço plural de múltiplas relações sociais. As relações são adjetivadas como dinâmicas e a caracterização vai além dos indivíduos ou grupos, passando também pela relação de interdependência entre indivíduos e instituições, podendo se apresentar na forma de continuidade ou de ruptura, amistosa ou adversária. O processo deve ser sempre entendido como flexível e passível de permanentes transformações. O indivíduo recebe influências e transita em diferentes contextos, integrando pertencas múltiplas e desempenhando papéis que se interrelacionam.

Essa percepção heterogênea dentro da análise identitária pode ser analisada através da teoria do *habitus* (BOURDIEU, 1974), uma vez que tal conceito auxilia o entendimento dos condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos, além do que os fenômenos migratórios, cada vez mais visíveis nas sociedades contemporâneas, constituem, assim, objetos privilegiados para a análise dos processos de (re)construção de identidades, na medida em que as próprias categorias identitárias que erradamente se poderiam pensar como universais, se movem aqui entre pelo menos duas culturas diferentes: uma cultura global e as especificidades locais, numa constante adaptação e reconstrução das identidades que as caracterizam. Os fenômenos migratórios trabalhados como processos produzidos através da conjugação das identidades primeiras e das estratégias inerentes à construção de

novas identidades pressupõem que se reflita sobre tais fenômenos embasados no conceito de *habitus*. Setton registra:

*Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controversa, creio que a teoria do *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo (2002, p. 61).

Esse registro se fundamenta na teoria que surge da necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e os condicionamentos sociais. A noção de *habitus* adquire um alcance universal, tornando-se um instrumento conceitual que permite examinar a coerência das características mais diversas dos indivíduos dispostos às mesmas condições de existência (Pinto, 2000:86). A ideia contida no conceito de *habitus*<sup>3</sup> propõe identificar a mediação entre indivíduo e sociedade, conciliando a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais, analisando o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. Sob essa ótica, o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados, tendo em vista que as

---

<sup>3</sup> "A exposição repetida às condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis e transferíveis, que são a interiorização da realidade externa, das pressões do seu meio social inscritas no organismo – essa noção dá origem ao conceito de *habitus*. O *habitus* constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, quer dizer, um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber e agir e evoluir com naturalidade num universo social dado" (BOURDIEU, 2002, p. 68).

conjunturas de um campo o estimulam. “O *habitus* é uma subjetividade socializada” (BOURDIEU, 2005, p. 21).

Ao se trabalhar com a noção de *habitus* no contexto do homem acadêmico, Bourdieu destaca algumas características próprias desse grupamento, evidenciando o conceito de capital cultural que, nessa perspectiva, está atrelado ao prestígio relativo aos bens culturais produzidos dentro das instituições, a exemplo das universidades. Suas análises perpassam pelas resistências próprias das elites acadêmicas frente às mudanças e pressões constantes no ensino superior.

A ideia de uma continuação do *status quo* dentro da academia é enfatizada quando Bourdieu defende a ideia de que os membros desse grupo vêm de famílias de classe social de elite e têm interesse de manter a mesma condição dentro da cultura universitária. A ideia defendida pelo autor é a de que existe uma correspondência mais ou menos direta entre o prestígio disciplinar e a classe social, na qual o corpo docente tem origem. O ponto de vista de Bourdieu sobre a academia, no que toca a esse estudo, é de uma instituição fundamentalmente conservadora, que reproduz e reforça as distinções de classe social. Ao se referir à questão das capacidades (BOURDIEU, 2011), salienta a posse, dos professores universitários, sobre o capital cultural. Esse “bem” irá determinar o lugar do *status* profissional em determinado tempo e espaço social.

As relações de poder presentes nos diversos segmentos da sociedade são percebidas no espaço universitário, reproduzindo uma estrutura de seleção observada em tais segmentos. O conservadorismo é atestado nos mecanismos de controle para aceitar novos docentes e a necessidade de moldar esses novos profissionais se configura em um exercício de poder no cotidiano da academia. Fixam-se aí dois polos: o dos professores com influência, e os demais,

que são “apenas professores”, se configurando, portanto, outro dado relevante para essa pesquisa que se constitui na crise das hierarquias da universidade, cristalizada na oposição entre professores, que se a princípio perpassa pela oposição daqueles que possuem ou não possuem poder institucional. A condição de ser imigrante também irá se constituir numa nova forma de analisar e de ser analisado.

A noção de campo, do mesmo autor, passa também a ser necessária por analisar a relação de interdependência com o conceito de *habitus*. Como registra Bourdieu,

A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos indissolivelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*. O campo e aquilo que está em jogo nele produzem investimento de tempo, de dinheiro, de trabalho etc. Todo campo, enquanto produto histórico, gera o interesse, que é condição do seu funcionamento (1999, p. 190).

Para Bourdieu, a maior parte dos agentes sociais é produto de um encontro entre um *habitus* e um campo (conjuntura). São ações práticas inconscientes estimuladas por uma determinada situação histórica que se ajustam como um sentido prático às necessidades impostas por uma configuração social específica. Da mesma forma que o campo social, o campo universitário também é caracterizado pelo autor (BOURDIEU, 2011) como lugar de uma luta das classificações que trabalha para conservar ou transformar o estado da relação de força entre os diferentes critérios e poderes que elas designam.

Por ser um instrumento conceitual que auxilia a apreender certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e nas preferências de grupos e ou indivíduos, produtos de uma mesma trajetória social, é conceito fundamental para trabalhar grupos autóctones ou estabelecidos, no dizer de Elias (2000), bem como grupos de migrantes tanto em relação às suas características trazidas dos campos de origem, como a construção social grupal na sociedade de destino, uma vez que, como o próprio Bourdieu (2002) ressalta, o conceito não deve ser visto como sinônimo de uma memória sedimentada e imutável, mas construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências.

Está se falando de um conceito que indica movimento, que interpreta o sujeito como um ser ativo e produto da história, com experiências acumuladas no curso de uma trajetória individual, ligado a uma trajetória social. Não se trata de expressar uma ordem social embasada numa lógica de reprodução e conservação, mas uma ordem social em que os agentes reagem, adaptam-se e contribuem no fazer social. Mais uma vez, vale lembrar que se está postulando uma relação dialética entre indivíduos pertencentes ao segmento acadêmico e uma sociedade receptora estabelecida. Está se falando de um movimento que pode se caracterizar, em alguns períodos, como um estilo de vida.

Estilo de vida pode ser definido como a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivem, se comportam e fazem escolhas. Bourdieu diz ainda: “as diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem a estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica das diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, 1983, p. 82). Essa lógica própria calcada nas condições sociais e econômicas de um grupo permite entender o que

Maffesoli (1987, p. 34) chama de “cultura vivida no cotidiano ou cimento essencial de uma vida societal”. Essa cultura vivida se traduz no gosto, na aptidão e na tendência à apropriação de certa categoria de bens que se expressa na lógica do microespaço simbólico que evidencia um “princípio de unidade de estilo” (BOURDIEU, 1983, p. 82).

Essas “estilizações da vida” são fatores de agrupamento que são identificados nas formas de comunicação e no desenvolvimento de limites que ao mesmo tempo sofrem dois movimentos: o de aglutinação e o de diferenciação. Bourdieu identifica esse espaço como campo de forças que visa transformar ou conservar as relações estabelecidas. Há um investimento do capital adquirido em lutas anteriores nessas relações de força.

Pelo fato de que condições diferentes de existência produzem *habitus* diferentes, as práticas engendradas pelos diferentes *habitus* apresentam-se como configurações sistemáticas e funcionam como estilos de vida (BOURDIEU, 1983, p. 164).

Em se tratando de uma sociedade contemporânea, híbrida, plural, versada nas grandes e pequenas trajetórias individuais, o *habitus* do indivíduo, na atualidade, é também produto de uma pluralidade de estímulos e referências não homogêneas. Setton, falando do indivíduo moderno, registra:

creio poder pensar o *habitus* do indivíduo moderno sendo forjado pela interação de distintos ambientes, em uma configuração longe de oferecer padrões de condutas fechados. Assim abre-se a possibilidade de pensar o surgimento de um outro sujeito social, abre-se espaço para se pensar a constituição da identidade social do indivíduo moderno a partir de um *habitus* híbrido, constru-

ido não apenas como expressão de um sentido prático incorporado e posto em prática de maneira 'automática', mas uma memória em ação e construção (2002, p. 66, grifo do autor).

Entendendo esse *habitus* híbrido no contexto de uma região em processo de reconfiguração identitária, atesta-se uma maior circularidade de socializações e projetos, caracterizando, assim, a diversificação social. A construção desse novo sujeito social não está influenciada apenas pelas instâncias e histórias tradicionais de uma região, mas faz emergir novas formas de interação, apoiadas também em novas frentes econômicas, culturais e sociais: “*habitus* como trajetória, mediação do passado e do presente; *habitus* como história sendo feita; *habitus* como expressão de uma identidade social em construção” (SETTON, 2002, p. 66).

A definição do *habitus* híbrido (SETTON, 2002), defendida e apreendida nessa pesquisa para falar da reconfiguração da Região Cacaueira e dos novos migrantes acadêmicos, remete, por fim, às concepções discutidas por Hal (2000), quando fala do hibridismo como poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriada à contemporaneidade que às velhas identidades do passado. Citando Rushdie e seu livro *Versos Satânicos* (1989), o autor fala da mistura e das transformações que vêm de novas e inesperadas combinações de seres humanos. Celebra os cruzamentos e teme o absolutismo do puro, reverenciando, inclusive, o movimento estabelecido com as migrações.

Com os conceitos de hibridização – que Hall (2000, p. 94) define como a mescla entre diversas culturas, de tradição, que o autor compreende como um conjunto de

símbolos e comportamentos que sinalizam alguma relação com um costume que se perpetuou por algum tempo e de tradução – que adquire o significado de uma transmissão de características culturais de um lugar para outro, o autor discute o trânsito de pessoas, aspecto evidente nos processos migratórios. A pontuação e a observação pelos entrevistados dos elementos indicadores de uma identidade local, com base nos preceitos teóricos relativos às evidências das referidas tradição, tradução, e hibridização, sustentam a possibilidade de se efetuar uma discussão acerca dos aspectos de uma reconfiguração regional.

Essa proposta de mudança de concepção surge em virtude de se reconhecer as diferenças como parte do todo. A diferença – colocada aqui como elemento em contraposição à unidade imaginada ou idealizada pelas sociedades de um modo geral – é evidenciada, por conseguinte, como um exemplo de diversidade constatada, que é comumente construída através de um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade (HALL, 2000). A relação entre sujeitos de culturas e saberes diferentes pode trazer consequências benéficas para ambas as partes, desde que ocorra a partir de preceitos fundamentados no respeito mútuo. A interlocução entre diferentes contingentes migrantes e a sociedade já estabelecida torna-se importante, já que “os sujeitos não são autônomos e auto suficientes, mas as relações com outras pessoas importantes para eles mediam seus valores, sentidos e símbolos da cultura” (HALL, 2000, p. 37).

É possível que ocorra, então, o incentivo à interação entre os sujeitos que chegam e os sujeitos que já estão, ambos contribuindo com seus conhecimentos, respeitando a socialização primária e promovendo novos movimentos de ressocialização que irão dar origem a uma nova identidade cultural ou a uma reconfiguração identitária.

## **CAPÍTULO II**

*'Coronel do Cacau': figura poderosa ou apenas lenda [...] daquelas que povoam as mentes dos grapiúnas, nascidos e criados nas terras do fruto de ouro? De acordo com o historiador Adelindo Kfoury, o Coronel do Cacau foi um desses ousados homens que se dedicaram a desbravar terras na região cacauzeira, no sul da Bahia. Foram os mesmos que enfrentaram desafios, conheceram a fartura e fizeram a história da região. Ainda de acordo com o historiador, o Coronel do Cacau é uma mistura de lenda e realidade, ora nos livros de Jorge Amado, como um libertino, 'tocaieiro' e forte, ou nas obras de Adonias Filho, sagaz desbravador, caçador ou um ambicioso calculista. Para o próprio historiador, ele foi um desbravador. 'Muito antes de atingir as pompas do "coronelismo", o homem que aqui se fixou lutou e desbravou' (Adelindo Kfoury, 2010, grifos do autor)<sup>4</sup>.*

*Chocolate! Quanto um tablete?<sup>5</sup> E nele vêm cabruçadores, machadeiros, derrubadores suados, sofridos, cansados. Maltrapilhas mulheres, pacientes plantadoras, tiradeiras eficientes e sua prole; Magros tropeiros de-cacau-mole, burros suados pisados, do trabalho; Cangalhas, panacuns. E vêm barçaceiros gingando na dança do pisoteio,*

<sup>4</sup> Epígrafe retirada de ensaio publicado no site <<http://www2.uol.com.br>>.

<sup>5</sup> Epígrafe retirada do poema da obra *Saga do Cacau*, de Clodomir Xavier.

*e de permeio estufeiros abrasados, molhados da fauna na faina da estufa [...]. E vem ainda a saga da diferença do peso-exportação. Também nele motoristas vêm num vai-vem de caminhões carregando navios de porões ávidos de sacos engolidos e sacudindo caroços por mares além. E vêm figurões barões e mais 'barões'. Partidistas, comerciantes, seus figurantes exploradores da mercadoria. Lustrosos carros, casas de luxo, clubes, suntuosidade da majestade de seus prazeres, Quantos haveres nascem do nada! [...] Um córrego marrom corre calado, quente, lerdo, fumegante, líquido denso, manso, que se multiplica num delta metálico e vira tábua que se reparte e se esfacela [...].*

*E vêm mais máquinas cortando lâminas, enrolando, 'enrolando', dourado, enfeitando colorido o doce. Vêm mocinhas, arrumadinhas. Cestas de vime. [...] Da flor lilás à lâmina azul há suor, lágrimas, sofrimento, tudo envolvido num violento lamento, bruto trabalho pra resultar no doce momento. E vêm os gringos daqui e de lá, de lá prá cá e de cá prá lá, fofas poltronas de aviões particulares. Gente fina, coisa granfina muito bonita, que parasita. Taxas e taxadas, se vão. E há pelegos gordos, macios, passeando, velejando, cantando ao violão. Cientistas herméticos, propagandistas doutores, técnicos, em profusão. Não conto aqui o que aconteceu ao produtor, o que padece, o que planta, o que colhe, o que paga: Ao abandono, muda a roça de dono (Claudemir Xavier de Oliveira, 1983, grifos do autor).*

## **SOBRE MIGRAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE**

A análise referente à construção social e identitária de uma região que tem sua formação atrelada a fluxos migratórios pressupõe o entendimento de alguns conceitos básicos referentes ao assunto. O termo migração, na acepção própria das ciências humanas, reúne uma variedade de significados que apresenta como ponto comum a mobilidade dos homens. A migração implica de forma concreta a vida entre dois universos, aquele no qual se está inserindo, mas também aquele que se deixou definitivamente ou por um lapso de tempo. Apesar de estar sendo um tema bastante debatido na contemporaneidade, o fenômeno migratório não é característico apenas dos últimos séculos. Pode ser observado desde os tempos mais remotos; uma vez que a história apresenta os primeiros seres humanos exercendo atividades nômades, conclui-se que o deslocamento em busca de melhores condições de vida tem sido uma constante desde os primórdios.

Cada período histórico e cada espaço social apresentam características que lhes são peculiares. Existem espaços onde os fatores de atração são fortes, mas a possibilidade de fixação nem tanto; noutros espaços a exigência da expulsão é iminente, mas o lugar do destino é provisório; em outros, o que se percebe é uma escolha de destino e não uma realidade de expulsão. São vários os contextos, ricos em possibilidades de análise e estudo.

Numa perspectiva recente, haja vista que esse trabalho evidencia migrações contemporâneas, tem-se o exemplo dos séculos XIX e XX, período em que ficou bem caracterizado o movimento “Fazer a América”, onde contingentes de vários países vieram povoar ou se unir aos que já se encontravam nas Américas. Como evidencia Fausto,

Grande parte dessa imigração era a tradicional, composta em sua maioria de jovens e adultos do sexo masculino em busca de emprego temporário ou permanente no país de recepção. ‘Fazer a América’ era o lema de quase todos os imigrantes que cruzavam o Atlântico. Para eles, a prioridade básica consistia em acumular poupança com a qual esperavam poder desfrutar de uma vida melhor em seus países de origem (2000, p. 24, grifo do autor).

Mas a própria definição do que seria um imigrante não foi tarefa simples no Brasil. Sempre que se trabalha com essa temática, aparecem as imprecisões que envolvem o conceito. O ponto mais polêmico gira em torno da identificação da condição de migrante. “Seria por comparação entre o lugar onde reside e o lugar de nascimento? Ou o lugar da última residência? Ou ainda o lugar da

residência anterior numa data fixa?” (RIGOTTI, 2008)<sup>6</sup>. As definições diversas tornaram confusas as próprias estatísticas. As primeiras discordâncias são registradas em relação ao termo turista, pois

As autoridades brasileiras antes de 1934 definiam como imigrantes todos os estrangeiros de terceira classe que desembarcavam em portos brasileiros. Estrangeiros viajando na primeira e segunda classe eram considerados turistas ou visitantes (KNOWTON, 1960, p. 35).

A partir desse período, é acrescida a classificação, o argumento do exercício profissional. As leis redefinem assim os termos imigrantes e não imigrantes: “Imigrantes passam a ser as pessoas entradas no Brasil para exercer um ofício ou profissão por mais de trinta dias. Não imigrantes eram indivíduos que permaneciam no Brasil até trinta dias” (KNOWTON, 1960, p. 35). Tal classificação, contudo, não era considerada satisfatória, pois havia quem entrasse no país para executar atividade profissional cujo período ultrapassava o limite dos trinta dias e, ao mesmo tempo, não aspirasse a fixar residência. Mais uma vez, foram redefinidos os termos e atribuíram-se duas novas categorias em substituição aos termos imigrantes e não imigrantes representados pelos termos permanentes e temporários.

Indivíduos classificados como temporários são turistas, viajantes comerciais, passageiros em

---

<sup>6</sup> SEMINARIO-TALLER “LOS CENSOS DE 2010 Y LA MIGRACIÓN INTERNA, INTERNACIONAL Y OTRAS FORMAS DE MOVILIDAD TERRITORIAL” CE-LADE – División de Población de la CEPAL Conferencia Estadística de las Américas – CEA CEPAL Fondo de Población de las Naciones Unidas 10-12 de diciembre de 2008

trânsito, técnicos, cientistas, etc., que entram no Brasil por vários períodos sem a intenção de residência definitiva. Permanentes são pessoas vindas ao país em busca de um lar definitivo. Só esses são considerados imigrantes (KNOWTON, 1960, p. 36).

Vale ressaltar que essa classificação não alcançou uniformidade em todos os estados, verificando-se variações quanto à sua aceitação, adoção e ao entendimento. Cada um dos conceitos possui vantagens e limitações, sendo mais adequados a algumas situações que a outras, pois o número de migrantes é diverso segundo cada um deles. Hoje, uma acepção clara e adequada a esse trabalho é de Rocha-Trindade, que distingue os termos emigração, imigração e migrações. O primeiro designa a saída de alguém com ausência suposta de duração significativa. Consiste em deixar o seu país, ou sua terra, por motivos que podem ser dos mais variados para estabelecer residência em outro lugar. Os atores dessa ação são chamados de emigrantes. Em contrapartida, surge o termo correlato, imigração, para designar aquelas pessoas que chegam de outros países ou de outros espaços que não o seu lugar de origem. Assim, um mesmo indivíduo recebe as duas denominações, a depender do ponto de vista ou do lugar de onde está sendo analisado (ROCHA-TRINDADE, 1995). “As duas faces de uma mesma realidade” (SAYAD, 1998: 14). No intuito de condensar os dois conceitos, devido ao grande fluxo de deslocamentos, impõe-se uma terceira denominação – migração. Migração descreve a existência de movimentos sem distinção explícita entre origem e destino, entre quem parte e quem chega.

A migração implica sempre o fenômeno do deslo-

camento da sociedade de origem para um novo espaço, constituindo o terceiro elemento da dinâmica populacional, atrás dos fenômenos da natalidade e mortalidade de uma população. Nos trabalhos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os conceitos de domicílio, população residente, situação do domicílio, características das pessoas, tempo de permanência no local e deslocamento não devem deixar dúvidas, pois irão refletir na análise posterior de uma comunidade. No relatório do censo do ano 2000, no comentário da sessão de resultados encontra-se:

O Censo Demográfico 2000 abordou três aspectos da migração: o lugar de nascimento, o lugar de residência anterior segundo o tempo ininterrupto de residência atual e o lugar de residência anterior há exatamente cinco anos antes da data de referência da pesquisa. A complexidade da obtenção de informações sobre movimentos migratórios, bem como a especificação da área geográfica, do tempo em que se deseja que estas informações sejam referidas e a avaliação das respostas oriundas do campo são fatores fundamentais para tornar este tema um dos mais ricos em termos de possibilidades de medição e de análise (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000, p. 29).

Em quaisquer dos casos, permanecem sempre as duas “pontas” da relação: os lugares de emissão e os lugares de recepção, lugares que, muitas vezes, podem apresentar comportamentos e costumes bastante diversos daqueles do seu local de origem. Essa mudança

estrutural, em termos individuais e mais precisamente nos descendentes, suscita a construção de novas identidades e a integração com espaços receptores. As novas identidades oscilam no contexto da tradição e da tradução, como referenda Hall (2000), fazendo emergir identidades que não são fixas, ao contrário, estão suspensas ou em transição entre diferentes posições, pois “retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais, que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns no mundo globalizado” (HALL, 1997, p. 95).

Uma questão que se coloca constantemente no campo dos estudos migratórios é: por que as pessoas migram? Vários podem ser os fatores de atração ou expulsão<sup>7</sup>, ou até de equilíbrio entre eles. Segundo Lee (1996), o fenômeno sempre implicará um lugar de origem, um lugar de destino e uma série de obstáculos intervenientes. Qualquer lugar na perspectiva do migrante apresentaria fatores positivos (*pull*), capazes de atrair os migrantes; negativos (*push*) responsáveis pela expulsão. Para o indivíduo optar pelo deslocamento o saldo em favor do mesmo deve ser suficientemente forte (LEE, 1996). Fausto, acentuando as inferências de Lee, apresenta a seguinte constatação: “A migração não começa até que as pessoas descubram que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem” (Fausto, 2000, p. 13). Nesse quesito, sobrevivência refere-se às necessidades realmente vitais relacionadas à perseguição política e religiosa, dificuldades econômicas e conflitos em termos de etnicidade e/ou nacionalidade

---

<sup>7</sup> Os termos “fatores de atração” e “fatores de expulsão”, tão comumente utilizados na literatura especializada e nos meios de comunicação em geral, são creditados a Everett Lee em 1996 (Pereira, 2000).

que apontam na direção da expulsão. Hoje, século XXI, o lastro está mais aberto e pessoas que apostam numa condição de trabalho mais vantajosa ou uma qualidade de vida pessoal ou familiar também fazem parte dessa categoria. Nesse segundo momento, falar de condições vitais poderia ser considerado exagero. O mais correto, então, seria, uma nova opção de vida movida pela atração do novo espaço. Esses lugares, portanto, devem apresentar características capazes de fazer com que as pessoas possam acreditar que é possível viver de forma tranquila, onde exista a possibilidade de obter empregos e onde a mão de obra para atividades específicas seja escassa, aspectos significativos nas migrações mais recentes.

De acordo com a perspectiva das migrações não contemporâneas, os imigrantes que deixam seus lugares originários em função de aspectos relativos à sobrevivência aceitam qualquer trabalho, mesmo que esta ocupação não seja de prestígio, desde que os salários sejam superiores àqueles pagos em seus lugares de origem, ou que outros fatores, quaisquer que sejam, a segurança ou a própria sobrevivência, estejam assegurados. Elias, no seu livro *Os estabelecidos e os outsiders*, relata a chegada de migrantes nessas condições:

Quando começaram pra valer os bombardeios da Inglaterra, chegaram os desabrigados. Uma fábrica de Londres, que produzia equipamentos para as forças armadas e cuja sede fora destruída, transferiu-se para Winston Parva com armas e bagagens [...] essa súbita imigração em massa teve um forte impacto nos residentes e nos imigrantes. As pessoas da parte mais antiga relembram a aflição em que haviam chegado os desabrigados. Eles tinham perdido suas casas e quase todos os seus pertences

familiares nos bombardeios [...] os níveis salariais dos recém – chegados não ficavam sensivelmente abaixo dos das famílias residentes da classe trabalhadora. Mas os recém – chegados diferiam delas consideravelmente, em seus costumes, tradições e estilo de vida (2000:63).

Em função da tentativa de juntar recursos, muitos conseguem retornar aos seus lugares de origem; outros, mais preocupados com a acumulação para investimento, ou seja, tentando um processo de prosperidade, terminam por se inserir na teia de uma nova cultura, integrando-se à respectiva economia, e decidem pela permanência.

Numa condição de fluxos mais contemporâneos, ligados à mão de obra qualificada, os aspectos listados não são tão rigorosos. Uma realidade de escolha também se faz presente, o que caracteriza, em alguns casos, a exemplo de alguns dessa pesquisa, um peso maior nos fatores de atração do que na realidade de expulsão que não se apresenta tão definitiva quanto no período do “Fazer a América”. São ações mais ponderadas e estudadas, analisadas sob a ótica da qualidade de vida e do interesse nem tanto individual, mas, muitas vezes, de uma estrutura familiar ou visando à construção da mesma.

Esses movimentos de idas e vindas descritos no parágrafo anterior, norteados pela escolha e pela atratividade do local de destino, no que tange às atividades profissionais e à qualidade de vida, são, talvez, o que mais atenção chame neste trabalho. Ocorrem devido ao deslocamento efetuado entre os migrantes, que trazem consigo experiências, costumes e tradições, mesclando culturas e realçando o entendimento do hibridismo entre os espaços. No decorrer desse processo de hibridização e transformações, pode ser percebido outro processo, o da

construção de identidades (IANNI, 2000; HALL, 1997). O espaço se modifica, as trocas sociais e culturais passam a fazer parte da dinâmica da sociedade, em um movimento que oscila entre aceitação, deslumbre, rejeição, acomodação, preconceito e assimilação, modificando além do espaço o comportamento social.

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma (HALL, 1997, p. 18, grifo do autor).

Nada melhor para trabalhar com a ideia de descentramento e exemplificar o fenômeno da migração, tanto em contextos remotos como no contemporâneo, como a realidade de um país como o Brasil. A história do povo brasileiro é uma história de deslocamentos e migrações. Diferente do que foi pontuado anteriormente sobre guerras ou perseguições religiosas, a realidade das migrações no Brasil se apresenta com outro formato. Estão associadas, como nota-se ao longo da história, a fatores econômicos, desde o tempo da colonização pelos europeus.

São retratados os ciclos da cana de açúcar no Nordeste, do ouro em Minas Gerais, do café no interior de São Paulo, bem como da industrialização no sudeste, fenômenos que registram a realidade do deslocamento de pessoas em busca de melhores condições de vida, que se confirma com o fenômeno do êxodo rural no país. São culturas agrícolas, atividades extrativistas e, posteriormente, industriais, que movimentaram o fluxo de pessoas no Brasil, ressaltando o caráter positivo do deslocamento que “desarticula as identidades do passado,

abrindo possibilidade de novas articulações e a produção de novos sujeitos” (HALL, 1997, p. 19). Tais evidências podem ser constatadas tanto nas migrações de estrangeiros para o país quanto nas migrações internas. Zamberlan discorre sobre a migração no espaço brasileiro definindo os seguintes tipos:

Na origem desse processo histórico, vamos encontrar a migração brasileira, onde o imigrante que veio dos países do norte foi visto dentro de diferentes óticas pelo Estado e pela sociedade brasileira. No período colonial, só era aceita a 'migração forçada' de escravos africanos. Após a Independência prevaleceu a ótica da 'migração estimulada', ou seja, de imigrantes destinados à colonização. Nas primeiras décadas do século XX e após 1945, ocorreu um desdobramento da migração estimulada com a busca de imigrantes qualificados para atender demandas de serviços urbanos, especialmente quando da modernização da economia brasileira. Após o Golpe de 1964, o imigrante passou a ser categorizado como 'potencial subversivo', como 'trabalhador indesejável'. Nas duas últimas décadas do século XX, sem haver mudança legal e ideológica frente ao imigrante, teve início a emigração brasileira, desafiando o Estado a desempenhar a proteção dos cidadãos residentes no exterior (2004, p. 22, grifos do autor).

São muitas as formas e as caracterizações que perpassam o tempo e os espaços regionais brasileiros. Cada região com sua construção social, algumas delas trazendo no seu bojo várias influências externas, aspectos que se refletem na riqueza cultural do Brasil. A nação brasi-

leira é identificada por seus indivíduos e suas características que, na verdade, “não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 1997, p. 53). O registro do autor reflete a ideia das pessoas não apenas como cidadãos legais de uma nação, mas de pessoas que participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. “Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade” (SCHWARZ, 1986, p. 106). Porém, apesar da identificação que as pessoas têm com seu lugar de origem, assumindo a caracterização veiculada pela referência do lugar, uma multiplicidade de identificações começa a ser entendida como natural. É a identidade se construindo de forma permanente, sendo constantemente (re) moldada a partir do contato com o outro, contato que se efetiva entre migrantes e residentes, entre a cultura das pessoas nativas e a cultura dos que chegam, desencadeando contradições, curiosidades, tensões e o fortalecimento da identidade oriunda dessas trocas.

A Bahia, estado da região nordeste, dividido em suas mesorregiões, (FIGURA 1), é um desses espaços, repleto de influências e de um contexto multifacetado, onde dentro de um mesmo estado se apresentam grandes variações climáticas e de vegetação, culturas diversas, a exemplo das variações de sotaques, comportamentos, gostos, culinária e até aspectos fenotípicos. A diversidade de aspectos atrativos para o estado também impressiona: dendê (Recôncavo até os tabuleiros do sul da Bahia), seringa (extensa faixa costeira do estado da Bahia, especialmente nas regiões sudeste e extremo sul), café (no Cerrado, Planalto e Oeste), soja (no extremo oeste baiano), sisal (região semiárida no nordeste do estado), fruticultura (região do São Francisco

e no centro norte baiano) cacau (sul baiano), agroindústria, polo de informática, turismo, comércio, pecuária, preservação ambiental, educação superior, dentre outros, têm sido apontados como fatores de atração por alguns contingentes migratórios que hoje fazem parte da formação social do estado. No sul da Bahia, principalmente na região que compreende as cidades de Ilhéus e Itabuna, a monocultura do cacau se constituiu em alicerce da formação não só econômica, mas também social e identitária. Vigoraram, durante várias décadas, uma política e aspectos culturais que centraram a figura do cacau como ícone principal, uma vez que influenciava todos os segmentos da sociedade, que perpassava os fluxos migratórios, a economia e a política, a hierarquização social, a literatura e o artesanato.

FIGURA 1 – Mesorregiões da Bahia



Fonte: IBGE

Legenda:  Microrregião Itabuna – Ilhéus. Região conhecida como Região Cacaueira, onde está situada a Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc).

Foram décadas denominando a região de cacaueira, em virtude do fruto que fazia o dinheiro girar e da classe de

produtores, em alguns casos latifundiários tão poderosos que organizaram uma estrutura própria em razão das características dessa lavoura. Esse contexto identifica o que Hobsbawm (1983) caracteriza como mito fundacional, uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado distante, não do tempo real, mas de um tempo mítico. Hall se aproxima ainda mais do contexto estudado quando registra que “algumas culturas são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele ‘tempo perdido’, quando a ‘nação era grande’; são tentadas a restaurar as identidades passadas” (HALL, 1997, p. 61, grifos do autor).

Falar sobre as cidades de Itabuna e Ilhéus e os movimentos migratórios contemporâneos exige, para um melhor entendimento do contexto atual, uma retomada histórica da realidade e da visão mítica do cacau que vicejou durante muitas décadas e ainda é referência da economia regional, porém não mais a única. É a percepção do movimento ou da mudança de uma estrutura cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por “uma pluralidade de centros de poder” (HALL, 1997).

## **2.1 A migração e a formação da Região Cacaueira**

A configuração econômica das ‘Terras do Cacau’ é um outro aspecto de extrema relevância na representação desse território. Com a implantação da monocultura cacaueira entre 1890 e 1940, a lavoura e o comércio se confundem com a produção cultural dessa região. A monocultura do cacau se entrelaça à conformação da cultura grapiúna. O cacau, seus altos e baixos, sua ascensão e decadência, é o sujeito principal das narrativas dessa re-

gião. Essa constatação, além de historicamente percebida, também se faz evidente na observação da elocução de outras vozes, como na produção literária local (SOUSA, 2005, p. 1, grifo da autora)<sup>8</sup>.

O fortalecimento de identidades locais relacionado à conformação de uma região está estreitamente ligado à influência exercida pelos grupos dominantes. Esses grupos funcionam como o retrato de uma região que identifica e é identificada numa perspectiva unificada. A identificação dominante de origem se desenvolve numa significação simbólica, alternando o efeito de contestar e deslocar as identidades fechadas mediante as possibilidades de novas identificações. Essas novas identificações estão sujeitas ao plano da história, da representação, dos deslocamentos e da diferença, entretanto o efeito pode ser contraditório quando remetido ao entendimento da tradição e à recuperação da “pureza anterior” (HALL, 1973, p. 94), pois ao mesmo tempo em que se deseja, se percebe improvável, devido à transição das diferentes tradições e dos cruzamentos culturais advindos do trânsito entre pessoas.

Falar da região cacauera numa perspectiva histórica e, por vezes, ficcional, se fundamenta por ser, o cacau, um ícone da tradição regional e pelo poder atrativo que se constituiu, por várias décadas, e que desencadeou migrações na formação inicial dessa região. Essa realidade foi transformada em estórias veiculadas por várias partes sobre o “fruto de ouro”, que impressionavam os habitantes da região, bem como aqueles que aqui chegavam ou

---

<sup>8</sup> SOUSA, Mari Guimarães, COSTA, Moabe Breno Ferreira, OLIVEIRA, Adailson Henrique Miranda de - Narrativas Históricas e Literárias como Elementos Identitários da Região Cacaueira Sul-Baiana. Trabalho apresentado e publicado no III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT, UFBA, maio de 2007, Salvador BA.

que daqui tinham notícias, pessoas que ouviram falar sobre a monocultura cacaueteira, que leram um romance de Jorge Amado ou que assistiram à novela *Gabriela Cravo e Canela*, além das que, atraídas pela história se remetem a assuntos relacionados às capitãrias hereditárias, dentre as quais está Ilhéus, se mostrando curiosas sobre a formação social e cultural da região cacaueteira. No século XXI, os fatores de atração são outros, porém a cultura tem se encarregado de mitificar a história, eternizando aspectos emblemáticos da cultura do cacau, ao mesmo tempo em que se dinamizam outras áreas da economia.

Do ponto de vista de quem nasceu e se desenvolveu na região, falar do “fruto de ouro” (FIGURA 2) parece discurso óbvio. Discorrer sobre as histórias de menino, quando passava férias nas fazendas, embrenhados nos cacaueteiros (FIGURA 3), dos filhos dos fazendeiros que iam estudar nas grandes capitais, da administração das roças muitas vezes exercida pelo capataz da fazenda e não pelo seu proprietário, dos processos de secagem e pisagem das amêndoas nas barcaças (FIGURA 4), da economia registrada na caderneta dos armazéns das grandes propriedades, da política centrada no coronelismo, do relato de sangrentas emboscadas na luta pelo poder, ou do cálculo do preço de qualquer mercadoria em termos de arrobas de cacau era linguagem corrente, não só no meio rural, mas também no comércio das cidades e no ambiente familiar.

FIGURA 2 – Fruto cacau



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

FIGURA 3 – Cacaueiros



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

FIGURA 4 – Barcaças de cacau



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

São registros de uma região que sempre teve papel de destaque no contexto do estado da Bahia, principalmente no período em que a atividade cacauceira era o sustentáculo da economia. Entender o processo de formação da sociedade regional implica o conhecimento, através dos tempos, de como se formou a sua base econômica, suas relações internas e com o mundo social e a exterioridade dos elementos que a compõem. É o espaço social refletindo o campo de forças:

Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos, quer de grupos, existem e subsistem na e pela diferença. Isto é, enquanto ocupam posições relativas em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos (BOURDIEU, 2005, p. 48-49).

O perfil emblemático da região cacauera subsiste na diferença que é registrada e utilizada não só nos dados estatísticos e na bibliografia científica, mas também nas obras de ficcionistas como Jorge Amado e Adonias Filho que, através de seus romances, deram visibilidade à região, embasados em situações cotidianas de uma sociedade real. Pólvora, fazendo referência aos autores, pontua que:

Os autores que mais se dedicaram a contar histórias e a história sobre a cultura desse produto e sua influência na formação da região cacauera da Bahia, na vida social, política e econômica foram Jorge Amado e Adonias Filho. Enquanto Jorge Amado escreve de forma coloquial, imprimindo o linguajar de seus personagens *ipsis literi*, Adonias Filho o faz de forma mais rebuscada, utilizando o vernáculo da academia. Ou seja, enquanto o primeiro é mais preocupado com o que dizer, o segundo, em como dizer (PÓLVORA, 2001, p. 6).

Na literatura de Adonias Filho, mais precisamente em *Sul da Bahia: chão de cacau*, o autor apresenta um panorama histórico do cacau no sul da Bahia a partir do ano de 1746 por meio de ciclos: o primeiro ciclo é datado de 1746 a 1820, quando começaram o desbravamento das terras do sul da Bahia e as tentativas de colonização e penetração portuguesa fracassaram; o segundo ciclo vai de 1820 a 1895, quando a exportação atinge mais de 100 mil sacos. A fase é conhecida como dos desbravadores que conquistam as terras a fogo, pólvora e machado. Nesse período erguem-se os povoados, arruados e vilas. No terceiro ciclo, que vai de 1895 a 1930, o cacau é a base econômica de todo o estado da Bahia, e o Brasil um dos

maiores produtores mundiais. Inicia-se a fase lendária dos coronéis, remanescentes ou descendentes dos desbravadores. Há a transformação dos povoados em vilas e a consolidação de Ilhéus como “capital” da região. O quarto ciclo vai de 1930 a 1957, e nele ocorrem a estagnação e o declínio da produção e, como resposta, há a criação da Ceplac, visando ao apoio técnico da produção. Essa fase é chamada de fase de superação dos coronéis do cacau. Há o desenvolvimento regional e a transformação dos distritos em municípios. O quinto ciclo começa em 1957, sem data limite, e é descrito como o tempo em que os métodos de produção se modernizam e novas bases agrícolas e tecnológicas são influenciadas pela revolução verde (ADONIAS FILHO, 1976).

Os registros sobre o percurso do sul da Bahia como região cacauzeira surgem no século XIX. As discussões sobre a vida nacional brasileira a partir de 1868 atingiu âmbitos regionais nos seus aspectos políticos e econômicos. Essas análises perpassavam temas como a extinção do tráfico negreiro, a escassez da força de trabalho, o aumento do mercado interno e a urbanização. Era a busca de soluções para os problemas nacionais e regionais que se impunham. No caso da Bahia, a solução estava atrelada a uma atividade agrícola que demonstrava potencialidade em termos de plantio e se apresentava favorável no circuito da exportação: o cacau. A lavoura aparecia como solução para os problemas na balança de pagamentos vividos pela Província, além de se apresentar como opção para os excedentes de mão de obra livre das zonas açucareira, algodoeira e de pecuária. Simultaneamente, se apresentava uma solução econômica, política e social. Trabalhadores ociosos dos setores acima citados se engajariam em atividades voltadas para o mercado externo.

O governo provincial, no intuito de estimular a vinda de pessoas para as nascentes zonas de cacau, veiculava informações acerca do progresso individual, das terras como um bem ilimitado e apropriável por qualquer um que assim desejasse. Uma região privilegiada para quem se dispusesse a ir para lá ou a enfrentasse, pois teria recursos iniciais para sua manutenção. Toda essa propaganda era feita através dos jornais, das falas do presidente da Província, das correspondências oficiais, bem como da correspondência dos imigrantes, que era um fator eficaz de comunicação na divulgação dessas propostas. Porém, nem tudo se realizou dentro do previsto; apesar de toda a propaganda e das benesses oferecidas, a planta não foi considerada, inicialmente, como atrativa em termos comerciais. A dificuldade passava pela não inserção do cacau no circuito de comercialização interna, pois não havia tradição do seu consumo. O início da produção em grande escala decorreu de estímulos no mercado externo, no qual o novo produto foi se inserindo lentamente.

A partir do momento em que o cacau se consolidou como produto de exportação, profundas alterações ocorreram no sistema produtivo regional. Da agricultura familiar para a produção comercial, basicamente monocultora e gradativamente assalariada. Inicialmente, aqueles que chegavam se instalavam em terras devolutas na esperança de ter sua situação fundiária regularizada, se transformando em proprietários e produtores de cacau. Contudo, as dificuldades, principalmente quanto ao sistema de crédito, à rede de comercialização do produto, além da demora da primeira colheita, a interiorização das roças e a arbitrariedade da ocupação do solo terminavam por transformá-los em assalariados. Por vezes, em situações extremas perdiam as suas pequenas roças ou “buraras”,

que eram incorporadas às grandes propriedades.

Mesmo com todas as dificuldades, pois foram tempos marcados por fenômenos de várias ordens, demográficos, sociais, políticos e culturais, a região passou a ser reconhecida e a ser objeto de curiosidades e questionamentos. Tempo de chegada de levas de imigrantes, de desmatamento e plantio de roças, do surgimento de comerciantes e exportadores e da montagem de uma nova ordem política e administrativa. Começa, então, o surgimento da identidade da região cacauera, visto que o cacau passa a ser destaque como produto de exportação, suplantando o fumo. Nessa concepção sociológica de identidade, é construído um elo entre o mundo interior e exterior do indivíduo. Os significados culturais e os valores sociais são internalizados, “tornando-se parte de nós e contribuindo para alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos ocupados no mundo social e cultural. A identidade então costura o sujeito à estrutura” (HALL, 1997, p. 12).

A posição de liderança da cultura cacauera ultrapassa as flutuações conjunturais, a exemplo das duas grandes guerras mundiais e da crise econômica de 1929, eventos de grande impacto sobre o comércio exterior. Porém, mesmo com esse destaque, não havia uma política de apoio, nem significativa representatividade política, mesmo com a conjuntura existente. Foram necessários longos anos de presença ativa do cacau para surgirem as primeiras medidas de apoio. Os produtores reclamavam dizendo estar sempre, o produto, a mercê da natureza: variações climáticas, enchentes, inundações, falta de chuvas, pragas e moléstias. Os fenômenos naturais e as oscilações de mercado repercutiam sobre a produção e os valores das transações comerciais. Outra realidade era a falta de mão de obra e a escassez de braços na época da

colheita, fato que, nessa época, ainda não comprometia a produção, uma vez que as informações propagandeadas sobre terra fácil já tinham sido construídas em função das arbitrariedades nas posses das terras, o que provocava então, nesse momento, a chegada de mão de obra em períodos cíclicos, por ocasião da safra e do cacau temporão (fora de época), pois as fazendas ainda não tinham outras ofertas a fazer durante a entressafra.

Apesar das insatisfações, quando se reivindicava o apoio governamental não se discutia melhoria dos serviços agrícolas, nem introdução de novas tecnologias; a questão passava sempre por dar respostas às pressões externas, num viés característico de um espaço que priorizava mais para o individualismo e não o coletivo. Não se identifica, no espaço, o trabalho simbólico de constituição ou de consagração, necessário para criar um grupo unido que teria mais possibilidade de ser bem sucedido caso “os agentes sociais estivessem inclinados a se reconhecerem mutuamente e a se reconhecerem em um mesmo projeto político ou econômico” (BOURDIEU, 2005, p. 51), característica que posteriormente faria falta ao grupo dos produtores. O fato é que, mesmo com as intercorrências, o cacau firmou-se como o principal produto baiano de exportação, contribuindo de forma crescente para a receita estadual. Promoveu uma revolução transformando a estrutura socioeconômica baseada na policultura de subsistência na monocultura cacauzeira. O processo foi desorganizado e não associativo, porém, com uma dinâmica própria que interessava, pois apresentava retorno imediato de forma garantida.

Além dos nascidos na terra, chegavam milhares de pessoas de várias partes do país, principalmente de Sergipe, atraídos pela fama de riqueza atribuída à árvore de

frutos de ouro. Silva registra, no texto *As Origens de Itabuna – o mito e a história*, que

A narrativa segue conferindo o mérito de desbravamento aos primeiros imigrantes sergipanos e suas famílias: Félix do Amor Divino e José Firmino Alves. ‘A estes dois caboclos e aos demais membros da família Severino, deve Itabuna o início do seu desbravamento’. Nesta narrativa, se consolida o mito de fundação de Itabuna, que tem base na construção de uma memória local voltada para a formação de uma identidade (SILVA, 2002, p. 18, grifo do autor).

É o momento da formação da burguesia cacaueteira, com os seus grandes produtores, comerciantes exportadores e a mão de obra dos trabalhadores. São os atores da chamada civilização do cacau, atores que ficaram conhecidos através da ficção, mas que são reais na formação da civilização cacaueteira. Eles cultivaram e conviveram com o cacau como um signo regional de expressão e de identidade. “As sociedades têm histórias no curso das quais emergem particulares identidades. Estas histórias, porém, são feitas por homens com identidades específicas” (BERGER; LUCKMANN, 2002, p. 228).

No livro *A região cacaueteira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação*, Rocha (2008) descreve os perfis mais emblemáticos, constantes nas obras literais e ficcionais dos homens que compuseram o sul da Bahia. Perfis que, a depender do ponto de vista, são considerados estereótipos, pois conferem adjetivos, nem sempre consensuais, quando se analisa uma das pontas nas relações de poder, mas que, na literatura regional, foi o viés de destaque, principal-

mente em autores como Jorge Amado e Adonias Filho.

Os desbravadores – homens de pouca instrução, mas muita coragem e persistência. Lutaram diretamente com a mata e com os índios visando a sua ocupação. Algumas pesquisas indicam que não se utilizaram de recursos como a escravidão, nem do negro, nem do índio, o que o diferencia do senhor de engenho, porém essa informação não é consenso, pois outros estudos indicam a existência de alguns poucos pertencentes a três ou quatro famílias. Faziam o desbravamento pegando na foice e no facão, viviam em casebres e com o tempo e sua coragem foram adquirindo o respeito dos demais habitantes do lugar.

Os coronéis – a representação das elites locais. Seu poder não tem origem no tamanho da propriedade, mas na produção de cacau e no dinheiro conseguido com a sua venda. Entre os coronéis da região cacauzeira existia uma hierarquia constituída: os que faziam parte do topo da pirâmide social, política e econômica e o das escalas inferiores. No sul da Bahia o coronel não era necessariamente um homem rural, apesar de ter propriedades rurais. Vivia nas cidades da região onde, normalmente, era um político que decidia os destinos de sua cidade, sendo que a patente era importante para a vida político - partidária local. Fazia das vilas e das cidades palco dos seus mandos, elegia representantes e criava partidos políticos. Em muitos casos o desbravador tornava-se coronel, porém nem todos os coronéis do cacau foram desbravadores.

Os jagunços – capangas armados mantidos por grupos rivais. Tinham a função de defender o seu patrão. Homens perigosos, fortes e durões. Atuantes tanto na zona rural como na zona urbana, sempre a postos para dar proteção ao seu patrão. Em geral não precisava nem tomar conhecimento do assunto, pois a sua característica

principal era a obediência cega. Vinha de outras regiões da Bahia ou de outros estados, muitas vezes era um foragido da justiça.

Os caxixeiros ou contratistas – eram uma categoria de lavrador, contratados por um fazendeiro para fazer uma roça de cacau em uma determinada área da fazenda. Esse contrato era por tempo determinado. As obrigações do lavrador passavam por plantar e cuidar, e quando a árvore começava a frutificar, a safra era repartida em partes iguais e findava-se o contrato. No período do contrato, o lavrador podia plantar produtos para sua subsistência. Algumas vezes os proprietários não honravam os contratos e outras vezes o contrato se prolongava muito mais do que o previsto. Ambos os casos eram sinônimos de problemas. Havia, ainda, a figura do alugado, que era contratado para atividades diversas, não só da roça de cacau.

Pode-se acrescentar a essas categorias apresentadas por Rocha (2008) a figura do comerciante mascate e do comerciante exportador. O comerciante mascate exercia papel de relevância no trânsito entre as fazendas, tanto para os proprietários de terras como para os trabalhadores rurais. Eram geralmente migrantes que andavam nas propriedades vendendo artigos de armarinho e levando as notícias das cidades e de outras fazendas. Transportavam seus artigos em caixas:

A caixa era denominada de cachi e o itinerário era realizado por bairros afastados, até a zona rural. Quando acabavam as vendas no centro, os mascates buscavam os subúrbios até chegar às cidades do interior e de lá as fazendas e até os sertões. Houve mascates que empreendiam viagens com caixas pesando mais de 80 kg, na medida do crescimento do negócio, alugavam carregadores e até burros de carga. A prática da venda a prazo

também foi introduzida e em alguns casos não recebiam dinheiro e sim parte da safra referente à colheita da região onde estivessem. Aos poucos esse quadro vai se alterando e o mascate passa a vendeiro, e desse para comerciante, e até proprietário de terras (SANTOS, 2006, p. 74).

Os comerciantes ligados à exportação eram os próprios comerciantes do cacau, alguns estrangeiros e outros ligados a empresas multinacionais que, ao mesmo tempo em que lidavam com as exportações, também faziam transações com os pequenos produtores rurais – geralmente ligados à produção familiar que, por não ter quantidade significativa nem condições de armazenagem do fruto, ficavam submissos ao fazendeiro e ao comerciante de cacau.

O grau de submissão do burareiro ao comerciante, decorrência dessa dependência integral e do vínculo quase que estável, amplia-se e se desdobra entrando no terreno dos favores mútuos e da amizade instrumental que são o passo para o clientelismo político, que se expressa em fiéis eleitores a serviço do comerciante (BAIARDI, 1984, p. 38).

Trata-se da estruturação da hierarquia, da história e das narrativas ficcionais da região cacauera que, basicamente, começam a ser contadas a partir da época em que o cacau passa a ser o principal produto econômico da região. São os espaços históricos e literários refletindo as tensões e relações presentes no campo de poder simbólico ditado pela monocultura. A explicação passa pelo pressuposto de que, num primeiro momento, a saga do cacau foi capaz de equacionar as diferenças entre a elite

conservadora e os imigrantes que aqui chegaram; e a outra hipótese é a de que a história passa a ter maior ênfase a partir dessa época, quando é associada à noção de crescimento econômico. O espaço urbano é uma demonstração inequívoca de tal evidência. Quanto mais a região se desenvolvia economicamente, mais o espaço urbano se transformava. Em Ilhéus, a réplica do Palácio do Catete, o prédio da Associação Comercial, o palacete Misael Tavares, a construção do porto, as edificações com fachadas regulares, as praças, o alinhamento e alargamento de ruas, bem como a construção da catedral de São Sebastião, construída em estilo eclético, com “colunas gregas e abóbadas românicas misturadas a elementos góticos” (RIBEIRO, 2001, p. 27), representam símbolos do poder e da riqueza regional.

A memória, elemento essencial para caracterizar a identidade de uma região, buscava fixar o mito composto através da imagem formada pelo trabalho assalariado e livre de homens humildes, ao mesmo tempo em que descreve o perfil do coronel do sul da Bahia com características distintas de outros perfis existentes em outros lugares. O traço mais diferenciado é de que não se tratava apenas de um coronel e sim de vários coronéis. Eram considerados os principais agentes de progresso e, muitas vezes, encarnavam simultaneamente o papel de produtores e exportadores. Uma curiosidade relatada por Falcon é que

O *status* dos coronéis era legitimado pela obtenção do título efetivo da Guarda Nacional, que representava um número significativo, se comparado a qualquer outro município baiano. Entretanto, vale lembrar que o termo coronel era utilizado para designar todo grande fazendeiro de cacau que tinha prestígio junto

à população local, sendo assim, praticamente impossível diferenciar aqueles que realmente detinham a patente dos que de fato não a possuíam (1995, p. 56).

Independente da patente militar, o que sempre motivou discussões para os pesquisadores que buscaram entender a região foram às relações estabelecidas entre produtores e comerciantes. O que aparentemente poderia ser traduzido em um antagonismo ou conflito profissional entre os dois grupos, permitiu, numa dinâmica própria regional, a formação de um grupo misto que apesar de originariamente ter interesses distintos, a partir de determinado momento passou a desempenhar funções comuns, funcionando como uma só classe. Sobre essa união Freitas pontua:

A burguesia cacauqueira composta por uma elite de fazendeiros e comerciantes exportadores, formou-se da síntese produção, comércio e financiamento da lavoura e comercialização do cacau e derivados. Os comerciantes exportadores já chegaram à região com essa condição e viam a mesma como mais um espaço a ser explorado. Quanto aos produtores, ou seja, os grandes proprietários, sua maior preocupação era a ampliação da posse e da propriedade da terra. As relações sociais na produção, caracterizadas por uma intensa exploração da força de trabalho, aliadas ao enriquecimento rápido, onde havia fortunas de mais de mil contos de réis, em menos de 12 anos e a percepção da possibilidade de aumentar os lucros através da participação no comércio, motivou alguns desses coronéis a ingressar no comércio (2001, p. 125).

Esse grupo unificado, em sua essência, era a representação da elite ou burguesia cacauceira, apesar de continuar independente nas suas atividades autônomas. Atuava em dois planos diferentes: internamente mantinha um controle restrito de toda a sociedade regional, enquanto externamente tentava cooptar compradores, prestígio e dividendos para região. Tinha força dentro do espaço regional, porém, sofria pressão dos consumidores estrangeiros. De aparência forte, essa burguesia carecia do “trabalho simbólico de constituição de grupo” (BOURDIEU, 2005, p. 50), sendo incapaz de intervir de maneira decisiva nas diretrizes governamentais, característica que mais tarde também seria identificadora da região cacauceira.

A realidade começa a ser percebida de forma equivocada. O comportamento de uma classe passa a ser confundido com as necessidades regionais. As ambições, vontades e gostos apareciam como manifestações comuns a toda a sociedade, prerrogativa que se estabelecia como “não passível de discussão, para mostrar que as preferências ou julgamentos decorrem da posição do indivíduo no espaço social” (Bourdieu, 2002, p. 73). Porém, essa supremacia apresentou efeitos limitados, pois não avançou nas tentativas de ampliar o poder em nível estadual. Cansada de exteriorizar para si esse poderio, surge uma nova tendência a partir da segunda metade do século XX: uma zona agrícola de onde a classe dominante se ausentava. O que viria nas décadas subsequentes se traduzia no abandono da região por parte da sua elite social e política. Esse fenômeno foi bem característico das novas gerações, em primeiro lugar por razões educacionais, e depois, por uma conjunção de motivos que passavam por casamento, oportunidades profissionais, busca de outra cultura, lazer e ambição de poder. “Os maiores

donos dos frutos de ouro passariam a ser mais facilmente encontrados em alguma capital, principalmente Salvador e Rio de Janeiro” (FREITAS, 2001, p. 131).

Na região surgem, então, as figuras do capataz, do administrador e de delegados que efetivam uma representatividade, passando a externar as necessidades e reivindicações, porém, sem o mesmo interesse que deveriam ter os fazendeiros. Tais peculiaridades são definidoras de um entendimento próprio do conceito de região, em especial nas características que concernem a uma região de poderio monocultor. Para efeito comparativo, o conceito de região na visão tradicional é entendido como

Parte da superfície da terra dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em áreas dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros adicionais que diferenciam ainda mais cada uma dessas partes (CORREA, 1995, p. 22-23).

Em se tratando de história de uma região monocultora, onde estão imbricadas relações sociais e relações de poder, o entendimento acima citado contempla apenas os aspectos físicos, não privilegiando, talvez, os contextos mais significantes do espaço social. Numa perspectiva sociológica, a dimensão do espaço social tende a passar pela realidade vivenciada e pela produção da vida humana. Milton Santos (1997, p. 45) ressalta que “estudar uma região significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas, etc. com seus mais distintos níveis de contradição”.

Claudio Costa, historiador local, se pergunta como

poderíamos entender tal conceito, como o mesmo pode ser classificado. E afirma que são questões que ainda hoje desafiam geógrafos e historiadores. Porém, indo à etimologia da palavra, Costa explica que região é uma palavra derivada do latim *regere*, cujo radical *reg* indica comando, domínio ou poder. Dessa forma, o conceito de região associa-se à ideia de poder político, ou melhor, aos mecanismos de dominação que têm por base a manutenção hegemônica de um determinado modo de produção (COSTA, 2010), entendimento que se coaduna com a descrição de Bourdieu no que se refere à região como construção mediada por lutas de forças entre sujeitos de um dado espaço, que configura atos, práticas, objetivos que fazem ver e fazem crer e que se dão a conhecer e a ser reconhecidos como região. “Produto de uma imposição arbitrária, quer dizer de um estado anterior de relações de forças no campo das lutas pela delimitação legítima” (BOURDIEU, 2007, p. 115).

Analisado dessa forma, vê-se que não só os aspectos geográficos são preponderantes, mas também os aspectos históricos e sociológicos, principalmente no que concerne à cultura desenvolvida que, no caso específico, a monocultura do cacau, impôs. No registro de Costa,

A cacauicultura no sul baiano foi o fator predominante para a formação do conceito de região cacaueira. E ainda: impulsionada pela literatura amadiana e pela massificação da mídia, estabeleceram-se relações e sentimentos tão genericamente difundidos (nacional e internacionalmente) que acabaram por diluir outros aspectos (culturais, sociais, econômicos, políticos, etc.) também presentes nesse espaço geo-histórico ao qual comumente chamamos de região cacaueira (2010, p. 1).

## 2.2 A realidade da crise e as perspectivas do cacau

Desde 1986, a região cacauceira amarga os impactos de uma longa crise de preços devido a uma superprodução mundial de cacau. Para agravar a situação, em 1989, teve início o alastramento do fungo *moniliophthora perniciosa*, popularmente conhecido como “vassoura-de-bruxa” (vide fotos 4 e 5), doença que atinge os pés de cacau e inviabiliza a produção. A região, cuja economia estava centrada numa monocultura de exportação, viu a combinação preços baixos com fungo tomar proporção expressiva. A crise se aprofundou, os produtores se endividaram, houve abandono das plantações e aumento do desemprego rural e do urbano. Para a realidade regional, com consequências de âmbito mundial, o resultado não poderia ser mais desastroso: queda da safra, baixa rentabilidade da atividade econômica, baixo poder aquisitivo dos fazendeiros de cacau, aumento das dívidas comerciais e bancárias e o desemprego de milhares de trabalhadores. Na Folha de São Paulo de 19 de agosto de 2000 um artigo de Antonio Carlos Pimenta registra

Embora a região cacauceira da Bahia tenha solos de muito boa qualidade, clima úmido com boa distribuição de chuvas, aeroportos, energia elétrica, telefonia, rede bancária, estradas de rodagem, porto de boa calagem, universidade, boas instalações de pesquisa com importante acervo de conhecimentos agropastoris, empresariado dinâmico e empreendedor, nada disso corresponde à sua real situação. A região patina e continua atolada na maior crise de sua história (PIMENTA, A. C. 2000, 09).

FIGURAS 5 e 6 – Cacaueiros com vassoura-de-bruxa



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

Os espaços urbanos se constituíram em polos de atração de populações pobres de áreas rurais, criando a ilusão de que nas cidades existiriam oportunidades iguais para todos. Com esse pensamento, muitos trabalhadores

rurais deixaram suas casas em busca de emprego em cidades próximas. Dona Joveci Santos, trabalhadora rural, entrevistada no Sindicato dos trabalhadores rurais, em abril de 2009 relata que:

Essas pessoas quando chegaram aqui (Itabuna) e não tinham experiência com o trabalho da cidade se prestavam a fazer favores ganhando 50 centavos ou um real. Essas pessoas ficavam viciadas em ganhar assim, às vezes se tornavam avião pra bandido. Muitas meninas também engravidaram e vivem na miséria. O que bem tem aqui é gente que chega procurando emprego. Como ta difícil pra todo mundo, tem universitário que ta fazendo trabalho de quem não tem instrução. Como em São Paulo, as pessoas têm um sonho de ir pra Itabuna porque lá tem muito emprego. Mas é só um sonho. Eu adoro um programa chamado 'De volta pra minha terra'. Teve uma moça daqui que passou na televisão, ela foi espancada e o filho queimado de cigarro, ainda bem que conseguiu voltar.

A insistência do cultivo do cacau como economia monocultora e o relativo conforto que era trazido com essa cultura deixou, de certa forma, uma população despreparada frente a obstáculos não esperados. Momentos difíceis em função de configurações climáticas vinham e terminavam por ser, de certa forma, superados, porém deixando saldos negativos na economia agrícola. Mas, com o aparecimento do fungo, a *débâcle* foi sentida em larga escala numa abrangência que atingiu todos os setores e classes da sociedade, de âmbito urbano e rural. Pinheiro (2006) registra

Nosso saudoso pai, aqui chegou com 27 anos e comendo farinha seca com rapadura, em cima de lombo de animal: nos deixou uma propriedade que produzia em média 32 mil arrobas de cacau, havendo piques de 36. Houve na década de 1970 preços altos, chegou a sustentar dignamente 420 trabalhadores. [...] Desde o dia 29 de outubro de 1999, estamos vivendo no inferno, motivado pela invasão do MST, decorrente da entrada da vassoura-de-bruxa desde 19889.

Vai-se presenciar, a partir daí, todo um movimento de produtores rurais que passam a ter necessidade de negociar suas dívidas com os bancos, a recorrer a projetos de recuperação da lavoura e a enxugar o seu quadro de trabalhadores, e de trabalhar efetivamente em suas propriedades. “A vassoura-de-bruxa foi terrível para a Região Cacaueira, mas, por trás de todo o mal que causou, tem algo de bom, pois fez com que o produtor conhecesse melhor sua propriedade” (GESTEIRA, 2004, p. 1). Discurso semelhante ao do Presidente do Sindicato dos Produtores de Cacau de Ilhéus é o do Sr. Silvan, trabalhador rural, retirado da dissertação de ANDRADE, Maria Luiza Nora de. *Um estudo cultural do cacau* com perspectivas para o turismo (2004) que descreve essa realidade da seguinte forma:

Há 40 anos, o proprietário da roça onde eu trabalho estaria em Miami, telefonava para o administrador e dizia: eu quero tantas arrobas de cacau no pé em flor. Hoje é diferente, hoje ele tá dentro, mete a mão no arado, ele sua a camisa para manter o padrão.

---

<sup>9</sup> Depoimento de Miguel Pinheiro (<migpinheiro@acserv.com.br> 9 jul. 2006) retirado da tese de ROCHA. Lurdes Bertol. A REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA - UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE ARACAJU – SERGIPE 2006.

Os trabalhadores que foram obrigados a se deslocar das roças em busca de alternativas de sobrevivência sofreram grande impacto com a nova realidade. Costa Mata (2006) destaca que a população da região cacaeira tem tradição cultural acumulada para trabalhar e dominar tarefas agrícolas nas fazendas, desenvolver as atividades extrativas, porém, já há algum tempo, ante o processo de mudança de trabalho e das características desse mercado, começa a deslocar-se para as mais diversas ocupações. No entanto, a mão de obra utilizada nas novas frentes de trabalho não tinha sido preparada para as novas alternativas. Começa a se construir um novo discurso sobre o domínio e a competência na prestação de serviços que exigem, desses novos residentes urbanos, os migrantes das roças de cacau, a “prestação de um bom serviço”.

Mesmo que a nova configuração da região tenha apostado também em produtos e serviços que se apoiaram na vida rural, a exemplo do artesanato, turismo rural e de aventura nas fazendas, produções semi-industrializadas do fruto e seus derivados, “deslocando simbolicamente o cacau da fazenda para o ambiente do litoral, nas praias, áreas de lazer, hotéis, talvez com a visão de que a região volte a ganhar prestígio e outorgue sustentabilidade ao negócio” (COSTA MATA, 2006, p. 2), a mão de obra utilizada nas novas empreitadas não tinha sido preparada para as novas alternativas.

O trabalho, já citado, *Um estudo cultural do cacau com perspectiva para o turismo* (ANDRADE, 2004) expressa, de forma contundente, a voz do trabalhador rural. Nele a autora descreve várias percepções do trabalhador rural da Região Cacaueira sobre si mesmo e sobre a realidade regional vivenciada antes e durante a crise. A autora, em seu texto, defende a visibilidade da ótica e

da voz desses trabalhadores sobre a sua história e sobre a história da região. Citando Hall, fala da ruptura necessária com o discurso oficial quando “velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas” (HALL, 2000, p. 71). Muitos dos depoimentos encontrados nesse trabalho retratam os sentimentos de medo e incerteza, citados anteriormente, da angústia frente às perspectivas que se apresentam. Esses depoimentos assinalam, em sua maioria, a vassoura-de-bruxa como vilã, e como reflexo da crise, o desemprego para o “lado da parte mais fraca”. Esses trabalhadores verbalizam sua preocupação com aqueles que foram obrigados a migrar, acreditam que muitos possam estar vivendo em condições subumanas, “vivendo debaixo de viadutos”, sentem, pelos pais de família que tiveram que deixar mulher e filhos e que desejam voltar a trabalhar na terra. A sazonalidade também foi comentada em alguns depoimentos do trabalho de Nora. Algo aceito por falta de opção pelos trabalhadores. “Alguns fazendeiros contratam um número de trabalhadores maior entre junho/julho e novembro/dezembro e nas outras épocas eles fazem bicos” (ANDRADE, 2004, p. 158).

Esses agricultores se transformam, para sobreviver, em ajudantes de pedreiro, sapateiro, trabalham na feira e esperam que o serviço na roça aumente para que sejam de novo absorvidos. Aparece, dessa forma, a lógica do “menos mal”. Quando se percebem nesse momento de fragilidade, aceitam trabalhar seis meses, parar seis e voltar para trabalhar mais seis meses.

Em linhas gerais, esse pode ser considerado o retrato da chamada Região Cacaueira a partir do início dos anos

1990, quando o Brasil, até então, respondia pela segunda maior produção mundial, atrás apenas da Costa do Marfim. A realidade do fungo que causa problema, *a priori*, no âmbito rural, se alastra pelos diversos segmentos da sociedade criando uma nova realidade: a realidade da crise.

A evidência dessa realidade foi encontrada também em um trabalho de Rocha (2008), que fez levantamento com vários segmentos da população através de questionários, entrevistas, *e-mails*, poesias, telas, utilizando a linguagem verbal e não verbal. Foram consultados estudantes, fazendeiros, trabalhadores rurais, advogados, comerciantes, gerentes de banco etc. De cada grupo, a análise foi relativizada. Enquanto para os estudantes o cacau representa chocolate (20,5%), para os fazendeiros (32%), trabalhadores rurais (32,2%) e comerciantes (61,6%) ele remete a dinheiro. Se para 57% dos gerentes de banco o cacau significa meio para se ter capital de giro, para 50% dos advogados significa manutenção das atividades de seus escritórios, e para os outros 25%, riqueza para a região, o que resulta, de qualquer forma, na continuidade de suas atividades (ROCHA, 2008).

Segundo os dados analisados no trabalho acima citado, a visão sobre o cacau ainda se relaciona com riqueza e dinheiro circulante. Alguns aproximam a monocultura a sua história de vida, falando de seus pais e avós e de toda uma origem nas roças de cacau. Outros depoimentos se aproximam quase que de uma cultuação, falando da adoração pela terra, pela natureza, falando do prazer ao encontrar uma árvore carregada de frutos e o significado que isso tem para a subsistência familiar, para a criação e educação dos filhos. É citado com emoção, por vezes, idolatria. É um signo que continua sendo amado, mesmo que não seja o único sustentáculo econômico.

Essa adoração, muito atrelada à história, pode ser buscada nos registros literários. Jorge Amado, em seus livros, publicados num só volume, *O país do carnaval, cacau e suor* registra “No sul da Bahia cacau é o único nome que soa bem. As roças são belas quando carregadas de frutos amarelos. Todo princípio de ano os coronéis olham o horizonte e fazem as previsões sobre o tempo e sobre a safra” (AMADO, 1976, p. 131).

Sobre as situações de crise ou da vassoura-de-bruxa, a percepção veiculada pelos entrevistados acima citados é de prejuízo, desemprego, inchaço da zona urbana, tragédia e problemas que atingem não só fazendeiros e o meio rural, mas a sociedade de modo geral. No meio urbano, as oscilações do cacau, em termos de preço e comércio, são refletidas na sociedade e nos postos de trabalho. Alguns outros, distanciando-se desse pensamento, falam da crise como um sinal de alerta, não como um mal em si. Uma situação que funcionou como uma tomada de consciência para pessoas que tinham que mudar a forma de pensar a lavoura cacauzeira, para que se enxergasse a necessidade de modernização, de investimento em tecnologia, de maior aproveitamento do solo e de maior diversificação de culturas (ROCHA, 2008).

Nessa linha de pensamento, os pragmáticos acreditam que a cultura do cacau sai do empirismo para a utilização de tecnologias mais avançadas, que tira a sociedade de um estado de dormência e exige pessoas de mentalidade mais empreendedora e afinada com as novas tecnologias no trato da lavoura. Grande parte dos entrevistados espera ou aposta em um futuro promissor. Estes esperam a saída da crise através do cacau, demonstrando que este produto ainda é de vital importância para a vida econômica dos produtores e para a região. A relação de-

monstrada pelos entrevistados com a cultura cacauceira é tão emblemática que, quando se fala na política de diversificação com a possibilidade da introdução de novos produtos agrícolas, a aquiescência é imediata, desde que não seja para substituir o cacau, mas para conviver com ele. Tal entendimento é característico da fase de transição que permeia a tradição e a tradução numa região. A possibilidade das inovações respaldadas nas culturas híbridas é atraente, ao mesmo tempo permite que sobressaia a resistência em se negociar com o novo e o “temor de ser assimilado por ele, perdendo completamente suas identidades” (HALL, 1997, p. 96). Em matéria intitulada *O cacau no sul da Bahia*, Paiva registra:

Nos dias atuais, os produtores de cacau precisam, antes de mais nada, ser, também, amantes e idealistas, para voltarem a acreditar que vamos vencer a batalha contra a ignorância governamental e o mercado cruel. Seguimos teimosos, alimentados pelos sonhos de várias gerações, e acreditando em dias melhores onde teremos nossos méritos reconhecidos. Enquanto produtores, temos consciência que também somos protetores de um grande patrimônio ambiental e ecológico; também sabemos que nosso produto é o melhor do mundo, como comprovaram as sementes de João Tavares, as melhores em Paris, concorrendo com 150 produtores de 20 países. Temos muito que fazer, e a primeira coisa é obter o apoio do governo federal, que precisa ser mais sensato com a gigantesca dívida acumulada, e acreditar junto com a gente, unindo todos os esforços para que as sementes de cacau do sul da Bahia não sejam vendidas a 70 reais por arroba, um custo que não paga a produção. Os filhos do cacau não abandonam essa causa, mas precisam de reconhecimento. O cacau precisa ser

reconhecido como patrimônio cultural do Brasil e do Bahia, e precisa de suporte e propaganda para ser reconhecido no mercado internacional como produto da floresta, com seu devido valor socioambiental agregado<sup>10</sup> (PAIVA, 2011).

Uma prova de que os habitantes da região, principalmente os produtores ou ligados ao comércio do cacau, não desejam abrir mão da cultura agrícola que nomina a região é que a produção baiana de cacau continua reagindo. No *site* da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), a informação é que, se na safra de 1999/2000 foram produzidas somente 96.038 toneladas, na safra de 2003/2004 o aumento foi significativo, chegando a 144.195 toneladas (ZUGAIB; SANTOS; SANTOS FILHO, [200-]). As informações sobre a safra 2010/2011, segundo o presidente da Associação de Produtores de Cacau (APC) da Bahia, Henrique Almeida, foi excelente para a Bahia: “nós colhemos 151 mil toneladas” (SAFRA..., 2011, p. 1). Para o próximo ano a perspectiva é de 115 mil toneladas na safra que se encerra em março. Isso, ainda segundo o presidente, é natural nas plantas que produziram muito, pois há uma tendência de diminuição no ano seguinte. Além disso, no período de preparação para a safra de outubro até dezembro, choveu muito na região e houve baixa luminosidade.

Uma observação pertinente pesquisada, em relação à produção<sup>11</sup>, é a de que as iniciativas para o aumento e o retorno da estabilidade econômica passam pela ten-

---

<sup>10</sup> Paulo Paiva é jornalista, ambientalista e editor do blog **Acorda Meu Povo**. Artigo publicado em 25 de abril de 2011.

<sup>11</sup> <http://agricultura.ruralbr.com.br/noticia/2011/12/safra-2011-2012-de-cacau-registra-perdas-de-ate-40-3613012.html>

tativa de conter o êxodo rural que foi muito significativo nos primeiros anos da década de 2000, realidade que impactou a urbanização das cidades sul baianas. Do ponto de vista rural, o fenômeno da emigração foi representativo do declínio da lavoura, mas grande parte desse fluxo se concentrou nas cidades de Ilhéus e Itabuna, provocando desconforto nos homens da terra que, em busca da sobrevivência, tiveram que se estabelecer na zona urbana.

Como alternativas para o desenvolvimento e a fixação do homem no campo, surgem iniciativas como, por exemplo, projetos como a Cabruca<sup>12</sup>, que produz 200 toneladas de cacau orgânico por ano, chamando a atenção principalmente pelo uso do método de plantio conservacionista. Segundo Correa *et al.*, esse sistema

Contribui para a preservação ambiental da Mata Atlântica, assegurando, a nível local e regional, funções de interesse global na conservação da

---

<sup>12</sup> "Completoando 10 anos, a CABRUCU – Cooperativa de Produtores Orgânicos do Sul da Bahia – surgiu da união e parceria entre o IESB (Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia) e produtores rurais preocupados não somente com a conservação da fauna e flora, mas também com a preservação dos solos e recursos hídricos que compõem a Mata Atlântica do sul da Bahia. Atualmente a CABRUCU é representada por 39 cooperados engajados na agricultura orgânica, que contribuem diretamente com a preservação do meio ambiente e a produção de alimentos mais puros e saudáveis. Promovendo a certificação orgânica em grupo, a CABRUCU auxilia e facilita o processo de certificação de todos os seus cooperados através do Instituto Biodinâmico – IBD, garantindo ao consumidor a aquisição de produtos livres de insumos sintéticos, agrotóxicos e modificações genéticas, que não só são prejudiciais à saúde, como também ao meio ambiente; - produzidos com a preocupação na preservação ambiental, no sentido de realizar um processo constante de adequação ambiental dos cooperados com a averbação das suas reservas legais e recomposição de áreas de floresta de preservação permanente; – produzidos sob condições trabalhistas justas em todo o processo produtivo. Atualmente a CABRUCU tem como produto principal cacau certificado orgânico. Nestes últimos anos vem se desenvolvendo um forte trabalho visando à produção de um cacau de alta qualidade. Além da produção do cacau orgânico de qualidade, a CABRUCU incentiva a diversificação dos sistemas agroflorestais através do cultivo de palmeiras como açaí e pupunha, especiarias como pimenta-do-reino, cravo e baunilha, e frutíferas como o cupuaçu, cajá, banana, entre outras" (A CABRUCU, 2012, p. 1).

biodiversidade, por suas características de cultivo do cacau, sendo importante para a manutenção e crescimento da economia local e para a sobrevivência da população do meio rural e algumas questões relacionadas à construção do mercado de produtos oriundos do sistema cabruca (2010, p. 1).

Esse sistema de cultivo contrasta com os sistemas convencionais de monocultivo. É definido como um sistema ecológico que se baseia na substituição de extratos florestais por uma cultura de interesse econômico, implantada de forma descontínua e circundada por vegetação natural (LOBÃO, [200-]). São cultivadas no mesmo espaço culturas agrícolas com espécies lenhosas perenes, o que aperfeiçoa a produção agrícola, conservando o bioma mata atlântica. Além de ser um sistema voltado para a preservação, objetiva, também, introduzir as crianças no conhecimento do cultivo orgânico. A parceria estabelecida com multinacional coloca, hoje, crianças participando do projeto de permacultura. “Elas passam a se alimentar melhor e, segundo nos dizem as mães e professoras, prestam mais atenção nas aulas” (HOFFMANN, 2008, s/p)<sup>13</sup>

Outra vertente que vem ganhando espaço no mercado baiano é o cacau fino. Trata-se de um cacau que gera, para quem o produz, o dobro do lucro obtido com o fruto tradicional. Hoje, dez produtores estão nesse mercado, e por conta da alta rentabilidade, a produção do chamado cacau fino cresceu, entre 2005 e 2007, 130%, e chegou a 70 toneladas, (segundo a Associação dos Produtores de

---

<sup>13</sup> Artigo - Empresa suíça apóia produtores de cacau orgânico no Sul da Bahia - swissinfo, Geraldo Hoffmann 29. Janeiro 2008

Cacau Fino - APCF)<sup>14</sup>. A diferença entre o cacau comum e o chamado “fino”, certificado pela APCF, está na seleção dos frutos e na maneira como ele e suas amêndoas são manipulados. Os custos desse manejo são maiores que os do tradicional, mas a arroba do cacau fino é vendida pelo dobro do preço do comum. Já o quilo do chocolate produzido com a semente selecionada chega a custar R\$ 120,00, cerca de quatro vezes o valor do chocolate fabricado com cacau não selecionado<sup>15</sup>. No manejo, há um cuidado todo especial na remoção das sementes. A quebra do fruto é feita com facão e precisa ser cautelosa para não cortar as sementes. As amêndoas sem cotilédone, ou seja, que só têm casca são descartadas. O mesmo acontece com as que germinaram. No processo de manejo do cacau comum, todas essas sementes são levadas para a secagem e fermentação.

Os cochos utilizados para a fermentação do cacau fino são menores do que os normalmente usados pelos produtores. Comportam cerca de 500 quilos de sementes, ao invés de 900 quilos. Com menos sementes no recipiente, é possível controlar melhor a fermentação e permitir que a temperatura seja mais homogênea. O tempo de fermentação é maior: entre cinco e sete dias. Na produção tradicional, feita por cerca de 25 mil cacauicultores do estado, o tempo é de dois a três dias. O cacau fino está longe de ser a solução para os problemas da cultura na Bahia, mas pode ajudar alguns fazendeiros aumentando sua renda com a lavoura. “É a mesma história do vinho. Nem todos vão conseguir fazer um cacau de

---

<sup>14</sup> **Produção de cacau fino ganha espaço na Bahia** - ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA CEPLAC. Clipping - Valor Econômico -25 de março de 2008.

<sup>15</sup> Revista Bahia Agrícola vol 09, 2011 ISSN 1414 2368. Edição especial 15 anos. (<http://www.seagri.ba.gov.br>).

qualidade, é preciso dedicação. Mas é uma alternativa”, diz João Tavares, produtor e incentivador da produção do cacau fino<sup>16</sup>.

O exemplo citado traz a mudança de uma perspectiva da monocultura, porém, com a mesma matéria-prima: o cacau. A ideia de uma evolução regional não precisa perpassar apenas por outros cultivos, mas importa estar atento às possibilidades de mudanças. A ideia fechada de evolução linear segundo leis que as ações humanas não possam modificar não procede nos dias atuais. “As leis sociais são regularidades limitadas no tempo e no espaço, que duram enquanto durarem as condições institucionais que as sustentam” (BOURDIEU, 2005, p. 82). As lutas em função da crise, que se refletem nas lutas por posições que são travadas permanentemente na região, a reconfiguração nos mecanismos de dominação, aliada às ações sociais em prol da abertura de novas frentes na economia são estratégias de mudanças.

O cacau é um importante produto de exportação para diversos países. Com frequência, regiões inteiras de um país dependem do seu cultivo – como o sul da Bahia, durante praticamente todo o último século e meio. Com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Cacau, o Governo tenta, nesse Estado, revitalizar a cultura cacaeira, depois da grande crise ocasionada pela vassoura-de-bruxa’, por meio de apoio aos produtores e da construção de fábricas de processamento de cacau. Ao mesmo tempo, iniciativas de comercialização são estimuladas, por exemplo, através da presença da Bahia no Salão do Chocolate de Paris no ano

---

<sup>16</sup> **Produção de cacau fino ganha espaço na Bahia** - ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA CEPLAC. Clipping - Valor Econômico - 25 de março de 2008.

passado, e da intenção do governo de promover um 'Salão' semelhante na Bahia. Porém, na Bahia e no Brasil, o cacau não tem apenas uma importância econômica. Ele também influenciou profundamente a sociedade e a cultura. Aqui, o cacau torna-se tema (por exemplo, de toda uma série de romances de Jorge Amado) ou também material (como no exemplo da arte de Vick Muniz) de importantes testemunhos culturais. Além disso, podemos verificar que, na última década, produtos nobres derivados do cacau foram ficando cada vez mais em moda em toda a Europa, conferindo aos seus consumidores status e distinção (GOETHE INSTITUT, 2011, p.1, grifos do autor)<sup>17</sup>.

Por mais tradicional que seja a maneira de caracterizar um espaço, com suas disposições e *habitus*, o permanente contato com as novas experiências desestabiliza as estruturas fixas, criando ou resultando em novas possibilidades. Com esses exemplos se atesta as tentativas de grupos para o soerguimento da economia pelo vértice cacau, porém, com a abertura de novas frentes que passam também a caracterizar a região, a universidade, conseqüentemente, o ensino superior, foi a possibilidade escolhida para ser analisada.

---

<sup>17</sup> <http://www.goethe.de/ins/br/sab/ver/kao/pan/ptindex.htm>

## **CAPÍTULO III**

A Uesc hoje é a instituição de maior credibilidade na região cacauera. Eu digo sempre que o maior legado do cacau para essa Região foi a construção da Universidade. Nós não podemos deixar de reconhecer o quão importante foi a criação dessa Instituição, na década de 1970, quando seus idealizadores pensaram em criar uma universidade no sul da Bahia. Ao longo desse período, a Uesc cresceu, se consolidou em muitas ações, em outras ainda precisa passar pelo processo de consolidação, mas, com certeza, a Uesc hoje é a Instituição de maior credibilidade existente na região cacauera. Temos o reconhecimento não só nacional, mas somos reconhecidos por uma série de institutos internacionais, como uma Instituição altamente qualificada no desenvolvimento de uma série de ações e isso faz com que tenhamos mantido essa região respirando depois da crise do cacau. A partir da década de 1990, com o acontecimento da vassoura-de-bruxa, se essa região não tivesse a Uesc estaria numa situação muito mais difícil do que se encontra hoje. Não só pelo movimento financeiro que a Universidade faz circular anualmente, mas acima de tudo, pelas possibilidades de reconhecimento e de ações que são feitas através

da Universidade para a região. Então, entendo que a Uesc passou da fase não só de fazer a integração regional, a construção dessa massa crítica regional e ter uma interação muito forte com a sociedade, mas tem, hoje, uma série de planos e programas estabelecidos para a Região que passam pela própria Universidade <sup>18</sup>

Segundo Bourdieu, a história do campo é a história de suas lutas, ou seja, os agentes e agências se encontram numa competição contínua para determinar as regras responsáveis por regê-lo, e a vitória nessas contendas implica acumular, mormente bens simbólicos, como o prestígio, o reconhecimento e o sucesso, atributos que garantirão... ao vencedor, as batatas! Quais sejam, a hegemonia no campo<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Trecho da entrevista concedida por Antônio Joaquim Bastos da Silva, reitor da Uesc, entre 2004 - 2011, ao site da Uesc em 23/12/2011.

<sup>19</sup> Trecho do artigo JOGOS HABITUAIS – SOBRE A NOÇÃO DE HABITUS EM PIERRE BOURDIEU E NORBERT ELIAS, de Tatiana Savoia Landini – Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do curso de ciências sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). 04/2007.

## **OS ESPAÇOS DA PESQUISA**

### **3.1 A universidade como vetor de crescimento regional**

A implantação do ensino superior em determinado espaço ganha referência de desenvolvimento, sinalizando novas perspectivas nos contextos econômico, político, e cultural do seu entorno, assumindo importância singular na dinâmica dos processos internos e externos de crescimento, articulados com as demais instituições nos espaços regionais. As posições ocupadas por tais instituições compreendem a formação acadêmica sistematizada, as ações de inovação tecnológica, de produção e difusão da ciência e cultura, além de qualificar os diferentes níveis de ensino do próprio sistema educacional, alavancar as iniciativas de pesquisa, fomentar os resultados nos espaços onde se insere a instituição e lidar com os efeitos que o próprio desenvolvimento imprime sobre a vida social, o meio ambiente e as pessoas. Estão classificados em três tipos:

instituições (faculdades, cursos) orgânicas, que surgem de determinadas necessidades práticas e desaparecem quando essas mudam; instituições (faculdades, cursos) tradicionais, que mantêm com o desenvolvimento econômico uma relação indireta, perdurando em todas as fases econômicas; um terceiro tipo, que chamaríamos de mista: orgânico-tradicional – pois abriga cursos tradicionais e orgânicos (BUFFA, 2005, p. 172).

Para referendar a aplicabilidade dos estudos de instituições tradicionais, mais precisamente de uma universidade, relacionando-a ao espaço onde está inserida, e ao mesmo tempo trabalhar com os efeitos que o desenvolvimento imprime, faz-se necessária a articulação entre universidade e contexto regional, pois tal articulação constitui-se em importante indicador da interrelação existente entre os fatores que particularizam as instituições universitárias, quando analisadas nos seus contextos locais. O sentimento recíproco de pertencimento que se estabelece nessa articulação confere, à universidade e ao seu entorno, um estreitamento de relações benéfico a ambas as partes, um movimento de alimentação e retroalimentação constante, sem, em absoluto, perder seu caráter de universalidade.

Não há, entretanto, como negar que as articulações que perpassam as relações da instituição e do seu entorno estão alicerçadas em um conjunto de interesses onde estão em jogo relações de poder e hegemonia, sob o ponto de vista político e econômico. Esses interesses estão relacionados com a respeitabilidade que uma instituição de ensino superior imprime, por ser um lugar de produção de verdades científicas. Sobre a importância concedida à cientificidade, Bourdieu registra:

Se a cientificidade socialmente reconhecida é uma aposta tão importante é porque, embora não haja uma força intrínseca da verdade, há uma força da crença da verdade, da crença que produz aparência da verdade: na luta das representações, a representação socialmente reconhecida como científica, isto é, como verdadeira, contém uma força social própria e, quando se trata do mundo social, a ciência dá ao que a detém, ou que aparenta detê-la, o monopólio do ponto de vista legítimo (2011, p. 53).

Sob o pano de fundo das relações sociais, entram em diálogo as produções da academia e sua aplicabilidade na comunidade que, *a priori*, podem ser analisadas numa perspectiva bastante localizada, mas que se ampliam devido ao caráter universal que detém uma instituição universitária. Requisitos, pois, são necessários para a instalação de uma instituição universitária:

Dada a sua natureza, são levados em consideração aspectos infra estruturais materiais e sociais, composição dos orçamentos públicos, estrutura de gastos públicos, impactos sobre comportamentos individuais e coletivos, sobre a economia, cultura, política e história locais. Isto porque esses espaços detêm a representatividade política e econômica e concentram os setores mais dinâmicos de influência no seu entorno, podendo gerar um fluxo multidimensional do 'vivido' territorial pelos membros daquela localidade (MIDDLEJ, 2003, p. 9).

Nesse sentido, a região de influência contribui para a sustentação das ações da universidade, à qual cabe a função precípua de articulação entre o saber científico e

a realidade social, pois, apesar de ser atribuída à ciência “uma eficiência social que vai crescendo à medida que os valores científicos são mais reconhecidos, ele só pode receber sua força social do exterior” (BOURDIEU, 2011, p. 97). A implantação, o desenvolvimento, a expansão e consolidação de uma instituição do porte de uma universidade estão atrelados ao seu espaço, bem como ao *corpus* que a compõe e à dinâmica empregada nas várias áreas do conhecimento.

Duas vertentes podem ser elencadas quando se pensa a dinâmica que uma instituição de ensino imprime à sua região. A primeira remete diretamente ao foco do desenvolvimento em que ela se traduz. Com a descentralização administrativa, os municípios passam a ter a corresponsabilidade quanto às políticas desenvolvimentistas municipais, e a preocupação com o setor secundário como impulsionador do desenvolvimento econômico começa a ser ampliado pelo fato de se perceber que o crescimento de instituições de ensino superior também é fator impulsionador de desenvolvimento. Numa pesquisa sobre a região de Vitória da Conquista, no sudoeste baiano, pesquisadores partiram da hipótese de que

se as Instituições de Ensino Superior em Vitória da Conquista atraem recursos e excedentes externos e se formam um arranjo produtivo local, então essas possuem características que podem impulsionar ou contribuir para um desenvolvimento local (SANTOS, 2007, p. 14).

A relevância da pesquisa se apresenta nos resultados que corroboram a hipótese enunciada, pois os levantamentos realizados demonstraram que as “IES possuem características de atividade econômica impulsionadora

de crescimento econômico local, uma vez que atraem recursos de outras esferas governamentais e excedentes externos. Tais recursos mostraram grandes impactos na economia do município de Vitória da Conquista, apesar da aglomeração formada por elas não poder ser considerada como um arranjo produtivo local (SANTOS, 2007). Em entrevista intitulada *O ensino superior não pode ser de elite*, o professor Elias Lins (2012, p.1)<sup>20</sup> respalda a pesquisa de Vitória da Conquista quando diz:

– A Universidade dentro da sua missão, como já ressaltai, tem o dever e a responsabilidade social de possibilitar o desenvolvimento regional. E como é que isso acontece? Criando, gestando tecnologias, produzindo conhecimento, formando mão de obra qualificada para atendimento das demandas do mercado.

A segunda dinâmica está atrelada ao deslocamento de pessoas para esses espaços, à realidade quanto à atratividade de imigrantes para uma região diferente no que se refere a espaços diversos na nação brasileira. Em se tratando de migrantes de mão de obra qualificada que têm como fator de atração o ensino superior, alguns exemplos podem ser citados, pois tiveram como elementos significativos no seu desenvolvimento a implantação e o dinamismo do ensino superior. Ainda na década de 1970, o estado de São Paulo viveu o movimento de interiorização do ensino superior, movimento que, a partir da década de 1990, ganha contorno nacional tanto no âmbito público como no particular. Fora dos grandes centros

---

<sup>20</sup> O ensino superior não pode ser de elite Entrevista do Professor Elias Lins Guimarães, em 25/09/2012 para o site da Uesc.

foram sendo descobertas excelentes opções, fator que se traduziu nas diversas instituições de ensino superior e no oferecimento de cursos adequados às realidades locais. “Quando uma cidade apresenta uma economia interessante e próspera, as universidades se interessam pelo local e passam a investir na região”<sup>21</sup> diz Danilo Iglori, professor de economia da USP. O reitor da Universidade Federal de Roraima, Roberto Ramos, corrobora o que afirma o professor da USP, quando afirma que:

Os *campi* em locais afastados ou até mesmo em regiões menos populosas são extremamente importantes para o desenvolvimento econômico local, e principalmente, para a sociedade ao redor da instituição. Os conhecimentos científicos e tecnológicos dão à comunidade a possibilidade de ampliar a visão de mundo em que vivem. Os benefícios vão além do saber, uma vez que a instituição pode articular a alocação de recursos para obras e pesquisas que vão transformar a vida da região<sup>22</sup>

As análises sobre os benefícios da interiorização perpassam por vários fatores, que vão da necessidade de ampliar o acesso ao ensino superior, à preocupação com o inchaço das grandes metrópoles, bem como com o custo de vida nas cidades interioranas que é bem mais acessível que o das grandes cidades. O reitor da Universidade Federal do Semiárido (Ufersa) lembra que “Outro ponto que contribui para o desenvolvimento regional é que a universidade é um exemplo de instituição que aproveita

---

<sup>21</sup> Revista Ensino Superior Unicamp - Edição nº 10 | Janeiro-Março de 2010  
<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos>

<sup>22</sup> Revista Ensino Superior Unicamp - Edição nº 10 | Janeiro-Março de 2010  
<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos>

as características geográficas locais”<sup>23</sup>. As estatísticas apontam que, no ano 2000, havia no interior do país 745 instituições de ensino superior, entre públicas e privadas. Em 2005 esse número chega a 1396 instituições fora dos grandes centros, segundo o Censo de Educação Superior realizado no mesmo ano.

A cidade de Montes Claros, em Minas Gerais, pode ser apresentada como exemplo do que se está falando. A região tem sido analisada sob a ótica da educação superior, considerada elemento potencializador para a dinâmica da economia atual. Em um artigo intitulado *Cidade média, polarização regional e setor de educação superior: estudo de Montes Claros, no norte de Minas Gerais*, a doutora em geografia, da Universidade Federal de Uberlândia, Beatriz Soares (2010), registra que até o final dos anos 1980 Montes Claros era conhecida como uma região industrial. A partir da década de 1990, os investimentos nesse setor sofreram uma regressão, pois algumas indústrias fecharam, faliram ou mudaram para outras regiões. A alternativa foi buscar outros caminhos (SOARES, 2010).

A evolução do segmento educacional na região justificou o levantamento feito por Soares (2010) nas principais instituições de ensino superior existentes na cidade, identificando a quantidade e os cursos oferecidos, o número de alunos matriculados de graduação e pós-graduação, bem como a procedência dos acadêmicos. Essa variável remete à realidade migracional destacada nessa pesquisa, pois trata-se de um registro sobre cidade média que se tornou atraente para migrantes que procuravam melhores

---

<sup>23</sup> Revista Ensino Superior Unicamp - Edição nº 10 | Janeiro-Março de 2010  
<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos>

condições de vida e emprego e que contribuiu para o redirecionamento dos fluxos migratórios no Brasil.

De acordo com o PIB de Montes Claros, no período de 1998 a 2007, a educação superior foi considerada um dos principais vetores do crescimento econômico para a cidade. O ensino superior atraiu pessoas de outras regiões do estado e de outros estados do país, refletindo no aumento dos fluxos e na organização espacial da cidade. Essa atração é decorrente da infraestrutura que a cidade possui nesse setor:

13 instituições de ensino superior, sendo a IFNMG, a UFMG e a UNIMONTES públicas, e as demais privadas, além de instituições no formato de ensino a distância. Algumas EaD possuem prédio próprio, onde oferecem parte de seus cursos (SOARES, 2010, p. 65).

Com essa realidade, Montes Claros tem sido considerada polo universitário, pois além dos fluxos motivados pela oferta do ensino, também promove mudanças nas demais áreas da sociedade, a exemplo da economia e da cultura, pois insere novas dinâmicas no modo de vida urbano e na funcionalidade espacial.

Em outro estado, São Paulo, a cidade de São Carlos, que tem população estimada em 220 mil habitantes, é apresentada também como região desenvolvida, principalmente por ser um polo de atração em função da educação superior. É denominada de Capital da Tecnologia, pois suas universidades e seus centros de pesquisa são reconhecidos por sua excelência e diversidade. São dois campi da USP, a Universidade Federal de São Carlos, dois centros de atividades da Embrapa, o Centro de Pesquisa de Pecuária do Sudeste e o Centro Nacional de

Pesquisa e Desenvolvimento de Instrumentação Agropecuária, além da fundação ParqTec que promove o desenvolvimento do polo tecnológico de São Carlos.

Diante dessa realidade, há uma grande concentração de professores, pesquisadores e cientistas na região, o que contribui para o desenvolvimento de outros setores da sociedade, realidade que reforça o que Bourdieu (2011, p. 256) traduz como “indicador do capital de poder e prestígio científico”, que são as ligações efetivadas entre professores e pesquisadores do ensino superior com os centros de pesquisa. A atividade industrial é um exemplo, pois em função da alta tecnologia produzida, empresas como a Volkswagen, Tecumseh, Faber Castell, Eletrolux se instalaram na região. Como efeito positivo, o comércio atende às necessidades da região oferecendo produtos e serviços de qualidade. Em artigo intitulado *Educação Superior e o estado de São Paulo*, a interação entre os diversos setores da cidade que tem como resultado o desenvolvimento é evidenciado:

No estado de São Paulo a relação universidade e desenvolvimento econômico, sobretudo tecnológico, sempre esteve presente. Se nos anos 30 e 50 as escolas superiores traziam a marca da economia cafeeira e da incipiente industrialização, nas últimas décadas a tecnologia de ponta e o aumento do tempo livre têm determinado a criação de cursos superiores diferentes dos tradicionais tais como: jornalismo, comunicação, imagem e som, computação, turismo, ecologia, hotelaria, design, tecnologia de alimentos, etc. A própria ideia dos parques tecnológicos surgiu nas universidades paulistas nos anos 80 com a colaboração do CNPq. Ainda hoje o estado defende a idéia de criar quatro grandes parques tecnológicos com focos

temáticos, onde as universidades ou institutos de pesquisa interajam com empresas privadas. Campinas estaria voltada para a tecnologia de comunicação e informação, São José dos Campos para a tecnologia aeroespacial, São Carlos biotecnologia e São Paulo nanotecnologia e novos materiais (BUFFA, 2005, p. 174).

Os dois exemplos, Montes Claros, Minas Gerais, e São Carlos, São Paulo, dão visibilidade e identificam o desenvolvimento em espaços que anteriormente tinham a sua construção histórica ligada a outros fatores que não a educação superior. Montes Claros era definida como cidade industrial, e a cidade de São Carlos diretamente atrelada à cultura do café, no entanto hoje se tornaram referência tanto na esfera das faculdades particulares como das instituições públicas, ramificando seu desenvolvimento e seus investimentos também na área empresarial. A realidade foi alterada, ampliando a diversificação dos setores, modificando ou reconfigurando a identidade regional.

Também na construção da identidade regional do sul da Bahia, especificamente das cidades de Ilhéus e Itabuna, o emblema que norteou durante muitos anos a atração e identificação dessas cidades foi a monocultura cacaueteira. Esse contexto não se refere a um passado remoto, mas faz parte do presente, porém diluído em tantos outros fatores de atratividade que passam a compor a região nas décadas finais do século XX e início do século XXI. Dentro da perspectiva de outros cultivos agrícolas, indústria do turismo e avivamento e expansão de um comércio local, a presença de uma universidade pública se constitui em um diferencial que exerce atração significativa para o fenômeno de uma migração

contemporânea. A Universidade Estadual de Santa Cruz, reconhecida como universidade a partir da década de 1990, se consolida e expande suas áreas, ancorando a criação de quatro faculdades particulares. Duas na cidade de Itabuna: Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC) e União Metropolitana de Educação e Cultura (Unime) (FIGURAS 7 e 8), e duas na cidade de Ilhéus: Faculdade Madre Taís e Faculdade de Ilhéus (FIGURAS 9 e 10), onde encontra-se também a Unopar, Faculdade a distância (FIGURA 11); além da implantação de um Instituto de Ensino Superior, o Instituto Federal da Bahia (IFBA), em Ilhéus, na mesma rodovia onde está situada a Uesc (FIGURA 12).

FIGURA 7 – FTC



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

FIGURA 8 – Unime



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

FIGURA 9 – Faculdade Madre Taís



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

FIGURA 10 – Faculdade de Ilhéus



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

FIGURA 11 – Unopar



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

FIGURA 12 – IFBA



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

Existe, o projeto de instalação da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSBA) para o ano de 2014, construindo assim um espaço atrativo de migrantes de mão de obra qualificada, mais precisamente, migrantes acadêmicos. Abaixo, dois registros, o primeiro da vice-reitora da Uesc – Adélia Pinheiro e o segundo do Deputado Josias Gomes sobre a chegada da instituição federal:

Ao falar para empresários e convidados especiais na última reunião da Associação Comercial de Itabuna, realizada na segunda-feira (26) à noite, a vice-reitora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Adélia Pinheiro, voltou a defender a tese de que a vinda de uma universidade federal para o sul da Bahia não representa qualquer ameaça à Uesc. 'Pelo contrário, as duas juntas se complementam. Tanto uma como outra terão papéis importantíssimos em nossa região, onde a Uesc já atende a 72 municípios. Na prática, com a chegada da UFESBA estare-

mos avançando na ideia da complementação, porque estaremos ampliando capacidades, com mais tecnologia, mais pesquisa, mais ações de extensão, enfim, com muito mais elementos capazes de contribuir para o avanço e as transformações de que a sociedade necessita', declarou (FEITOSA, 2011, p. 1, grifos da autor)<sup>24</sup>.

A Bahia vive uma experiência acadêmica da maior importância. Na região cacauceira está sendo implantada, não sem dificuldades, a Universidade Federal do Sul da Bahia. A nova instituição nasce com o objetivo de priorizar o ingresso de estudantes do Sul e do Extremo Sul baianos. Segundo levantamento realizado pela equipe que coordena o projeto da UFSBA, cerca de 17.000 jovens concluem anualmente o Ensino Médio, na área abrangida pela futura instituição, e não têm acesso à universidade pública, e, portanto, gratuita. E é isto o que ocorre, mais uma vez, neste final de ano (GOMES, 2012, p. 1)<sup>25</sup>.

### **3.2 Entre as cidades de Ilhéus e Itabuna: a Universidade Estadual de Santa Cruz**

A Universidade Estadual de Santa Cruz - Uesc (FIGURAS 13 e 14) está localizada na cidade de Ilhéus, no sul da Bahia. Situa-se entre os polos urbanos de Ilhéus e Itabuna, a quase 500 quilômetros da capital, Salvador, tendo como área de abrangência, além da região centrada nesses polos, a região do extremo-sul da Bahia. É uma das principais instituições de ensino superior nesse vasto espaço

---

<sup>24</sup> <http://www.politicosdosuldabahia.com.br/v1/2011/09/28/adelia-pinheiro-diz-na-aci-que-ufesba-e-uesc-se-completam>

<sup>25</sup> <http://www.pimenta.blog.br/2012/12/20/ufsba-milhares-de-jovens-de-itabuna-e-da-regiao-cacauceira-nao-podem-continuar-sem-opcao-universitaria-publica/>

do território baiano. Na página de abertura do site institucional, ao descrever sua localização e a aposta no ensino superior para a região, registra-se também a importância da cacauicultura para a região sul da Bahia.

A Uesc se localiza numa área privilegiada historicamente, conforme referido, ou seja, na biosfera do Descobrimento o berço do Brasil. Ilhéus e Itabuna, municípios dessa grande região cacauzeira, têm uma história de lutas em seus primórdios, profundamente marcadas pela implantação da cultura do cacau, o “fruto de ouro”. Esta grande região, hoje, face ao período crítico que atravessa a lavoura cacauzeira desde 1987, entra num momento de fortes reflexões e busca de alternativas e soluções, inclusive na área técnico-científica, que suscitam outras formas de produção e de riqueza. Nesse contexto, emerge a Universidade Estadual de Santa Cruz - Uesc que, pelo suporte científico que se lhe impõe, aponta e orienta para a diversificação da produção agrícola, para a formação de mão de obra especializada, para a criação de novas áreas de estudo e trabalho. A Uesc faz-se, portanto, o grande centro irradiador de cultura e, mais que isso, de esperança para o desenvolvimento regional de todo o sul baiano ([www.uesc.br](http://www.uesc.br) – acesso em 05/052011).

FIGURA 13 – Vista panorâmica da Universidade Estadual de Santa Cruz



Fonte: ASCOM/ Uesc, 2011

FIGURA 14 – Entrada do *campus* da Uesc



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2012.

No Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), um resumo histórico da conformação da Universidade Estadual de Santa Cruz também registra a influência da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) na criação da universidade:

[...] teve sua origem nas escolas isoladas criadas no eixo Ilhéus/Itabuna, na década de 60. Em 1972, resultante da iniciativa das lideranças regionais e da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), as escolas isoladas (Faculdade de Direito de Ilhéus, Faculdade de Filosofia de Itabuna, e Faculdade de Ciências Econômicas de Itabuna) congregaram-se, formando a Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna – FESPI. Reunidos em *Campus*, na Rodovia Ilhéus/Itabuna, no município de Ilhéus, pelo Parecer CFE 163/74, os estabelecimentos de ensino foram ganhando maturidade e competência, criando as condições para pleitear o *status* de Universidade. Mantida, entretanto, por uma fundação de natureza privada, o acesso a seus cursos tornava-se particularmente difícil, considerada a realidade regional. Assim, a Federação reorientou-se no sentido de tornar-se uma fundação pública. Em 1991, depois de muitas lutas, esse grande anseio tornou-se realidade, estadualizando-se a Federação. Em 05 de dezembro de 1991, o então Governador do Estado incorporou a FESPI, escola particular, ao quadro das escolas públicas de 3º grau da Bahia, pela Lei 6.344 de 06/12/91. Em 1995, a Uesc teve seu Quadro de Pessoal aprovado pela Lei nº 6.898, de 18 de agosto de 1995, publicado no Diário Oficial do Estado dos dias 19-20 seguintes, ficando reorganizada sob a forma de Autarquia. Emerge, portanto, a Uesc como a mais nova IES, das quatro mantidas pelo Governo da Bahia, fortemente vinculada à sua região (2009, p. 1-3).

Em se tratando de origem, um registro de 1974 (FIGURA 15) apresenta a estrutura espacial da Universidade Estadual de Santa Cruz e a construção dos seus primeiros pavilhões.

FIGURA 15 – Vista panorâmica da construção da Uesc, em abril de 1974



Fonte: ASCOM/ Uesc, 2011

A citação acima, retirada do PDI, é colocada para caracterizar o surgimento da instituição, porém os dados relevantes, para esse trabalho, estão centrados na implantação dos novos cursos e dos concursos públicos que atraíram várias famílias para essa região. Com base nos relatórios anuais da instituição, mais especificamente os do início da década de noventa, o organograma apresenta as três faculdades que compunham a Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna: Faculdade de Direito de Ilhéus, Faculdade de Filosofia de Itabuna e Faculdade de Ciências Econômicas de Itabuna.

O tom da apresentação é característico do momento de definição da crise regional:

Estruturas estagnadas, como é exemplo a região cacauzeira, que vive ainda hoje de uma monocultura centenária, incapaz, nessa condição, de competir com outras regiões produtoras, diversificadas e organizadas no sentido da produtividade e da qualidade (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1991, p. 8).

O texto vai além, pois evidencia a universidade como produto da crise, como uma necessidade de criar um centro de inteligência e produção de conhecimento capaz de gerar

desenvolvimento. Em números, essa realidade se traduz em: nove cursos de graduação, quatrocentos e oitenta e um discentes, total de vagas preenchidas apenas em um dos cursos, o curso de Direito, e um total de duzentos e dez professores, sendo, na sua maioria, da categoria de graduados.

As ações na busca de titulações ainda eram tímidas e a pós-graduação começava a ser implantada com os cursos *lato sensu* e projetos de médio e longo prazos para titulações mais altas. O texto demonstra uma clara preocupação com a pesquisa quando registra que: “há nas universidades, uma correlação positiva entre o grau de desenvolvimento da pesquisa e o nível da qualidade do próprio ensino” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1992, p. 20). Nos relatórios dos anos subsequentes, o tom continua o mesmo, e os registros são das implantações de novos cursos, aumento gradativo do alunado, incentivos à capacitação de professores, porém, numa dinâmica, considerada, nos dias atuais, bastante lenta.

Em nova gestão administrativa, a partir do ano de 1996, a tônica do discurso se apresenta de uma maneira mais contundente, numa retórica de “inauguração de uma nova etapa da vida e história da universidade” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1996, p. 7). A etapa anterior é descrita como de transição em função da estadualização que transforma uma federação de escolas em universidade. Nas ações registradas a partir de 1996 como realizações efetivadas, já contempla:

a expressiva ampliação do quadro de professores através de concursos públicos. [...] O ano de 1996 foi de grandes realizações para a Uesc, investida em novo status, enquanto universidade. Atendendo a

essa condição, a primeira ação da PROGRAD, a qual dedicou quase todo primeiro semestre, em conjunto com os departamentos, esteve voltada para a formação do quadro permanente de docentes, sendo aprovado um total de 160 candidatos. Para tanto, num espaço de cinco meses realizou três concursos públicos (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1996, p. 28, 55).

Neste ano, portanto, o quadro de docentes já contava com trezentos e vinte e oito professores. As ações voltadas para projetos de pesquisa e extensão são registradas como em crescimento, ao mesmo tempo em que se fala de captação de recursos, o que é pontuado como “uma ampliação da capacidade técnica e elevação do grau de auto estima e confiança do professor e da universidade” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1996, p. 32).

A formação do professor passa ainda, na sua maioria, pela categoria de graduados e pelos responsáveis por projetos de pesquisa e extensão. Essa informação sugere que, durante algum tempo, poucos eram os professores pesquisadores. Professores adjuntos somavam oito, e em nível de assistente, quarenta e seis. No quesito onde se registra os objetivos da pesquisa e pós-graduação, está escrito: “ampliar o quadro de doutores e mestres da Uesc, visando à formação de massa crítica” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1996, p. 68). Cursos de especialização são reeditados e em se tratando da modalidade *stricto sensu* se inicia o Mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental e o Mestrado em Educação em convênio com a Universidade Federal da Bahia.

Nos relatórios de 1997 e 1998, a apresentação caracteriza a afirmação da nova gestão, a ampliação dos cursos *stricto sensu* e a reedição dos cursos *lato sensu*. O tom de afirmação evidenciado passa por fragmentos que dizem:

A universidade deve ser entendida como uma comunidade plenamente engajada na criação e na disseminação do conhecimento, no avanço da ciência e na participação do desenvolvimento social; um local onde governo e outras instituições possam obter informações científicas, seguras, que deem suporte à realização dos seus objetivos. No contexto regional, nacional e mundial em que o homem precisa fazer-se, a cada dia, mais competente, criativo e obstinado, a universidade vem se credenciando como uma instituição capaz de oferecer um instrumental necessário a esse fim (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1997, p. 41).

Apesar do enfoque de um discurso mais globalizado, o apelo regional ainda é fortemente demonstrado quando, no quesito que fala da criação da sua *home page*, a observação que se coloca é: “da região cacaueteira para o mundo”<sup>26</sup>. Expandem-se os cursos de graduação, neste ano em número de quinze, e o quadro de professores passa a contar com trezentos e setenta e nove, estando ainda o maior percentual de professores na classe auxiliar. Em 1998, a pós-graduação conta com trinta e três cursos de especialização e três mestrados interinstitucionais. Em termos percentuais, o número de professores especialistas ultrapassa o de professores em nível de graduação, porém, o número mais expressivo ainda se concentra na categoria de professor auxiliar.

---

<sup>26</sup> Relatório Uesc 1997

O ano de 1999 é um ano significativo em relação à aquisição de novos professores para a universidade. Por constar, nos editais, a exigência da titulação de mestres e doutores, tal requisito se torna elemento impeditivo para pessoas residentes na região que ainda não tinham galgado tais qualificações, ao mesmo tempo em que se torna vetor de atração para jovens profissionais de outras regiões que buscam espaço profissional, mas que, por uma série de circunstâncias, a exemplo da enorme concorrência nas grandes cidades, apostam em novas perspectivas e novas regiões.

Os cursos de graduação já se apresentavam em número de treze: Pedagogia, Filosofia, Letras, Ciências (que englobava Física, Química e Matemática), Direito, Agronomia, Enfermagem, Administração, Economia, História, Geografia, Veterinária e Biologia. Tal abrangência e variedade demonstram que a instituição passa a ser atrativa para profissionais de diversas áreas. Ao mesmo tempo em que a chegada de novos profissionais se torna uma realidade concreta, a política de capacitação dos professores, já existente, também se efetivava.

Foi consolidada a ajuda de custo, para apoio a docentes e técnicos, assegurando qualidade científica. Também foram ampliados os convênios, que possibilitaram aos docentes fazer a pós-graduação na própria Uesc (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1999, p. 34).

Nesse período, o número de professores com titulação de mestre começa a ser superior ao de professores com titulação de auxiliar. Essa situação tende a impulsionar também a realidade da pós-graduação que, no ano de 1999, amplia para 36 os cursos de especialização e passa de quatro para nove os

cursos de mestrado em convênio, bem como o doutorado em convênio com a Universidade Federal da Bahia.

No início da segunda década desse estudo, o número de departamentos permanece em dez, porém os cursos de graduação já somam 17. São 528 docentes, sendo 167 na categoria de assistente e 144 na categoria de auxiliar, números que refletem a capacitação dos professores já existentes e a entrada de professores com titulação, ambos capacitados e atuantes na expansão da pós-graduação.

Os anos de 2001 e 2002, consecutivamente, apresentam o mesmo discurso nos relatórios:

A absorção de professores visitantes faz parte da estratégia utilizada pela universidade para alavancar a pesquisa em algumas áreas e agregar profissionais titulados com experiência e inserção no ensino de graduação (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 2001, 2002: p. 11).

Em números, tem-se em 2001: 59 doutores, 171 mestres, 108 especialistas e 49 graduados. Em 2002: 83 doutores, 230 mestres, 82 especialistas e 44 graduados. Essas rápidas pinceladas em números registram a inversão do quadro em relação à titulação dos docentes, o que propiciou paralelamente a expansão da instituição em diversas áreas.

A partir do ano de 2004, a política de capacitação e de atração de novos profissionais se intensifica. Uma demonstração dessa afirmativa é a realização de concursos públicos em todos os anos. A TABELA 1, constante do Relatório da Pró-Reitoria de Graduação em 2010, mostra as vagas declaradas e preenchidas nos concursos públicos.

TABELA 1 – número de vagas declaradas e preenchidas em concursos públicos para professor – uesc, 2004 a 2010

Ano do Edital	Vagas declaradas				
	Auxiliar	Assistente	Adjunto	Titular	Total
2003	-	77	41	4	122
2004	21	32	20	-	73
2005	-	29	33	-	62
2006	-	24	12	3	39
2007	-	16	8	-	24
2008	5	16	25	-	46
2009	04	14	22	-	40
2010	04	31	57	-	92

Ano do Edital	Vagas preenchidas				
	Auxiliar	Assistente	Adjunto	Titular	Total
2003	-	54	18	3	75
2004	19	23	12	-	54
2005	-	21	19	-	40
2006	-	19	10	1	30
2007	-	14	7	-	21
2008	04	11	13	-	28
2009	-	04	03	-	07
2010	03	09	10	-	23

Fonte: Prograd/Uesc, 2010.

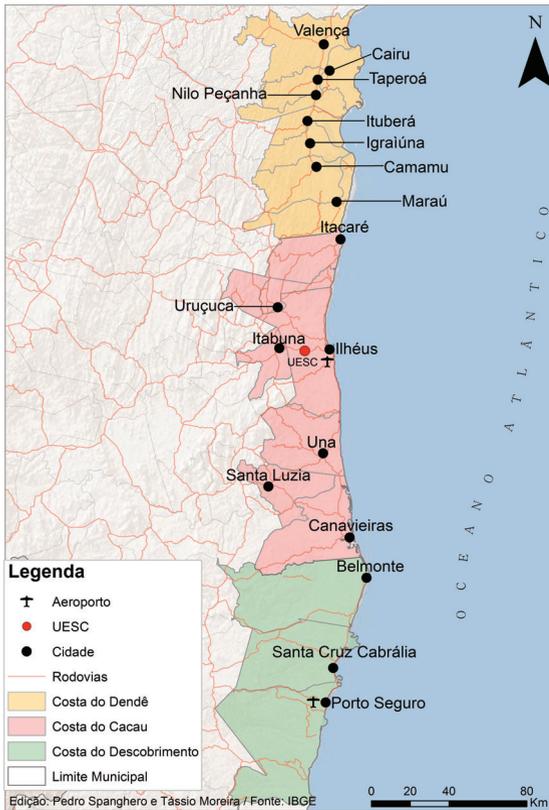
O tom das apresentações dos primeiros relatórios que falavam de “região monocultora”, “atraso”, “necessidade de se formar uma inteligência regional” é modificado. Quando se fala na área geográfica e de atuação, o relatório da Uesc de 2010 (p. 7) registra:

A Uesc abrange, predominantemente, a região Litoral Sul da Bahia, o que inclui a faixa litorânea, segmentada, para efeito turístico na

Costa do Cacaú, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento, localizadas nas micro regiões de Ilhéus/Itabuna, de Valença e Porto Seguro, onde vive uma população de quase dois milhões de habitantes.

A título de ilustração, a identificação abaixo (FIGURA 16) apresenta a divisão, em termos de costa, dando visibilidade à área de atuação e abrangência da instituição, cabendo o registro em número maior de pessoas da Costa do Cacaú.

FIGURA 16 – Regiões turísticas da Bahia



Fonte: IBGE

Quanto ao aumento de cursos oferecidos no período de 2004 a 2009, o crescimento é perceptível tanto na graduação como na pós-graduação. De 2004 a 2008, foram ofertados os cursos de bacharelado: Administração, Agronomia, Biomedicina, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciência da Computação, Ciências Econômicas, Comunicação Social, Direito, Enfermagem, Engenharia de Produção e Sistemas, Línguas Estrangeiras Aplicadas a Negociações Internacionais, Física, Matemática, Medicina e Medicina Veterinária. Entre 2009 e 2010, foram acrescentados Química e Geografia. Os cursos de licenciatura oferecidos pela Uesc entre 2004 a 2008 foram: Ciências Biológicas, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Química. Entre 2009 e 2010, é acrescentado Ciências Sociais.

No ano de 2004 foram implantados os cursos de licenciatura do Programa de Formação de Professores nas áreas de Ciências Biológicas, História, Letras, Matemática, Geografia e Pedagogia. A partir do ano de 2007 os cursos de licenciatura a distância têm início com o curso de Ciências Biológicas, e a partir de 2009 também passam a constar os cursos de Pedagogia, Letras e Física.

A pós-graduação *lato sensu* amplia as suas ofertas e são reeditados alguns cursos, principalmente aqueles que dão ênfase ao contexto regional, tanto na sua perspectiva econômica e histórica como ecológica. São cursos que atendem não só à comunidade acadêmica, mas a toda a comunidade regional, e são ministrados por professores efetivos e alguns visitantes. A título de exemplos, tem-se: História Regional, Oceanografia, Planejamento de Cidades, Educação e Relações Étnico Raciais, Biologia e Florestas Tropicais, Combustíveis da Biomassa, com ênfase em biodiesel e biogás, Saúde Mental, História do Brasil etc. No

quesito pós-graduação *stricto sensu*, entre os anos de 2004 a 2009 foram implantados os cursos de Cultura e Turismo, Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Genética e Biologia Molecular, Zoologia, Produção Vegetal, Sistemas Aquáticos Tropicais, Ciência Animal, Linguagem e Representações, Biologia e Biotecnologia de Microorganismos, Ecologia e Conservação da Biodiversidade e doutorado em Genética e Biologia Molecular e em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Foram construídos um pavilhão só para a pós-graduação (FIGURA 17), alguns laboratórios e um novo pavilhão para as Ciências Exatas (FIGURAS 18, 19, 20, 21 e 22), para dar suporte aos cursos de graduação e pós-graduação, reforçando a prática da pesquisa pelos discentes.

FIGURA 17 – Pavilhão Max de Menezes, Pós - Graduação, 2008/2012



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2013.

FIGURA 18 – Laboratório de Microscopia Eletrônica, 2004/ 2008



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2013.

FIGURA 19 – Núcleo de Biologia Computacional e Gestão de Informações Biotecnológicas (NBCGIB), 2004/2008



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2013.

FIGURA 20 – Pavilhão de Ciências Exatas e Tecnológicas  
Ano 2011



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2013.

FIGURA 21 – Centro de Biotecnologia e Genética  
Ano 2008/2012



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2013.

FIGURA 22 – Instituto Nacional de Pesquisa e Análises Físico-Químicas, 2008/2012



Fonte: Foto Maria Luiza Silva Santos, 2013.

Esse elenco de cursos evidencia a pluralidade das áreas que se desenvolveram a partir de 2004, criando demandas para docentes de diversos campos do conhecimento, docentes que, através de editais, de informações de outros docentes e de busca em sites, se inscreveram e prestaram concurso e seleção para a Universidade Estadual de Santa Cruz, escolhendo a cidade de Ilhéus ou a de Itabuna para fixar residência.

### **3.3 As cidades do entorno: Ilhéus e Itabuna - Localização e panorama demográfico**

A cidade de São Jorge dos Ilhéus fica situada no Sul da Bahia a 400 km da capital, Salvador. Com área total de 1.760 km<sup>2</sup>, sua área urbana está dividida em quatro partes, Zona Norte, Zona Oeste, Centro e Zona Sul, que

é a parte da cidade separada das demais pelo Rio Cachoeira, ligada pela ponte Lomanto Júnior. Faz limites a Leste com o oceano Atlântico, ao Norte com Aurelino Leal, Itacaré, Uruçuca, a Oeste com Buerarema, Coaraci, Itabuna, Itajuípe e Itapitanga. Itabuna tem uma área de 432 km<sup>2</sup>, e faz limite com os municípios de Ilhéus, Itapé, Itajuípe, Buerarema, Barro Preto e Jussari. Ambas as cidades fazem parte da microrregião de *Ilhéus-Itabuna* pertencente à *mesorregião* Sul Baiana.

As cidades de Ilhéus e Itabuna, de acordo com o censo de 2010, são cidades de 184 e 204 mil habitantes, aproximadamente, ligadas uma à outra pela BR 415 com um trecho de 28 km. A primeira, uma cidade mais antiga, de forte apelo histórico, tem origem nas capitânicas hereditárias. Situada no litoral, é rica em atrativos naturais que têm sido bastante destacados pelo turismo. Itabuna é considerada um centro regional de comércio, indústria e de serviços. Foi emancipada em 1910, sendo anteriormente parte de Ilhéus. Ambas têm seu desenvolvimento atrelado à monocultura cacaueteira desde o final do século XIX até o início do século XX.

Ambas as cidades, segundo a caracterização das cidades brasileiras, fundamentadas no Ipea, estão classificadas como cidades médias, pois possuem entre 100 e 250 mil habitantes. Além do aspecto populacional determinado pelo IBGE, Santos cita outros aspectos que caracterizam cidades médias que estão de acordo com as cidades de Ilhéus e Itabuna

exercer função como centro regional numa determinada rede urbana, de acordo com o potencial demográfico, a situação, o raio de ação e o nível de especialização dos serviços e atividades produtivas. Além disso, ter a capacidade

de articular-se aos centros de decisões sem, necessariamente, depender das cidades dentro da sua unidade administrativa cuja ordem hierárquica é superior (2009, p. 8).

O relatório do projeto *Crescimento Econômico e Desenvolvimento Urbano*<sup>27</sup>, que analisa a dinâmica demográfica das cidades médias brasileiras nas últimas décadas, verifica de que forma esses centros urbanos têm contribuído para o processo de expansão da população do país. Fatores como mudanças nas localizações das indústrias, transformação no movimento migratório nacional, fenômeno da periferização das metrópoles<sup>28</sup>, política de atração de investimentos para regiões economicamente defasadas e a expansão nas fronteiras agrícolas e de recursos minerais são elementos que caracterizam tal expansão.

Ressaltando o fenômeno migratório, o estudo indica que, na década de 1990, as cidades médias metropolitanas cumpriram o papel de porta de entrada de grandes fluxos migratórios, principalmente no que concerne ao fluxo rural-urbano. Alternativamente, os migrantes que a princípio buscaram as grandes cidades, incapazes de arcar com o custo de vida, optaram, em pouco tempo por municípios periféricos. Esse fenômeno é apresentado por Martine (1994) como contrametropolização, pois está relacionado a uma escolha de local de moradia que leva em conta a qualidade de vida, mesmo que isso se reverta em uma redução dos rendimentos monetários das famílias.

---

<sup>27</sup> Relatório preliminar de pesquisa desenvolvido na Diretoria de Pesquisa do Ipea pelo Núcleo de Estudos e Modelos Espaciais Sistêmicos- Nemesis, com o apoio do MCT/FINEP-CNPq/Pronex (N. da A.).

<sup>28</sup> Municípios periféricos apresentando taxas de crescimento superiores em relação aos centrais (Martine, 1995).

As cidades de Ilhéus e Itabuna são citadas no relatório de forma agrupada, por se constituírem como uma microrregião. Os números somados de ambas apresentam como população urbana em 1970, 160.989 habitantes. Em 1980, 218.465 habitantes, e em 1991, 321.793 habitantes, representando uma taxa anual de crescimento de 3,35%.

No que se refere às regiões de destino da Bahia, o estudo indica que em todas ocorreu aumento do número de imigrantes. O Litoral Sul, região onde estão situadas as cidades desse estudo, além de outras seis regiões, registrou aumento na participação percentual. Ficou em segundo lugar, seguido da Região Sudeste do estado, com ganho absoluto de 8.412 imigrantes. Em 1991, a Bahia apresentou 14 municípios com populações de imigrantes registrando percentuais acima de 1%. Oito desses municípios estavam distribuídos em três regiões econômicas: região metropolitana – Salvador e Camaçari; litoral sul – Itabuna e Ilhéus, e extremo sul – Teixeira de Freitas, Eunápolis, Nova Viçosa e Porto Seguro.

Quanto às questões relativas aos motivos porque essas pessoas migram, as evidências dos estudos publicados nos relatórios sempre indicaram a estreita relação com as questões econômicas, “um mecanismo de alívio a pressões ou contradições geradas pela aceleração do crescimento demográfico de modo desproporcional com os meios de vida” (SOUZA; MURICY, 2001, p. 9). Além das oportunidades de trabalho, outras motivações vêm tomando corpo, a exemplo de uma vida mais tranquila, longe do *stress* e da violência dos grandes centros, sendo que a variável trabalho é sempre levada em consideração, demonstrando a sua centralidade.

O perfil, portanto, se concentra nas idades entre 15-64 anos, com a participação de crianças em muitos casos

que acompanham seus pais nos deslocamentos residenciais. Para o estado a Bahia, nas últimas décadas, os segmentos mais representativos foram os de 20-34 anos que, em termos percentuais, representaram 37,5% do total de imigrantes no período de 1995 – 2000. Os jovens de 15-19 anos também tiveram participação significativa, representando 10,9% do conjunto vindo para o estado nesse período. O estudo traz também uma participação expressiva de crianças nas faixas de 5-14, anos o que significa a imigração de famílias, ou seja, crianças e adolescentes acompanhando seus pais. No que concerne à composição por gênero, a imigração para o estado teve predominância masculina.

O estudo conclui que a Bahia, em relação ao nordeste e ao Brasil, até o ano 2000, mesmo recebendo imigrantes, continua ocupando o papel de perdedor nas trocas migratórias, embora o saldo negativo tenha sido reduzido no seu valor absoluto. Foi o sexto em imigração (era o nono entre 1986 a 1991). O crescimento é colocado na ordem de 34%.

Queiroz e Santos (2007), em artigo intitulado *Principais alterações nos saldos migratórios brasileiros*, analisam a realidade dos fluxos nos estados no período de 1986 a 2006 com base nas informações provenientes dos censos demográficos de 1991 e de 2000 e da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad) entre os anos de 2001-2006. Sobre o nordeste e o estado da Bahia, são corroboradas com as informações anteriores, pois indicam que

a Região Nordeste conserva a situação inicial de se manter, em menor ritmo, como centro de expulsão, refletindo pela diminuição nos saldos migratórios negativos (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAGEM DE DOMICÍLIOS, 2006, p. 8).

O estudo, que compara os valores do quinquênio 1986-1991, em que a redução de expulsão apresentou níveis em torno de 93%, registra o saldo migratório, em 2006, ainda negativo, de 53.423 indivíduos, o que se traduz numa tendência de reversão para um saldo positivo. “No ano de 2006, destacaram-se os saldos positivos apresentados pelo estado da Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte” (PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRAGEM DE DOMICÍLIOS, 2006, p. 17).

Algumas das explicações para o índice de atração para a Bahia, segundo José Ribeiro Guimarães, pesquisador do Ipea, é de que “a Bahia passou a absorver investimentos produtivos relativamente de porte, e alguns centros dinâmicos da sua economia passaram a exercer atratividade” (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2008, p. 23). Esses dados evidenciam os fluxos e as novas apostas feitas para o estado da Bahia e, mais especificamente, para a região econômica denominada litoral sul. Dados novos surgem a partir do ano de 2010 com a divulgação da sinopse do Censo em relação à região litoral sul da Bahia. O que já se tem registrado sobre o espaço da pesquisa em pauta é que, embora a Bahia figure entre os estados mais populosos, juntamente com São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná, algumas cidades do estado apresentam índices decrescentes de população, a exemplo de Ilhéus.

De acordo com o Comunicado n. 68 do IPEA,

Os estados do Nordeste, e principalmente aqueles localizados no Sul e Sudeste, apresentam características já conhecidas como regiões mais dinâmicas facilmente observadas em partes das duas últimas, e predominância de áreas de maior crescimento no litoral, no caso

do Nordeste, com uma clara exceção no litoral sul da Bahia, onde se encontra, por exemplo, Ilhéus, que perdeu quase 40 mil habitantes nos últimos 10 anos (2010, p. 12).

Algumas manifestações sobre esse resultado, por parte da Prefeitura Municipal de Ilhéus e de representações políticas e populares, já aconteceram, e as discussões passam por várias defesas: alguns acreditam que existem espaços do entorno da cidade que não foram computados, mas que fazem parte da abrangência municipal, outros levantam a bandeira de que em momento anterior foi computado espaço que não deveria ter sido contado, outros apelam para erros no recenseamento. O que está posto é que a cidade de Ilhéus apresentou contingente populacional bem menor do que o apontado há 10 anos. Enquanto no Censo 2000 Ilhéus contava com 222.127 moradores, neste Censo 2010, caiu para 184.231, um dado significativo que pode ser atribuído ao êxodo ocorrido em função da crise na cacauicultura.

De maneira geral, o Censo 2010 detectou uma redução na migração interna da população brasileira. Entre 1995 e 2000, havia 30,6 migrantes para cada mil habitantes, enquanto entre 2005 e 2010, eram 26,3 migrantes para cada mil habitantes. No Nordeste, os estados do Piauí, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba experimentaram um arrefecimento em sua capacidade de absorver população. Áreas antes consideradas de rotatividade migratória, como Piauí e Alagoas, se tornaram áreas de baixa e média evasão migratória, respectivamente; e os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba reduziram sua capacidade de absorver população. Bahia e Maranhão continuaram como regiões expulsoras de população, embora com

índice classificado como de baixa evasão migratória. Sergipe, Pernambuco e Ceará foram classificados como áreas de rotatividade migratória.

As informações acima citadas explicitam que, em números, a realidade da migração de mão de obra qualificada, com ênfase na realidade acadêmica da região sul da Bahia não assumiu proporções que gerassem o aumento populacional na Região de Ilhéus e Itabuna, uma vez que o êxodo da mão de obra do trabalhador rural foi muito significativo também numericamente, porém, um dado importante para essa pesquisa foi identificado pelo IBGE através do censo de 2010:

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 moravam em Ilhéus 8.368 migrantes, sendo 7.081 de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Eram 3.800 homens e 3.281 mulheres que nasceram no Sudeste do Brasil morando em Ilhéus. Os habitantes nascidos nas regiões Norte, Sul e Centro Oeste eram 1.287. Os nortistas eram 354 e sulistas 467. Os nascidos no Centro Oeste eram 466. Além dos migrantes internos, em 2010, 612 estrangeiros moravam em Ilhéus. Eram 379 pessoas do sexo masculino e 233 mulheres São pessoas que vieram trabalhar ou estudar e passaram a residir no município (2011, p.1).

Os números acima citados estão de acordo com os relatórios anuais da Universidade Estadual de Santa Cruz, pois crescem ano após ano, tanto a categoria dos docentes como a dos discentes, dado que, individualmente, é significativo, mas que evidencia maior relevância quando se atribui ao profissional da academia uma

realidade familiar, uma vez que a maioria deles se desloca acompanhado de cônjuge e filhos, ampliando, então, o contingente desse universo migracional, que já altera, em alguns segmentos, a realidade local. A discussão sobre identidade e mão de obra qualificada já se torna uma constante, daí poder-se buscar elementos da identidade e do estilo de vida desses novos ocupantes da região que são diversos dos que se referem às características dos produtores, fazendeiros, comerciantes em geral e comerciantes do cacau.

## **CAPÍTULO IV**

Diferentemente do senso comum que coloca o migrante como vítima de forças estruturais do sistema, Mezzadra introduz o viés das questões subjetivas associadas a tais movimentos migratórios. Sendo assim, a globalização não teria o papel de criar um conjunto de processos estruturais desde cima, mas de criar um campo de tensões entre distintos processos que apontam para outros espaços globais (para além dos mercados e do capital). Nesse sentido, Sandro Mezzadra define migração como um espelho da construção social do migrante, que condiciona as experiências subjetivas dos mesmos. Ela é, inclusive, definida como fato social total (conforme dizem os antropólogos). Para tal, e diferentemente de diversas correntes de pensamento, o pesquisador coloca um enfoque muito específico sobre as próprias experiências dos migrantes, que vem sendo levado a cabo por meio de entrevistas e contato direto com os mesmos há muitos anos (desde o período de sua militância) (MEZZADRA, 2012, p. 1)<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Trecho de palestra retirada do site do IRI – Instituto de Relações Internacionais da PUC - Rio <http://www.iri.puc-rio.br> em 22/11/2012. Sandro Mezzadra é professor na Universidade de Bolonha. Os seus estudos concentram-se na história das ideias políticas e na teoria política (N. da A.).

## **AS DUAS CONDIÇÕES DOS ATORES DA PESQUISA: A DE SER MIGRANTE E A DE SER ACADÊMICO**

A escolha e o deslocamento de grupamentos de migrantes pode se dar por atrativos diferenciados. Uma pergunta que se coloca nessa pesquisa é: quais seriam as características relevantes na tomada de decisão do migrante de mão de obra qualificada? Segundo Daniel da Mata, pesquisador do IPEA, “os migrantes ponderam, nas suas decisões de migração, o espaço, principalmente as características da cidade de destino, e não as do estado de destino” (Da MATA et al., p.503, 2007).<sup>30</sup> As características mais relevantes transitam entre a dinâmica do mercado de trabalho e as amenidades. Amenidades aqui entendidas como as conveniências e “o prazer gerado por viver em uma determinada região” (Da Mata et al., 2007, p. 33). Além da

---

<sup>30</sup> Quais Características das Cidades Determinam a Atração de Migrantes Qualificados? Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 38, nº 3, jul-set. 2007

renda, um conjunto de variáveis são analisadas, como, por exemplo: condições e qualidade dos postos de trabalho em termos de segurança e salubridade, condição de moradia, expectativa de vida, um ambiente cultural favorável que inclua hábitos e costumes similares entre as regiões de destino e origem e ainda a presença de indivíduos provenientes da mesma região (DA MATA et al., 2007). E variáveis geográficas, especialmente o clima, a infraestrutura local, oferta de serviços de utilidade pública, disponibilidade e acesso fácil à tecnologia etc., da mesma forma que as instituições presentes têm efeito significativo no conjunto dos atrativos. Conforme cita Soares (2002, p. 21), muitas linhas de pesquisa que versam sobre o tema migração têm tomado como referência a estrutura teórica denominada *push-pull theory*,

que interpreta o movimento de pessoas como uma resposta a fatores econômicos, sociais e políticos desfavoráveis para os indivíduos em uma dada região, mas que são atrativos, devido a diferenças regionais, para os mesmos indivíduos em outra localidade.

Golgher *et al.* (2005) comentam que os fatores de repulsão (*push*) são mais relevantes para o caso do migrante de menor poder aquisitivo. Em outras palavras, o migrante de menor poder aquisitivo decide migrar mais por fatores que o expulsam da localidade de origem do que por fatores de atração (*pull*) da região de destino, o contrário dos migrantes de maior poder aquisitivo. O migrante de mão de obra qualificada, principalmente em se tratando de acadêmicos, é uma categoria analisada sob a ótica dos fatores de atração, uma vez que tais fatores têm um impacto maior na sua opção. O dinamismo do

mercado de trabalho é a primeira relação a ser avaliada. Infere-se que o desempenho do mercado de trabalho detém um papel primordial para o desempenho migratório da cidade. Outro dado é o de que migrantes qualificados tendem a ir para localidades com maior escolaridade e com curta distância do litoral. Espaços de climas amenos também são considerados nas escolhas, ou seja, os migrantes qualificados prezam por localidades em que a variabilidade térmica é menor e por regiões com menor intensidade e montante de chuvas.

As cidades de Ilhéus e Itabuna se inserem na maioria dos requisitos acima citados, pois uma está no litoral e outra próxima a ele, oferecem serviços básicos de infraestrutura, clima de temperaturas amenas e não muito diferenciadas entre as estações, e uma relativa oferta de emprego em algumas áreas específicas, além do crescimento do ensino superior. Ambas as cidades também apresentam uma cultura característica local, versada nas tradições construídas com a história da monocultura cacaueteira.

A caracterização do perfil do sujeito da pesquisa, no entanto, vai além dos pontos de preferência das escolhas do imigrante, pois perpassa também por duas condições que são definidoras do seu entendimento: a condição de quem vem de fora (*outsiders*) do espaço social, que optou, mas que tem necessidade de conhecer e se inserir na sociedade receptora. Que traz tradições e costumes diferenciados e que promove, de forma inconsciente, trocas culturais: realização, pertencimento e identificação, que são os vetores de análise nessa categorização. Ao mesmo tempo, possui o perfil de um profissional que apresenta como escolha o ensino superior, sendo seu *locus* a universidade.

Quem chega, pode se estabelecer ou ter a eterna sensação de não ser do lugar. Pode reconhecer o novo

como seu lugar ou sentir-se como alguém que está de passagem. Pode ter a sensação de ser acolhido ou de uma incômoda invisibilidade. Permite enxergar situações e comportamentos que os *insiders*, por costume ou por uma naturalização, não percebem, em se tratando tanto de aspectos positivos como negativos do lugar. Aqueles que se estabelecem com mais facilidade abraçam o espaço, se sentem pertencentes, transitam em vários núcleos, absorvem o *modus vivendi*. Os que têm um grau de dificuldade maior, resistem. Ou, por resistir, têm mais dificuldade na adaptação. É o “novo” e o “velho” vicejando em termos de espaços e relações. Sobre esses aspectos, Elias coloca:

As diferenças entre os grupos sociologicamente 'velhos' e 'novos' podem ser encontradas em muitas partes do mundo, na época atual. São diferenças normais, se é que se pode usar esse termo, numa época em que, mais do que nunca, pode-se viajar com todos os seus pertences de um lugar para o outro, por um preço mais barato, em melhores condições de conforto, com mais rapidez e por distâncias mais longas, e em que é possível ganhar a vida em muitos lugares diferentes daquele em que nasceu. No mundo inteiro podemos descobrir variações dessa mesma configuração básica, encontros entre grupos de recém chegados, imigrantes, estrangeiros e grupos de residentes antigos. Os problemas sociais gerados por esses aspectos migratórios de mobilidade social, conquanto variem no que tange aos detalhes, têm uma certa semelhança. Podemos tender a concentrar a atenção nas diferenças a princípio. Nos estudos de caso específicos, elas parecem destacar-se com mais nitidez (ELIAS, 2000, p. 173).

Para alguns migrantes, o clima, a culinária, o sotaque, os dialetos são vivenciados com prazer. Demonstram alegria no aprender e gosto no participar. A apreensão do conhecimento é rápida e percebida principalmente pelos amigos e familiares das regiões de origem. Para outros grupos de migrantes, principalmente aqueles que vêm de tradições mais fechadas, o comportamento apresentado registra a evidência “não sou desse lugar”, “venho de fora”, determinando ora sofrimento, ora prazer nessa condição.

São sentimentos mistos vivenciados pela condição de ser e estar no mundo, que ganham proporções aumentadas por não estar, pelo menos em princípio, na sua zona de conforto, no seu espaço conhecido, vivido e que é, por vezes aquele onde se nasceu. Dificuldades cotidianas são mais sentidas e para alguns a sensação de não ser aceito gera sofrimento que pode ir de um grau tolerável a um grau insuportável, determinando até o seu retorno ou uma nova escolha. O sentimento de não pertencer também é evidenciado por migrantes que já fixaram residência em muitos espaços. Sua relação com as noções de identidade se diluem entre as culturas vivenciadas, ensejando a condição de se sentir “do mundo” ou “de lugar nenhum”.

Tais sentimentos se ampliam de acordo com o tamanho do grupo familiar, pois o deslocamento como mudança de vida atinge não só as características econômicas e urbanas de uma pessoa, mas sua condição de família, de responsabilidade da escolha em termos pessoais, e em relação ao cômputo e aos filhos. É a responsabilidade do “ter que dar certo”, pois fez uma aposta em uma nova vida, por vezes desarrumando uma formação que estava estabelecida em outro espaço. A adequação, nos casos

de famílias, não pode ser apenas daquele que projetou a nova vida, mas de todos aqueles que vieram com ele, uma vez que os aspectos de ordem espacial são apenas referentes à primeira estrutura a ser modificada no grupo familiar, pois condições de classe, de grupo, culturais também tendem a modificar-se. Norbert Elias discute os aspectos migratórios da mobilidade evidenciando que

Às vezes são concebidos apenas como aspectos geográficos: tudo que parece acontecer é as pessoas se deslocarem fisicamente de um lugar para o outro. Na realidade elas sempre se deslocam de um grupo social para outro. Sempre têm que estabelecer novos relacionamentos com grupos já existentes. Têm que se acostumar com o papel de recém chegados que tentam fazer parte de grupos com tradições já estabelecidas ou são forçados a uma interdependência a eles, tendo que lidar com os problemas específicos desse novo papel (2000, p. 174).

Ao mesmo tempo em que essas realizações e conflitos perpassam a condição do sujeito que se deslocou, aparecem as características próprias do perfil de uma categoria condizente com o espaço onde está inserido e as exigências emanadas de uma instituição que possui características revolucionárias e conservadoras. Segundo Elias (2000), estudar os aspectos de uma instituição universitária em âmbitos de perfil particularizado possibilita a exploração de um problema com uma minúcia considerável. Pode-se construir um modelo explicativo, em pequena escala, da figuração que se acredita ser universal. Nesse sentido, “o modelo de uma figuração estabelecidos – outsiders, que resulta da investigação de uma comunidade pode funcionar como uma espécie de para-

igma empírico” (ELIAS, 2000, p. 20).

Em um trabalho calcado nas teorias de Bourdieu sobre as distinções e o espaço acadêmico, algumas características pertinentes ao grupo estudado nessa pesquisa podem ser evidenciadas. Tais características transitam por uma construção material e simbólica, não consensual, que perpassa primeiramente por análise do profissional, sobre ele mesmo no espaço social, pelos emblemas ou ícones estruturados como relevantes para sua prática, por suas relações com os comportamentos de concorrência, dependência, hierarquia e prestígio, por relações interpessoais com seus pares e com os discentes, e pela expressividade do gosto e das percepções do poder e do capital simbólico<sup>31</sup>.

A primeira característica refere-se à percepção de uma categoria que, independente do seu lugar de origem ou de sua trajetória, se entende, e é entendida, como uma elite. Elite acadêmica – condição diferenciada dos demais segmentos da sociedade. Pessoas que, se não possuem valor baseado na condição financeira, têm o reconhecimento através de outro poder: o conhecimento.

---

<sup>31</sup> Capital simbólico é um conceito utilizado por Bourdieu com o objetivo de permitir compreender alguns fenômenos que de outra maneira permaneceriam insondáveis. O capital simbólico, diferentemente das outras modalidades de capital, não é imediatamente perceptível como tal e os efeitos de sua duração também obedecem a lógica(s) diferente(s). Espécie de poder ligado à propriedade de "fazer ver" e "fazer crer", o capital simbólico é, grosso modo uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo. Deste modo, a partir desta marca quase invisível de distinção, o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de proeminência frente a um campo, e tal proeminência é reforçada pelos signos distintivos que reafirmam a posse deste capital. Como ele é um tipo de capital cuja posse permite um (re) conhecimento imediato da dominação do elemento que o possui sobre os demais elementos do campo, o capital simbólico é assim o instrumento principal da violência simbólica, ao impor seu peso sobre os que não o possuem ou o possuem em quantidades inferiores em um dado campo. Por último, é possível afirmar que o capital simbólico, enquanto elemento indicador de prestígio, pode ser convertido, em dado momento, em capital cultural ou econômico, na medida em que os acessos a estas outras modalidades de capital são facultados pelo efeito de valorização exercido pelo indivíduo detentor deste capital (N. da A.).

São profissionais especialistas, com titulação de mestre e doutor, que ministram aulas, fazem pesquisas, ocupam cargos na academia, publicam livros e artigos, fazem palestras, participam de bancas, supervisionam laboratórios e orientam alunos.

Seu instrumento de trabalho é o livro, em formato real ou virtual, e tais escritos são a base das aulas e das fontes primeiras de pesquisa. Não importa em que área estejam atuando, a aquisição dos mesmos é fundamental para atuação do profissional. Dauster (2007) faz referência à aquisição de livros e à formação de uma biblioteca particular, como ato que simboliza um padrão de consumo e um estilo de vida.

Os livros representam um bem cultural, imaterial muito estimado. Trata-se de um elemento de vaidade, mas também de sociabilidade entre professores e seus colegas ou alunos. Este é um dado recorrente entre os professores. Comprar livros, guardá-los, tanto na universidade quanto nas suas bibliotecas pessoais, adquiri-los com verbas de pesquisa, emprestá-los a alunos e eventualmente a colegas e doá-los à biblioteca (DAUSTER, 2007, p. 122).

Alguns professores se apresentam na categoria de consumidores de livros, atribuindo um valor significativo a essa prática, além do valor dado a sua produção intelectual e à produção de outros colegas. Representa o que Bourdieu (1979) coloca como uma distinção no campo disciplinar e entre os pares, meta a ser alcançada e alvo de investimentos consideráveis.

Os bens culturais possuem uma economia e uma lógica específicas de apropriação que

fazem com que esses bens, em determinado momento, sejam ou não valorados como obra de arte [...] Bourdieu aponta para diferentes modos hierarquizados de aquisição da cultura ligados à classe de indivíduos. Trata-se de uma hierarquia social – presente em cada uma das artes, de seus gêneros, suas escolas ou suas épocas – associada à hierarquia social dos consumidores (BOURDIEU, 1979, p. 33).

Dauster complementa dizendo:

uma vez que sabemos que não é o objeto em si mesmo que encerra a força simbólica, mas é o uso que dele se faz nas relações cotidianas, vemos que é assim que o livro se torna símbolo e signo nesta 'tribo' (2007, p. 123, grifo do autor).

A posse, o uso, o citar, a intimidade com o autor caracterizam a cultura material desse grupo, configurada a partir desses equipamentos físicos, cujos livros e artigos são expoentes. Esse ícone material, que pode representar uma distinção, associa o desejo de possuir e ao mesmo tempo de produzir. O trabalho de muitos acadêmicos passa a ser visualizado através de publicações e o livro se constitui em instrumento capaz de divulgar e eternizar as verdades descobertas e construídas em uma pesquisa, dando um título a mais ao professor pesquisador: o título de autor, posição que poderá ser elemento de destaque frente a outros colegas, gerando admiração e concorrência.

A concorrência, elemento presente em várias esferas do mercado de trabalho e das relações pessoais, pode ser salutar ou perversa. Na academia, ela se configura como uma luta que é de “todos contra todos” (BOURDIEU, 2011, p. 17). Ao mesmo tempo em que as atividades desenvolvidas

no espaço acadêmico são interdependentes, geram concorrência em virtude da busca para determinar e defender sua verdade e seu valor. São dois polos de uma mesma estrutura: dependência e concorrência. Enquanto o primeiro agrega os docentes em departamentos, áreas de conhecimento, grupos de pesquisa... o segundo polo se apresenta definido pela liberdade e pelo poder atribuído a sua produção, que determina sua classificação tácita ou expressa nos meandros da academia. São espaços de posições em que “cada uma das partes do conjunto obedece à mesma lógica de segmentação e de polarização” (BOURDIEU, 2011, p. 18).

As colocações dentro dos espaços de posições, além das classificações determinam uma realidade de hierarquia e de prestígio utilizados nas classificações oficiais de existência cotidiana intelectual ou científica pertencente ao conjunto das titulações utilizadas na autoapresentação, na identificação da instituição à qual se pertence, nas posições e cargos que ocupam e nos títulos universitários.

Termos de referências oficiais conhecidos e reconhecidos por todos que geralmente acompanham os termos de tratamento – 'senhor professor', 'senhor decano' [...] o pertencimento ao conselho superior da universidade, ou as bancas dos grandes concursos (BOURDIEU, 2011, p. 30, grifos do autor).

O prestígio está diretamente ligado à questão da representação. No universo do campo universitário, os profissionais, ou agentes, se organizam e são organizados segundo princípios de hierarquização. A visão das posições hierarquizadas é analisada segundo a visão que os outros, e eles mesmos, podem ter dessas posições. Ao

mesmo tempo em que a concorrência e a luta por graduações se impõem no espaço acadêmico, outra polaridade pode ser evidenciada em relação ao espaço social e ao capital cultural que o identifica frente à sociedade. Surge então uma relação diferente da realidade no espaço universitário:

os professores universitários se situam sobretudo do lado do polo dominado do campo do poder e se opõem claramente nesse sentido aos padrões da indústria e do comércio Mas como detentores de uma forma institucionalizada de capital cultural, que lhes assegura uma carreira burocrática e rendimentos regulares, eles se opõem aos escritores e aos artistas, ocupando uma posição temporariamente dominante no campo da produção cultural (BOURDIEU, 2011, p. 63).

A relação descrita na citação acima nem sempre se passa com essa mesma estrutura, mas aproveitando a ideia, o que se constata é a polarização e uma hierarquia presente também fora dos muros da academia, que classificam uns em relação a outros, em termos de maior ou menor grau de prestígio social.

A excelência da qualidade acadêmica pressupõe, portanto, uma sintonia com a realidade social. No artigo de Dauster (2007) um professor entrevistado registra: “A universidade é um lugar que forma gente. Pode não formar leitor, mas forma profissional”. Esse registro se completa com a defesa de que a qualidade acadêmica ou a excelência, termo atualmente bastante utilizado, deve ser uma busca presente e constante da universidade. Para os acadêmicos, a universidade tem que ser discutida, sempre, nos seus aspectos relativos ao ensino, à pesquisa, à

extensão e à administração. São os pilares que fazem parte da vida universitária e que, como tal, são orientadores dos rituais acadêmicos. Dauster dissecando o comportamento do acadêmico registra:

Preparar aula, usar um texto como pretexto e interpretá-lo, empenhar-se, ter o texto na mão, encenar um diálogo, usar recursos tecnológicos contemporâneos, montar pastas para fotocópias e articular pesquisa com ensino são facetas ritualísticas que se repetem e dão identidade à vida acadêmica (2007, p. 127).

O cotidiano descrito revela a linguagem institucional cujas categorias são familiares aos integrantes deste grupo de profissionais em sua prática docente. Prática que, no entender dos próprios atores, deve ser revista e repensada cotidianamente. Sobre o conceito de docência no ensino superior, Masseto (2008, p. 35) define como: “o domínio de conhecimentos específicos em uma determinada área a serem mediados por um professor para os seus alunos”. Numa perspectiva mais contemporânea, a ação educativa se amplia, se constituindo no processo de ensino aprendizagem, na pesquisa, na gestão de contextos educativos e no âmbito da gestão democrática. Tal abrangência caracteriza o trabalho docente como processos e práticas de produção cultural, organização, apropriação de conhecimentos e divulgação dos mesmos. O docente, portanto, se apresenta como sujeito em ação, ativo e interativo, através da sua relação com os alunos.

Sobre a prática acadêmica, Masseto (2008) defende que o perfil do docente deve contemplar quatro eixos: o primeiro refere-se à preparação pedagógica, seus requisitos legais, pessoais e técnicos. Eixo que, nos debates

atuais, evidencia ainda uma precariedade na sua prática, uma vez que leciona sem ter passado por um processo de formação pedagógica. Formação que, por parte de muitos profissionais, é alvo de resistência e preconceito. Não percebendo a necessidade e alegando a desvalorização financeira, optam por não buscar essa formação pedagógica. O segundo eixo fala do professor acadêmico como construtor e gestor de currículo, defendendo a ideia da responsabilidade pelo conteúdo ministrado, que deve sair da condição tradicional do ensino estimulando os alunos a pesquisar, trabalhar em equipe, valorizando o conhecimento, estimulando os aspectos éticos e os valores sociais, culturais, políticos e econômicos. O terceiro eixo enfatiza a relação professor aluno partindo da ideia do professor como elemento mediador de atividades de modo a fomentar, no aluno, a própria participação no processo de formação. Versa sobre a defesa do trabalho conjunto, sendo a cooperação um valor profissional. O quarto eixo compreende o domínio da tecnologia educacional que versa sobre a informática, a telemática, o computador e a internet, recursos que fazem parte do instrumental técnico e que estão intimamente ligados à noção de tempo no mundo do trabalho. Segundo Tardif e Lessard (2005, p. 260), “não existe trabalho sem técnica, não existe objeto de trabalho sem relação técnica do trabalho com o objeto”. Esses autores denominam tais instrumentos como tecnologias da interação, pois através dos mesmos podem efetivar o processo de ensino aprendizagem através da troca de experiências.

Os eixos elencados traçam o perfil do acadêmico contemporâneo que atrela à docência a atividade da pesquisa, entendendo que a docência, por si só, é vazia ou mera reprodução. Demo (2002) fala da pesquisa como

um “questionamento reconstrutivo”, pois a ideia da dúvida intelectual instiga o indivíduo às ações de questionar, saber pensar, fundamentar o pensamento e argumentar. As discussões trazidas pelos autores acima citados, em termos dos eixos defendidos e das inferências quanto ao comportamento e estilo de vida do acadêmico, não são unânimes, uma vez que cabem contestações que serão levantadas sob a ótica de quem analisa. Bourdieu registra sobre visões de mundo que

Dado que nós construímos o espaço social, sabemos que esses pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social. E sabemos também que haverá pontos de vista diferentes, e mesmo antagônicos, já que os pontos de vista dependem do ponto a partir do qual são tomados, já que a visão que cada agente tem do espaço depende de sua posição nesse espaço (2004, p. 62).

Um exemplo quanto à diversidade do ponto de vista é a expressão de Tragtenberg (2002) sobre a universidade e o acadêmico. O autor fala do *campus* universitário como um universo “concentracionario” que reúne aqueles que se originaram das classes alta e média, enquanto professores e alunos do mesmo estrato social, que se tornam herdeiros potenciais do poder através de um saber superficial, atestado por um diploma. Entende que a universidade classista se mantém através do poder exercido pela seleção dos estudantes e pelos mecanismos de nomeação de professores. Professores que, em sua realidade concreta, vivem de forma generosa, uma vez que seus títulos acadêmicos tornam-se passaporte que permite o

ingresso nos escalões superiores da sociedade: a grande empresa, o grupo militar e a burocracia estatal. A crítica vai além quando verbaliza que o problema da responsabilidade social é escamoteado, diz que a ideologia do acadêmico é não ter ideologia, pois serve à política do poder.

Essas afirmações remetem a observações trabalhadas por Bourdieu ao tratar do *homo academicus* e suas facetas dentro do espaço diferenciado que é a academia. “A primeira delas diz respeito às distâncias sociais inscritas nos corpos, ou, mais precisamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo” (2004). O foco se concentra no que Bourdieu chama de estratégia de condescendência, percebida nos agentes que ocupam uma posição superior em uma hierarquia, mas que negam simbolicamente a distância social, que nem por isso deixa de existir. O exemplo dado é: “ele é uma pessoa simples[,] ele não é orgulhoso [ou] ele não é orgulhoso para um professor de universidade” (BOURDIEU, 2004, p. 154). Neste caso, as distâncias são utilizadas no sentido de se obter as vantagens da proximidade e as vantagens da distância.

É este *sense of one's place* que, nas interações, leva as pessoas que em francês são chamadas de 'pessoas modestas' a se manterem 'modestamente' em seu lugar, e os outros a 'guardarem as distâncias' ou a 'manterem sua posição', a 'não terem intimidades'. De passagem é preciso dizer que essas estratégias podem ser perfeitamente inconscientes e adquirir a forma daquilo que é chamado de timidez ou arrogância (BOURDIEU, 2004, p. 154, grifos do autor).

Colocar-se em algum lugar pressupõe o mecanismo, já descrito, das classificações. Bourdieu exemplifica com frases do senso comum usadas por todos como:

“isso é coisa de pequeno burguês” ou “isso é coisa de intelectual”. Juízos que, além do lugar, pressupõem o gosto (2002). São esquemas classificatórios que produzem condicionamento social. São primeiramente os próprios agentes que se autoclassificam ao escolherem diferentes atributos, como roupas, alimentos, bebidas, esportes, amigos que combinam entre si e combinam com eles o que convém a sua posição. Portanto, utilizando a noção de *habitus*, Bourdieu explicita que: “tem-se um mundo de senso comum, um mundo social que parece evidente” (BOURDIEU, 2002, p. 159).

O gosto citado, elemento classificatório, está diretamente relacionado ao poder simbólico exercido pela titulação dos atores que representam vantagens no reconhecimento.

A nomeação oficial, isto é, o ato pelo qual se outorga a alguém um título, uma qualificação socialmente reconhecida, é uma das manifestações mais típicas do monopólio da violência simbólica legítima, monopólio que pertence ao Estado ou a seus mandatários. Um título como o título escolar é capital simbólico universalmente reconhecido e garantido, válido em todos os mercados. Enquanto definição oficial de uma identidade oficial, ele liberta seu detentor da luta simbólica de todos contra todos, impondo a perspectiva universalmente aprovada (BOURDIEU, 2002, p. 164).

A outorga do título não descaracteriza as relações de poder dentro do próprio campo, ao contrário, as lutas de concorrência entre os pares são identificadas no reconhecimento ou consagração, institucionalizados ou não, que os atores acumulam através de estratégias específicas. Essa concorrência é percebida em situações cotidianas na

academia, presentes na prática cotidiana do acadêmico.

As características definidoras do profissional da academia contemplam tanto os acadêmicos estabelecidos como os acadêmicos migrantes. Portanto, tais características não irão pressupor diferenciação entre os grupos de “quem chega” e de “quem está”. O que será definidor para caracterizar o sujeito da pesquisa é a condição de acadêmico atrelada à condição de migrante. É desse sujeito que se está falando. Um sujeito que atrela, na sua realidade de destino, estruturas de poder e vivência diversificadas, pois

o senso de valor dos seres humanos modifica-se de acordo com suas condições mutáveis de vida, e, como parte dessas condições, de acordo com os progressos do saber humano (ELIAS, 2000, p. 192).

Um sujeito que alterna o sentimento de ser pertencente ao espaço institucional e, em algumas ocasiões, não se sente contido em um espaço regional. Que, ao mesmo tempo em que é reverenciado pela sua condição de excelência no conhecimento científico, por vezes referenciado pelos estudos em instituições de ponta, pode ser também ignorado por seus pares, também migrantes, ou antigos residentes, ou que transitam por mais tempo no espaço da academia. Que não faz parte de um grupo, mas que forma ou se insere em um grupo estabelecido. Que transmuta conhecimentos sociais e científicos na realidade social e profissional onde se insere. Que sofre por se sentir em um eterno estado de mudança dentro e fora da academia ou se realiza na sua opção crescendo ou se desenvolvendo com a sua instituição e vivenciando o espaço social que escolheu como seu.

## **CAPÍTULO V**

Posso compreender que no resgate da memória encontram-se fragmentos que possibilitam o conhecimento da história tanto de quem escreve como de quem dela se torna ouvinte ou conhecedor. Nesse contexto, os estudos que fazem uso da metodologia de histórias de vida (QUEIRÓZ, 1987) apresentam uma diversidade de informações relativas à história das pessoas e da sociedade, capazes de provocar mudanças na forma com que cada indivíduo compreende a si mesmo e até na forma de compreender os fatos que escrevem a história de uma nação. Ao recontar suas vivências, o entrevistado traz à tona suas lembranças, permeadas de sentimentos que dão sentido ao seu caminhar, idealiza-se de maneira tal que possa ele mesmo reconhecer-se como ser social, ou ainda, reinventar-se por entender que essa ação possibilitará a sua interação com o processo de transformação que se desenrola à sua frente. Na pesquisa com professores migrantes, as lembranças desses sujeitos são reavivadas e formalizadas pelas narrativas, transformando-se em registros e despertando a idéia de que memória e histórias de vida têm um relacionamento muito íntimo e extremamente fértil. Nesse sentido, as informações contidas na lembrança apresentam uma diversidade de informações relativas à história das pessoas e

da sociedade capaz de provocar mudanças na forma com que cada indivíduo compreende a si mesmo e na forma de compreender os fatos que escrevem a história de uma nação. Por meio das narrativas de professores migrantes, posso compreender a sua trajetória profissional, uma vez que as histórias de vida oferecem riqueza e sentido concreto do detalhe, além da oportunidade de examinar a sequência do comportamento dentro do mais amplo contexto da vida de uma pessoa porque, ao mesmo tempo em que o indivíduo relata suas experiências, reflete sobre elas, rememorando o passado vivido e integrando suas experiências nos esquemas pelos quais norteia sua *vida* (BOSI, 1994, p 17)<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Trecho da dissertação de mestrado de Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues Nobre. Ano 2009 In. BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Cia da Letras, 1994.

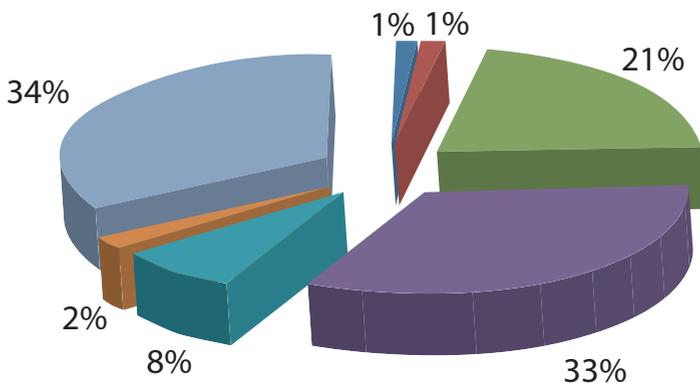
## **OS “NOVOS BAIANOS” ACADÊMICOS DO SUL DA BAHIA**

O imigrante de quem está se falando nessa pesquisa são os professores e pesquisadores que se deslocaram para o sul da Bahia, mais precisamente, que fizeram opção de residência nas cidades de Ilhéus e Itabuna a partir de 1990 até o ano de 2010. Em um conjunto de 750 professores lotados entre 1990 até o final de 2010 na instituição Uesc, 400 são oriundos de outras regiões, outros estados e até outros países, e o seu deslocamento, ou pelo menos o de 90% desse contingente, se deu em função de seleções, concursos públicos e vagas para professor visitante. Os 10% que não se encontram nessa categoria chegaram por motivos diversos, elencados no texto, mas por escolha, formação adequada e posterior seleção se incorporaram aos quadros da instituição.

## 5.1 Mapeamentos dos espaços de origem

Professores oriundos de outras cidades do estado da Bahia, como São Felipe, Cruz das Almas, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Ipirá, Candeias, Santo Antônio de Jesus, Antas, Amélia Rodrigues, Igaporá, Mascote, Santana, Irecê, Valença, Jequié, Contendas do Sincorá, Iaçú, Potiraguá, Bom Jesus da Lapa, Mairí, São Gonçalo dos Campos, Poções, Senhor do Bomfim, Nova Itarana, Brumado, Campo Formoso, Ubaitaba, Itapetinga, Ibicuí, Barreiras, Salvador, Mutuípe, Alcobaça, Itapé, Camamu, Itaju do Colônia, Jacobina, Santa Cruz da Vitória, Morro do Chapéu, Canavieiras, Jussari, Mascote, Buerarema, Itajuípe, Camacan, Ibicaraí, Itajibá, Floresta Azul, Itiruçu, Amargosa, Irecê, Mutuípe, Santa Cruz da Vitória, Coaraci, Ubatã, Prado, Una, Valença, Caravelas, Medeiros Neto, Ipiaú, Alagoinhas, Itaúna, Teofilândia, Iaú, São Francisco do Conde, Aurelino Leal, Brotas de Macaúba, Santo André, Iguai, Santa Rita de Cássia, Jaguarari, foram organizados, no gráfico abaixo, de acordo com a divisão por mesorregião para facilitar a visualização em função dos municípios. Com percentual de 34%, a região metropolitana de Salvador é o espaço do estado que mais demandou migrante, seguido do Centro-Sul, com 21%, Centro-Norte, com 8%, e o nordeste do estado, com 2%. Empatados com 1% ficaram o Extremo-Oeste e o Vale do São Francisco. As cidades do entorno de Ilhéus e Itabuna perfizeram o total de 33%, percentual apresentado na FIGURA 22, porém, vale registrar que os migrantes provenientes desses espaços não foram objeto de entrevista devido à proximidade e por se tratar de região cacaueira.

FIGURA 23 – Regiões baianas demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia



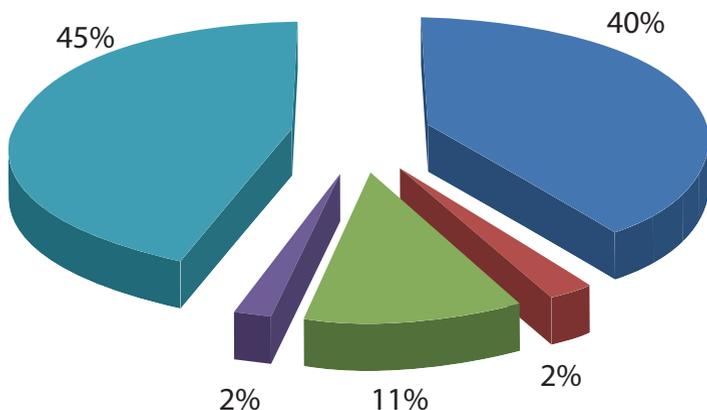
Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ Extremo Oeste ■ V.S. Francisco ■ Centro-Sul ■ Sul Baiano  
 ■ Centro-Norte ■ Nordeste ■ Metrop. Salvador

Em termos de Brasil, a visualização das regiões evidencia o maior contingente de imigrantes vindo da região sudeste com 45% (FIGURA 23), fato que, de acordo com muitos depoimentos, remete à grande oferta de cursos e universidades nessa região, onde se constata muita mão de obra saída das universidades e acirrada competitividade no mercado de trabalho. Atrás da região sudeste, tem-se a própria região nordeste, com 40%, e a região sul, com 11%; empatadas, com 2% cada, estão às regiões centro-oeste e região norte. Sobressaem, por ordem, as regiões sudeste, nordeste e sul, e em relação aos estados, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro aparecem com percentuais de 18%, 12% e 12%, respectivamente. Bahia, no Nordeste, com 34%, e Rio Grande do Sul, na região Sul, com 7% (FIGURA 24). Nos gráficos sobre cada região, em separado, essa informação será melhor visualizada, traduzindo, em percentuais, os estados que mais

têm demandado imigrantes acadêmicos para a região sul da Bahia.

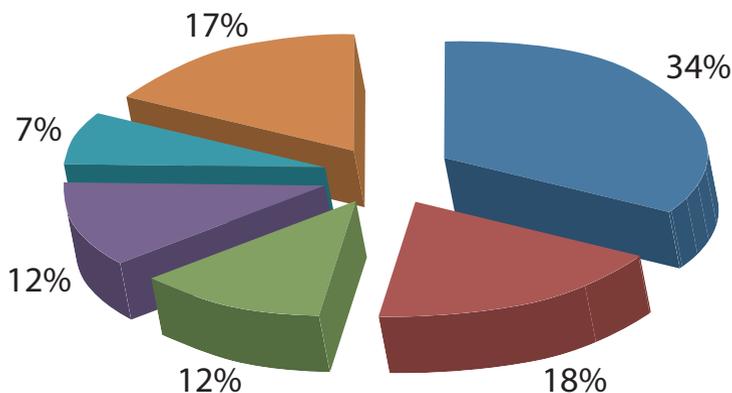
FIGURA 24 – Regiões brasileiras demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ BA ■ SP ■ MG ■ RJ ■ RS

FIGURA 25 – Principais estados demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia

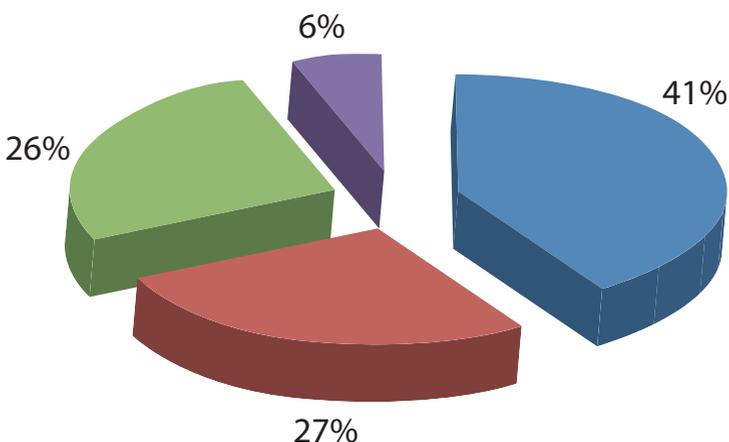


Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ BA ■ SP ■ MG ■ RJ ■ RS ■ Demais estados

Dentre os estados da região sudeste (FIGURA 25), São Paulo apresenta 41%. Desse percentual, o maior número é da cidade de São Paulo, os demais estão diluídos pelas muitas cidades do interior, apresentando números mais significativos as cidades de: Santos, Campinas e São Carlos. O segundo estado, Minas Gerais, apresenta um percentual de 27%. Da mesma maneira que São Paulo, a capital Belo Horizonte é a que maior número de imigrantes computou, seguida da cidade de Viçosa. O Rio de Janeiro aparece com o percentual de 26%, e também na sua capital se constata o maior número de imigrantes, seguida, com bastante distância, da cidade de Niterói. Vale registrar que a cidade do Rio de Janeiro é, em números absolutos, a que mais imigrantes demandou. No Espírito Santo a realidade configurada é a mesma da dos outros estados do Sudeste. A capital, Vitória, registra o maior número de imigrantes para o sul da Bahia, seguida pela cidade de Colatina.

FIGURA 26 – Estados da região Sudeste demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia

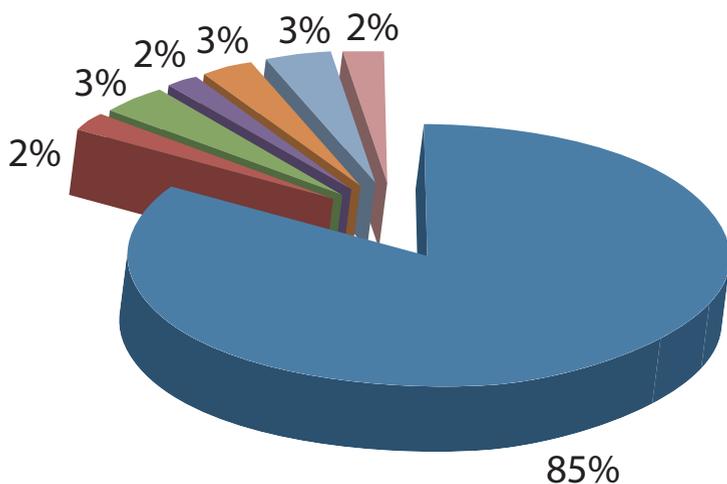


Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ SP ■ MG ■ RJ ■ ES

O Nordeste apresenta uma diferença bastante significativa entre a Bahia e os demais estados (FIGURA 26), que alternam entre 2% e 3%. Salvador apresenta o número mais significativo, aparecendo, em seguida, as cidades mais próximas a Ilhéus e Itabuna, como Jequié, Camacan, Ibicaraí, Coaraci, Itapé, Ubaitaba e Buarama. Com maior distância e percentual significativo aparecem Vitória da Conquista e Feira de Santana. Os estados de Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí acompanham as análises, pois suas capitais demandam o maior número de imigrantes, seguidas, em média, de duas ou três cidades do interior. Os estados do Maranhão e Alagoas registram imigrantes apenas das suas capitais.

FIGURA 27 – Estados da região nordeste demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia



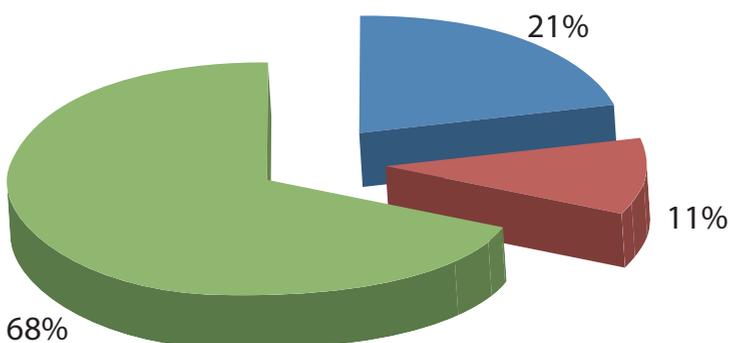
Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ BA ■ SE ■ PE ■ AL ■ PB ■ CE ■ PI

Na região sul (FIGURA 27), o estado do Rio Grande do Sul lidera o contingente migracional para o sul da

Bahia, apresentando Porto Alegre o maior número. Em seguida temos o Paraná, porém, diferentemente dos outros estados, a capital não registra imigrante, sendo o número mais significativo o da cidade de Toledo. Santa Catarina acompanha a característica do Paraná, pois não apresenta imigrante da sua capital, sendo o número mais significativo da cidade de Blumenau.

FIGURA 28 – Estados da região sul demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia

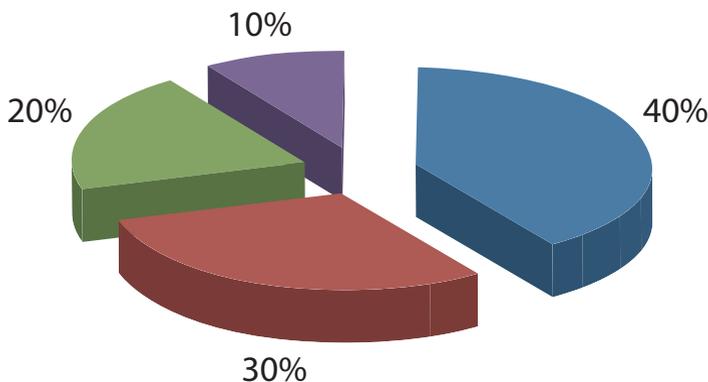


Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ PR ■ SC ■ RS

A região norte (FIGURA 28), apesar de serem em número de sete os seus estados, somente quatro deles registram imigração para o sul da Bahia, sendo que do Pará, Amazonas e Roraima vieram todos da capital do estado, e no caso do estado de Rondônia, a imigração é de Pimenta Bueno.

FIGURA 29 – Estados da região norte demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia

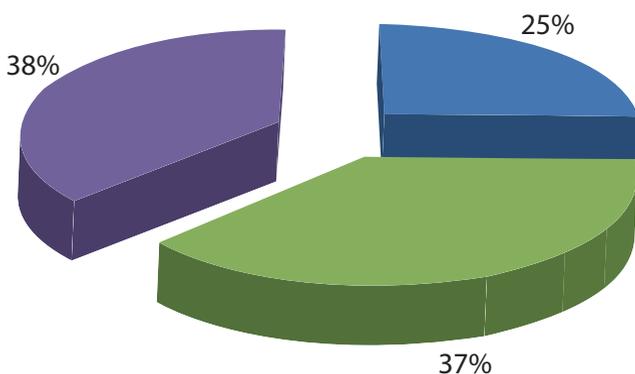


Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ PA ■ AM ■ RR ■ RO

Na região centro-oeste (FIGURA 29), o Distrito Federal e Goiás empatam quanto ao número de imigrantes, sendo ambos das capitais dos estados. Mato Grosso aparece com um número menor e os registros empatam entre as cidades de Campo Grande e Corumbá.

FIGURA 30 – Estados da região centro-oeste demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia

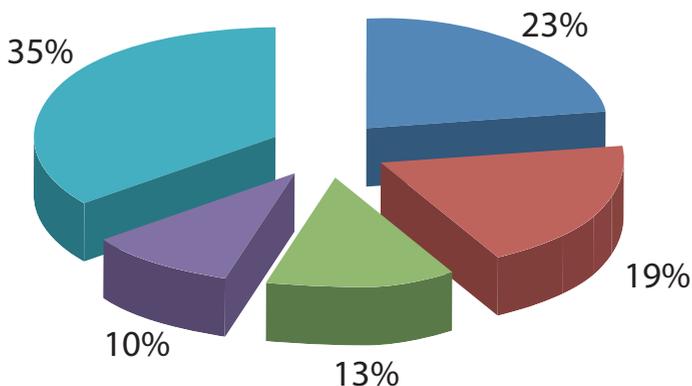


Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ MT ■ GO ■ DF

No tocante aos imigrantes vindos de outras partes do globo, Cuba e Peru são os de números mais expressivos, seguidos pela França e pela Argentina (FIGURA 30).

FIGURA 31 – Países demandantes de acadêmicos para o sul da Bahia



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ Cuba ■ Peru ■ França ■ Argentina ■ Outros Países

## 5.2 Percurso

Do contingente amostral, poucos foram os que estavam se deslocando de seu espaço de origem pela primeira vez. Os percursos delineados por esses profissionais indicam, na sua maioria, um trânsito por, pelo menos, dois ou três lugares antes de chegar à Região Sul da Bahia (FIGURA 31). São depoimentos de pessoas que saíram de seus espaços para cursar a pós-graduação, alguns voltaram depois da conclusão do curso buscando espaço de trabalho na sua região de origem, e outros buscaram essas ofertas no espaço onde realizaram seus programas de mestrado e doutorado, começando a pesquisar também outras possibilidades nos diversos pontos do globo.

Houve registros enfáticos de profissionais que disseram desejar ficar mais próximos do seu lugar, mantendo sua configuração social de origem, mas, por vezes, por se tratar de grandes capitais ou do interior desses estados, a procura é grande e a concorrência se acirra. Outro conjunto de pessoas já afirma que a aposta desses deslocamentos e a vinda para uma cidade do porte de Ilhéus ou Itabuna para trabalhar numa universidade jovem reflete o desejo de crescer junto com a instituição. Em um depoimento, o professor registra:

“Vi na Uesc a possibilidade de crescer junto com ela. Era minha primeira experiência em um concurso público, início de carreira, recém titulado doutor, e a instituição uma universidade nova. Entendi que poderia construir projetos desde o seu início” (professor – 1 deslocamento – 5 anos em Ilhéus).

Esse crescer, algumas vezes, extrapola o universo do profissional e atinge questões familiares, como o desejo de constituir família ou aumentar a família já constituída, trazendo pessoas que ficaram, operacionalizando o desejo de ter filhos ou aumentando o número deles. “Uma universidade grande em uma cidade pequena iria me garantir a qualidade de vida e a ampliação familiar desejada, também o crescimento profissional” (professor – mestre – 3 deslocamentos – 5 anos em Ilhéus) diz um entrevistado.

Os contextos são os mais diversos; houve depoimentos de pessoas que já passaram por mais de sete lugares, nem sempre para a realização de cursos, mas para conhecer e analisar as possibilidades de enraizamento naquele lugar.

“Passei por dez lugares antes de chegar aqui. Entre eles: cidades do interior e capital e ainda morei em outro país” (professora – 11 deslocamentos – 5 anos em Ilhéus).

“Morei em dois países diferentes e também em outro estado antes de vir para Ilhéus. Desejava voltar para o Brasil e desejava morar no Nordeste” (professor – 4 deslocamentos – 6 anos em Ilhéus)

“Sou um pouco do Sul, do Sudeste e do Nordeste, já passei por mais de cinco lugares desde o nascimento. Não fui criada onde nasci e fiz meus estudos, incluindo a pós-graduação, em lugares diferentes” (professora – 6 deslocamentos – 5 anos em Ilhéus).

Os depoimentos tipificam características da vida moderna. Mudanças contínuas, busca de uma autoidentidade, necessidade de afirmação profissional, busca por reconhecimento no mercado de trabalho, necessidade de constante reciclagem, ao mesmo tempo uma condição de estabilidade são requisitos evidenciados por profissionais inseridos na dinâmica das sociedades modernas. A ideia centrada numa formação não continuada, de fazer carreira dentro do primeiro emprego sem necessidade de aperfeiçoamento, passa a ser entendida como acomodação, situação que não condiz com o movimento frenético da contemporaneidade;

Com a crescente especialização das sociedades, a trajetória do indivíduo de se tornar uma pessoa autoconfiante e autônoma torna-se mais longa e complicada. Aumentam as exigências feitas a seu autocontrole consciente e inconsciente (ELIAS, 1994, p. 105).

Novas demandas são criadas e a necessidade de titulação torna-se algo imprescindível. Tal realidade determina a saída de muitas pessoas, dos seus lugares para o exercício de uma formação continuada ao mesmo tempo em que os profissionais tornam-se aptos a competir em outros espaços acadêmicos, na busca pela sedimentação do *status quo* condizente com as estruturas da modernidade. Para Bourdieu,

O conhecimento do espaço social em que se realiza a prática científica, e do universo dos possíveis, estilísticos ou outros, em referência aos quais suas escolhas são definidas, leva não a repudiar a ambição científica e a recusar a própria possibilidade de conhecer e de dizer o que é, mas a reforçar, pela tomada de consciência e pela vigilância que ela favorece, a capacidade de conhecer cientificamente a realidade (2011, p. 55).

A saída em busca de mudança ou de novas possibilidades é a oportunidade que o indivíduo tem, hoje, de buscar sozinho a realização do anseio pessoal, com base nas suas decisões, mas isto não deixa de envolver certo grau de risco, pois

Exige não apenas considerável volume de persistência e visão, mas requer também, constantemente, que o indivíduo deixe de lado as chances momentâneas de felicidade que se apresentam em favor das metas, a longo prazo, que prometam uma satisfação duradoura, ou que ele as sobreponha aos impulsos a curto prazo (ELIAS, 1994, p. 109).

São escolhas que podem ser conciliadas ou não, reali-

dade que remete ao depoimento que diz “meu cônjuge não se adaptou. Foi embora e levou o resto da família” (professor – 1 deslocamento – 8 anos em Ilhéus), registro que corresponde à frase “A maior liberdade de escolha e os riscos maiores andam de mãos dadas” (ELIAS, 1994, p. 109). As metas podem ser atingidas como também se pode chegar à metade do caminho ou até pode-se carregar um sentimento de fracasso ao se perceber que a realidade pode ser menos extasiante que o sonho. A realidade pode ser mal calculada, pode-se fazer exigências excessivas a si mesmo ao ponto de o “esforço da longa jornada ser tão grande que a pessoa perca a capacidade de desfrutar a realização ou de vê-la como uma realização satisfatória” (ELIAS, 1994, p. 109).

Tais escolhas e os cálculos nela empregados remetem ao que Elias (1994) denomina de “arsenal de coisas não vividas”, pois se está falando de escolhas, do ponto de vista estrutural, pois há, no momento das decisões, uma profusão de oportunidades perdidas ou não selecionadas. No caminho trilhado, usualmente se aceita o que foi alcançado sem pensar no que ficou para trás, mas, quer se recorde ou não, nas sociedades complexas o caminho é extraordinariamente rico em ramificações e meandros, onde ele passa por grande número de bifurcações em que tem que decidir por esse ou aquele caminho (ELIAS, 1994, p. 110).

Em um depoimento, uma professora coloca:

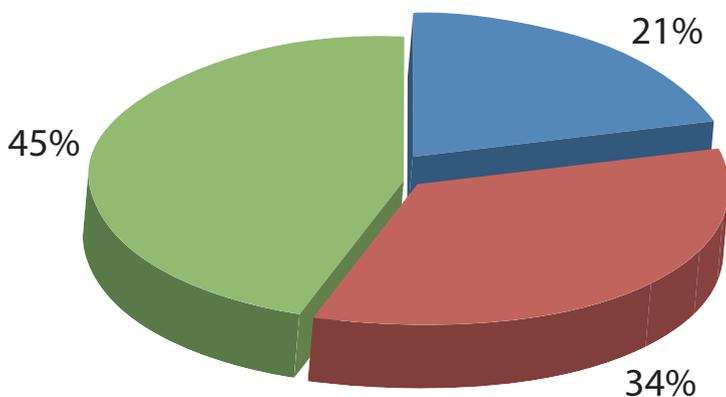
“No período em que surgiu a vaga do concurso tinha sido convidada como visitante para outra estadual baiana e tinha uma proposta de bolsa para passar um ano na Alemanha, mas o concurso era na minha área específica, não podia deixar passar” (professora – 2 deslocamentos – 13 anos em Ilhéus).

É próprio da complexidade das sociedades modernas que convivem com um grau acirrado de competitividade e exigência de elevado grau de especialização que oportunidades não sejam deixadas à beira do caminho, em detrimento da coragem de se escolher tantas outras. Em um depoimento, o professor comenta: “corajoso não é aquele que tem a ação de sair, mas aquele que consegue ficar” (professor – 8 deslocamentos – 4 anos em Ilhéus). Na sua ótica, no decorrer da conversa ele explica que, por vezes se vê tantas coisas com as quais não se concorda, no lugar em que se está, que se critica, e mesmo assim se consegue permanecer... Esses, no seu entender, é que são os corajosos.

Mas, independente da coragem de ficar ou sair, sempre foi possível observar, na história, movimentos em ambas as direções, ainda que, nas últimas décadas, as discussões sobre os movimentos de deslocamento tenham prevalecido. O número de atividades especializadas elevou-se através dos milênios, de início em ritmo lento, mas na atualidade em ritmo cada vez mais acelerado. “Hoje em dia muitas sociedades têm centenas de ocupações especializadas, dentre as quais o indivíduo tem certa margem de escolha, dependendo da sua origem social, sua escolarização e seu talento” (ELIAS, 1994, p. 113).

O conjunto das possibilidades aliado à realidade de um mundo interconectado facilitam a realidade dos deslocamentos para subsidiar uma nova realidade de vida que pode se configurar em ascensão ou declínio de grupos.

FIGURA 32 – Trajetória do migrante acadêmico até chegar ao sul da Bahia



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ VEIO DIRETO ■ DOIS DESTINOS ■ 3 OU MAIS DESTINOS

### 5.3 Definições do lugar de origem

Na dinâmica dos depoimentos, os termos lugar de origem e lugar de destino são sempre recorrentes, até por serem conceitos comuns nos assuntos sobre migração. Ao se falar do percurso, portanto, tais conceitos se colocam automaticamente e é interessante registrar que o ponto de vista sobre lugar de origem varia entre os depoentes, podendo ser classificado em três diferentes percepções (FIGURA 32): aqueles que entendem que o lugar de origem é o lugar do seu nascimento, evidenciando as questões de identidade e raízes locais, afirmando que pode-se transitar pelo mundo, mas ao se pensar em origem se remete ao lugar de nascimento – referenciado pela antiguidade e coesão grupal –, lugar da família, o lugar das férias ou o lugar para onde se pretende voltar. As frases abaixo dão a tônica dessa primeira percepção:

“Meu espaço de origem me remete a calor, família e amigos” (professora – doutora – 8 anos em Ilhéus).

“Quando eu saio de férias e viajo pra lá, digo: vou pra casa” (professora – doutora – 10 anos em Ilhéus).

“Quando meus pais venderam a casa que moravam e mudaram de cidade, a minha sensação foi de não ter pra onde voltar. Senti que tiraram minha referência, meu pedacinho” (professora – doutora – 11 anos em Ilhéus).

“Apesar de me sentir multinacional, meu avô é basco, meu pai e minha avó são chilenos, minha mãe é brasileira, o outro avô italiano, acredito que lugar de origem tem a ver com o lugar da família, no meu caso, toda essa mistura se desenhou em São Paulo, é de lá que sinto que sou” (professor – doutor – 7 anos em Ilhéus) .

“Venho do interior de Minas, mas já morei em Recife e também em São Paulo. Passei um tempo em Londres, mas minhas raízes estão em Minas e no nosso famoso pão de queijo” (professor – doutor – 11 anos em Ilhéus).

“Tenho uma relação muito forte com o Rio de Janeiro. Vou sempre e logo que cheguei assistia a filmes, novelas, esportes só pra ver pedaços da cidade maravilhosa” (professora – doutora – 13 anos em Ilhéus).

Outro grupo vai explicitar sobre o lugar da criação, uma nova configuração social, explicando que, ao se referir à origem, o pensamento não recai sobre o lugar de nascimento, mas onde cresceu, estudou, onde registram as melhores lembranças e os depoimentos perpassam por falas

que registram: “apesar de ter nascido em... meu lugar de origem é... pois foi lá que eu...” e então elencam uma série de situações que respaldam sua opção por designar aquele como seu lugar de origem. “Minha origem de documento é uma, de sentimento é outra” (professor – doutor – 12 anos em Ilhéus). O lugar de destino também já aparece em algumas falas como tendo a importância de um lugar de origem. “Minha origem já é aqui, não tenho mais família lá, aqui é o lugar que morei mais tempo” (professor – mestre – 5 anos em Ilhéus), ou “Quando tinha os meus pais pensava que meu lugar de origem era lá... agora que não os tenho mais e já tenho filhos, penso que é aqui, que é Ilhéus” (professor – mestre – 5 anos em Ilhéus), “Nasci no interior do Maranhão, mas fui criado em São Paulo. Não consigo estabelecer mais nenhuma relação com o lugar que nasci. Entendo minha origem do lugar que fui criado” (professor – 8 anos em Ilhéus). A necessidade de pertencer referenda os discursos citados. Hall citando Scruton, registra:

A condição do homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (1997, p. 52).

É o sentimento de identificação ou de cultura vivida refletindo nesses contextos, mostrando que “sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (HALL, 1997, p. 52). A experiência que liga o

sujeito à nação ou a sua região hoje é bastante discutida, com argumentos que consideram que as identidades “não são coisas com as quais nascemos [...] nós só sabemos o que significa ser inglês devido ao modo que a inglesidade veio a ser representada” (HALL, 1997, p. 53), condição que dá margem à escolha de uma identificação de origem que pode não perpassar pelo lugar do nascimento.

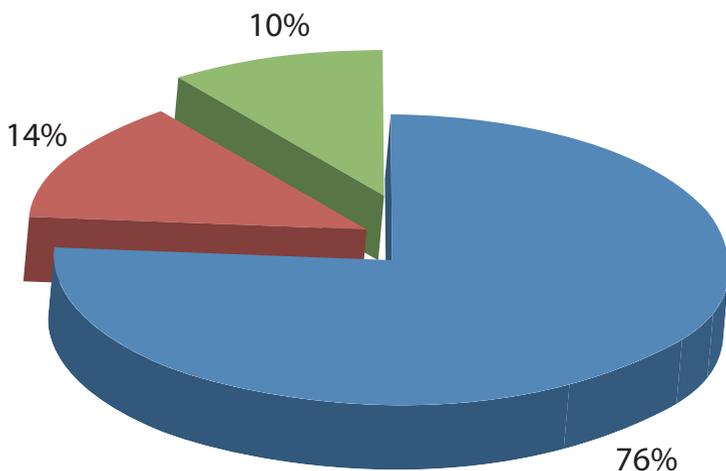
O terceiro grupo explicita não conceber essa ideia de lugar de origem ou não pensar sobre essa questão, se fundamentando numa concepção plural de múltiplas relações. “Sou cidadão do mundo, quando estou aqui, o meu lugar é aqui, quando estou lá, o meu lugar é lá” (professor – doutor - 9 anos em Ilhéus). Não se evidencia, nesse discurso, a questão de uma identidade local calcada em hábitos e gostos próprios por ser oriundo de um determinado lugar, ou, ao contrário, registro de vários lugares, até por ter pertencido e ter sentimento de pertença nesses vários contextos. “Não me sinto de lugar nenhum, mas me sinto mais da terra aqui do que no lugar que eu nasci, São Paulo” (professor – 5 anos em Ilhéus), “Poderia usar a frase – sou do mundo, sou Minas Gerais – mas só me sinto do mundo, ou poderia até dizer que me sinto do mato, do meio rural, mas de nada tão localizado” (professora – mestre – 4 anos em Ilhéus), “Me sinto de todos os lugares por onde passei” (professor – doutor – 9 anos em Ilhéus). A identificação citada, ou, mais precisamente, a não identificação de uma origem é analisada sob a ótica do desenvolvimento de uma sociedade contemporânea, onde tal sentimento é passível de sobressair. Em sociedades constituídas no passado, o indivíduo, de acordo com Elias

Era muito mais estreitamente ligado ao grupo em que nascia, às unidades pré-nacionais, aos parentes, à terra natal ou à tribo, ou pelo menos o eram mais estreitamente do que agora, pois esses eram os grupos dos quais podiam esperar ajuda e proteção na necessidade extrema. Nas sociedades mais desenvolvidas, o nível de integração do Estado absorve cada vez mais essa função de último refúgio na necessidade extrema (1994, p. 149).

Esse *habitus* ou composição individual se apresentará diferenciado a depender de como se identifica cada ator. É do *habitus* que irão emergir as características pessoais que diferem um indivíduo dos outros membros da sociedade, ao mesmo tempo em que dá a noção do pertencimento do indivíduo ou a ideia de que o indivíduo porte em si o *habitus* de um grupo e de que seja esse *habitus* o que ele individualiza em maior ou menor grau. A identidade vai se formando em contraposição à identidade do outro.

Percentualmente, quanto ao entendimento do imigrante sobre o seu lugar de origem, temos o quadro abaixo:

FIGURA 33 – Entendimento sobre lugar de origem



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ DO NASCIMENTO ■ OUTRO ■ NÃO TEM/TODOS OS LUGARES

Aqueles que fazem referência ao lugar de origem como os lugares da sua identidade, por vezes verbalizam, nesse momento, o desejo de voltar. Os que afirmam não ter lugar de origem ficam sem saber muito o que descrever, falam então de diversos lugares ou se remetem ao lugar do nascimento. “Pergunta difícil: eu sou de todos esses lugares”, registra um professor (doutor – 6 anos em Ilhéus). O hibridismo de uma identidade no mundo moderno nesse momento é defendido e explicado por esse grupo que entende uma múltipla formação do sujeito calcada pelas influências amalhadas por todos os espaços por onde passou. São os fragmentos que formam o todo. Alguns depoimentos defendem a ideia de um pluralismo e criticam a ideia de uma identidade unívoca:

“Meu lugar de origem é o mundo inteiro. Consigo perceber o papel que cada lugar tem em minha formação.

Devido a algumas características que carrego, posso dizer que me identifico mais com o Rio Grande do Sul, mas todos os lugares são iguais. Tem que se reconhecer as coisas positivas e negativas e tirar o melhor” (professor – doutor – 7 anos em Ilhéus).

“Pra família que ficou em São Paulo eu sou a sem pátria. Já morei no interior de São Paulo, em dois lugares, nos Estados Unidos da América, no Pará, no Rio de Janeiro” (professora – doutora – 5 anos em Ilhéus).

“Pra mim é complicado falar sobre origem. Fui criada na Europa, tenho lembranças muito fortes da França e da Inglaterra. Nasci em um país na América do Sul e penso em Ilhéus como a minha cidade. Não permito que ninguém fale mal” (professora – mestre – 9 anos em Ilhéus).

“A identidade é construída pelos lugares onde passei” (professor – doutor – 5 anos em Itabuna).

“Não penso que tenho um lugar de origem, falo que sou meio baiano ou que sou do mundo” (professor – doutor – 9 anos em Ilhéus).

“Até um determinado momento achava que era de um lugar, mesmo sem morar mais lá, pois sempre retornava. Descobri que não era em um jogo de futebol... (risos). Na hora da escalação, ninguém me chamou... percebi que não tinha mais o meu grupo, me senti deslocado” (professor – doutor – 11 anos em Ilhéus).

## 5.4 Realidades econômicas

Outro quesito questiona a realidade econômica do seu espaço de origem e a realidade econômica do acadêmico, antes da migração para o sul da Bahia. A descrição sobre a economia local perpassa pela explicação de culturas agrícolas que são o sustentáculo das cidades ou regiões, bem como das indústrias e serviços que identificam tal espaço. Mais uma vez, para aqueles que possuem uma noção rígida de espaço de origem e de identidade cultural, tal explicação é fácil, pois a economia identifica o espaço e os identifica num determinado momento de vida. Aparecem registros ligados à criação ou produção familiar de tal matéria-prima, produto ligado à agricultura de subsistência e a seu sustento ou de sua família, ou produto como referência nacional ou mundial que dá orgulho às pessoas do lugar. Para os que não definem categoricamente seu lugar de origem, as inferências sobre a economia irão transitar pelos produtos, agricultura e serviços do lugar de nascimento, ou do lugar onde cresceu e, às vezes, até do lugar onde residiu anteriormente, mas já em fase adulta.

Quanto à realidade econômica anterior desses profissionais, tem-se uma grande parte pertencente à classe média, com descrições de vida confortável, de batalhas, mas de poucas privações. Muitos são oriundos de famílias em que os pais atuam ou atuaram como profissionais liberais, funcionalismo público e comércio. Em sua maioria, tiveram a oportunidade de estudar em escolas particulares ou boas escolas públicas, fizeram muitas referências à prática de esportes, curso de idiomas, frequência a clubes e atividades culturais e de lazer. Alguns estudaram com bolsas de estudo e tiveram necessidade

de associar trabalho e estudo antes dos 20 anos, porém essas atividades geralmente estão vinculadas a trabalho com os pais ou atividades que não se constituíam em necessidade de sobrevivência. Frases como as citadas abaixo dão uma ideia da realidade descrita:

“Só comecei a trabalhar aos 20 anos” (professor – classe média – proveniente de região agroindustrial).

“Comecei a trabalhar porque queria, não porque precisava” (professora – classe média – proveniente de região agroindustrial).

“Peguei meu primeiro ônibus aos 18 anos” (professor – classe média – proveniente de região de economia agrícola).

“Tive bolsa de estudos em função da atividade e das relações dos meus pais” (professora – classe média – proveniente de região agroindustrial).

“Quando estudava dependia dos meus pais, mas as condições econômicas sempre foram boas, sempre estudei muito e praticava esporte” (professora – classe média – proveniente de região agroindustrial).

“Sempre vivemos bem, me colocaria numa classe C. Tive sempre acesso a bens de consumo duráveis, carro e casa própria. Comecei a trabalhar cedo, mas não parei de estudar, consegui crescer em uma instituição que trabalhei antes de vir pra cá” (professor – classe média – proveniente de região de economia de serviço).

Um grupo menor é oriundo da classe baixa. As descrições passam por luta pela sobrevivência, trabalho desde a mais tenra idade e ajuda na criação dos irmãos mais novos. Famílias com origem na zona rural e atividades informais. Alguns, no relato de seus percursos, lembram com saudade e orgulho de sua própria trajetória:

“A vida não era algo tranquilo, tinha muita luta, mas vencemos” (professor – classe baixa – proveniente de região agrícola).

“A vida tinha muita privação, mas era feliz, muita brincadeira de rua” (professor – classe baixa – proveniente de região de economia de serviço).

“Não tinha direito ao supérfluo, mas não deu pra matar” (professor – classe baixa – proveniente de região agrícola).

“Passei por muita dificuldade, muita falta de dinheiro, tive que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, teve dias de não haver o que comer, mas centrei todos os meus objetivos nos estudos, não sabia o que ia fazer, mas sabia que tinha que estudar” (professora – classe baixa – proveniente de região agrícola).

“Quando criança, a família não tinha boas condições, vivíamos apertados, porque o país de onde venho passava por uma crise nacional, mas todos da família conseguiram crescer, estudar, trabalhar, e ter boas posições. Lá no meu país tinha muita droga, tinha vontade de ir embora também por isso (professor – classe baixa – proveniente de região agrícola).

Para outros, a demonstração é de incômodo, pois as condições eram de muitas privações:

‘A vida toda contando moedas’ (professor – classe baixa – proveniente de região agrícola).

“Trabalho desde os três anos de idade” (professor – classe baixa – proveniente de região agrícola).

“Momentos de vida sem energia elétrica” (professor – classe baixa – proveniente de região agrícola).

“Não tenho saudades, minha origem foi muito humilde” (professora – classe baixa – proveniente de região de economia de serviços).

Um grupo bem menor tem origem na classe alta. Os pais são funcionários públicos e empresários. Casa própria, carros, estudo de idiomas, viagens, prática de esportes, aulas de balé e pintura, fazem parte do contexto de origem desse pequeno grupo: “Boas condições, ótimos colégios, uma boa formação sempre” (professora – classe alta – proveniente de região agroindustrial).

Os depoimentos e os percentuais comprovam que o modelo de migração de mão de obra qualificada está atrelado significativamente aos fatores de atração, pois poucas são as falas que identificam uma necessidade de mudança em função da sobrevivência. A característica pontual nos relatos é de uma vida estável na origem e de tentativa da manutenção ou ascensão do *status quo*, efetivando uma boa condição estrutural, por mais que envolva a concomitância do estudo e do trabalho, não envolve luta pela sobrevivência. Há indicações, sim, de desvantagens em se permanecer no local de origem, pois melhores

oportunidades se encontravam em outros espaços:

“Dava aula em faculdades particulares, ganhava relativamente bem, mas não me sentia realizado, desejava estabilidade, qualidade de vida, prosperidade numa carreira e acreditei que numa cidade pequena poderia conseguir isso” (professor – classe média – proveniente de região agroindustrial).

“Não gostava de morar em São Paulo, muito trânsito, vida caótica. Trabalhava mais de 40 horas por semana em colégio particular. Buscava qualidade de vida, estabilidade (professora – classe média – proveniente de região agroindustrial).

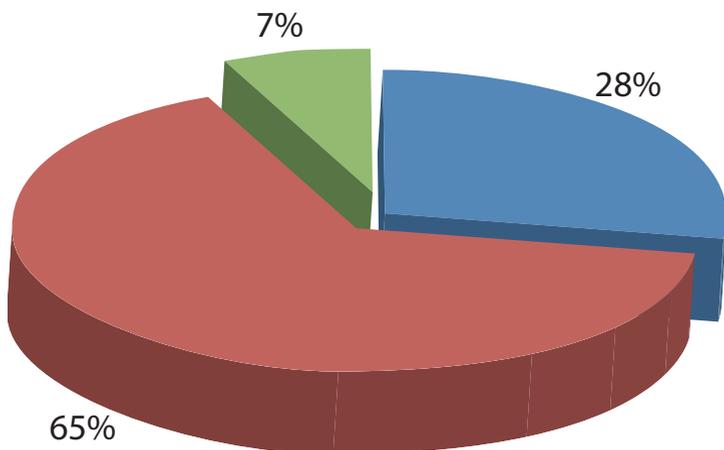
A necessidade de ascensão e valorização profissional, citados no parágrafo anterior, irá demonstrar que os aspectos geográficos das migrações estarão imbricados aos aspectos migratórios da mobilidade social, pois se em um primeiro momento o que parece acontecer é que as pessoas se deslocam fisicamente de um lugar para o outro, na realidade elas se deslocam de um grupo social para outro, pois não é fácil evitarmos considerar como socialmente móveis as pessoas que se mudam de um bairro ou comunidade para outro, seja num mesmo país ou entre países, sem necessariamente passar de uma classe para outra (ELIAS, 2000, p. 176), ou, no mínimo, de uma situação de classe para outra. O registro respalda o relato de um professor que diz:

“Idealizava morar em um lugar com um padrão de vida melhor do que eu tinha. Morar perto da praia, numa casa, com quintal, plantas e cachorro para poder criar bem os guris. Trabalhava numa estadual, só que numa capital, não daria para realizar o que queria. Aqui deu” (professor – classe média – 9 anos em Ilhéus).

Na FIGURA 33, a representação percentual identifica 65% dos profissionais com características da típica

classe média, 28% vindos de uma classe baixa, em que se identificam algumas situações de privações, e apenas 7% de origem mais abastada.

FIGURA 34 – Situação de classe



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ CLASSE BAIXA ■ CLASSE MÉDIA ■ CLASSE ALTA

## 5.5 Causas do deslocamento

O movimento de pessoas dentro de um país está atrelado ao crescimento demográfico, às necessidades econômicas, a mudanças políticas e ambientais ou devido a motivações culturais. São fenômenos extremamente complexos em suas causas, tanto nas suas áreas expulsoras como receptoras. As causas mais constantes estão ligadas a renda, emprego e bem-estar. Do ponto de vista econômico, só a diferença de renda não explica as migrações, fazem-se necessárias as oportunidades de trabalho que apresentem diferenciais com remunerações razoavelmente seguras, uma

vez que envolvem estratégias familiares e busca de oportunidades. Este movimento em busca de melhores condições de vida requer capital econômico, cultural e intelectual necessário para perceber e efetivar oportunidades em outros espaços. Elias, ao descrever a realidade de Winston Parva, registra:

A princípio as pessoas foram atraídas para Winston Parva por uma série de postos de trabalho criados pela guerra, e mais tarde pelos empregos oferecidos por algumas das indústrias locais em expansão, e até as firmas tradicionais produtoras de malhas e calçados, embora sujeitas a algumas oscilações, ofereciam salários suficientemente altos para atrair operários de outras partes do país (2000, p. 107).

Após iniciado o processo por alguns migrantes, existe uma tendência a que outros sigam o caminho já aberto em busca de um espaço comum de autonomia relativa, tornando o deslocamento mais seguro para os que migram posteriormente, uma vez que as informações e referências estão sendo veiculadas por pessoas que estão ou que estiveram nas mesmas condições quando chegaram ao destino, obedecendo, portanto, a uma lógica particular de grupo.

Sobre as causas do deslocamento para o sul da Bahia, esse contingente de migrantes pode ser dividido em dois segmentos: aqueles que vieram em função da Universidade Estadual de Santa Cruz, e outro grupo que se deslocou em função de outros compromissos ou atrativos, sendo os mais citados: família e trabalho em outros espaços. No quesito família, surgem depoimentos sobre casamento com pessoa da região, transferência familiar ou para acompanhar o cônjuge que vinha trabalhar na instituição.

“A família da minha esposa é da região. Sempre tiveram roças de cacau. Por ocasião dos nossos estudos de graduação e pós-graduação nos conhecemos em Minas e voltamos a nos encontrar no Paraná. Começamos a namorar e a coisa foi ficando séria. Ela veio, fez o concurso e passou. Casamos e eu vim administrar alguns negócios de família, com pouco tempo prestei também concurso e hoje trabalhamos na Uesc” (professor – migrou com a família – 20 anos em Ilhéus).

“Desde que cheguei pra região tinha vontade de trabalhar na Uesc, mas não tinha vaga para minha área. Vim porque meu marido passou no concurso. Tão logo aconteceu de pintar uma vaga que contemplou minha formação, fiz e passei. Foi uma realização” (professora – migrou com a família – 3 anos em Itabuna e 8 anos em Ilhéus) .

“Minha família foi transferida para Ilhéus. Apesar de adorar o lugar onde eu morava, me adaptei com facilidade. Por ter nível superior e à época não precisar do título de mestre ou doutor, fiz concurso e passei. As titulações vieram depois com incentivo da Uesc” (professora – migrou com a família – 20 anos em Ilhéus).

Os que citam o deslocamento em função de outros trabalhos falam de atividades em fazendas de cacau, reservas, implantação de negócio particular e atividades em faculdades particulares e posterior entrada na Uesc.

“Vim para trabalhar na Ceplac, dar assessoria em reservas. Nesse período a Uesc não tinha crescido tanto, muito menos a minha área. Fiz concurso e passei. Terminei, depois de um tempo, deixando as outras atividades e ficando apenas na Uesc” (professora – migrou com a família – 13 anos em Ilhéus).

“O amigo de um amigo me falou de uma vaga para uma faculdade particular; como estava terminando o doutorado, vim e assumi. Com pouco tempo surgiu concurso para a Uesc. Casou bem com o final do doutorado. Fui aprovada. De início fiquei nas duas, depois só na Uesc” (professora – migrou sozinha – 5 anos em Ilhéus).

A maioria dos entrevistados que explica a vinda do docente em função do concurso público da Uesc, explicita que a ideia de uma universidade nova, que vinha se destacando em algumas áreas de pesquisa, propiciava um processo de construção paralela entre docente e instituição. O professor aqui retratado, em geral, se apresenta jovem de idade ou de percurso, e seu discurso passa pelo desejo de se colocar no mercado de trabalho, mais especificamente dentro de uma hierarquia institucional, e avançar. Implantar e inovar são verbos utilizados que justificam a ideia do crescimento paralelo. O lugar de origem, algumas vezes, é um grande centro onde o professor morou ou estudou e que apresenta uma concorrência desenfreada e um “excedente” de profissionais nas mesmas condições, evidenciando o panorama de grandes lutas competitivas: com titulação e sem oferta. Outras vezes são cidades pequenas, do interior dos estados, que não apresentam ofertas de trabalho compatíveis com a titulação adquirida pelo profissional. A opção, como traduziu um pesquisador, foi:

“Correr atrás de um desafio, buscar uma nova vida. Morei no interior de Minas a vida toda e tive oportunidade de fazer minha pós-graduação na capital do estado, mas na hora de arrumar emprego, todos já estavam ocupados. Através dos sites de diversas instituições construí um mapa das ofertas, tipos de seleção e perfil das cidades. Ilhéus me

encantou de pronto. As praias, a história, a comida, foram decisivas na minha escolha” (professor – doutor – 38 anos – 8 anos em Ilhéus).

Alguns exemplos registram a vinda de professores em caráter provisório, pois mediante seleção pública vieram para o cargo de professor substituto por período de tempo determinado. O estar na região, o se adaptar e a oferta de vaga efetiva propiciou, a alguns, a oportunidade de ficar em definitivo.

“A perspectiva de trabalhar na pós-graduação era tentadora. Mesmo entrando com prazo de ‘validade’, esse prazo poderia ser renovado e nesse ínterim uma vaga aparecer. Foi isso que aconteceu. Desloquei-me em função do convite de um amigo que já estava aqui e no período em que estava como substituto tive a oportunidade de passar no concurso. Minha família agradeceu, pois já estavam adaptados e sem a menor vontade de partir” (professor – doutor – 36 anos – 1 ano em Itabuna – 8 anos em Ilhéus).

A qualidade de vida, a segurança e a ênfase na escolha de cidades pequenas é um quesito ressaltado por grande parte do grupo como causa da migração, independente do motivo primeiro do deslocamento. Logo após a explicação sobre concurso público, seleção para professor substituto, seleção para professor visitante ou programa de absorção de doutores, são salientadas tais características, o que é coerente com os requisitos referentes às escolhas dos migrantes de mão de obra qualificada:

As variáveis geográficas, a despeito da infraestrutura local, oferta de serviços de utilidade pública, disponibilidade e acesso fácil à tecnologia etc., da mesma forma que as instituições

presentes têm efeito significativo no conjunto dos atrativos (SOARES, 2002, p. 21), além de localidades com maior escolaridade e com curta distância do litoral.

Espaços de climas amenos também são aferidos nas escolhas, ou seja, os migrantes qualificados prezam, portanto, localidades em que a variabilidade térmica é menor e regiões com menor intensidade e montante de chuvas.

“Vinha da Unicamp, queria uma cidade tranquila, com qualidade de vida, que me propiciasse fazer carreira. Consegui, além disso, vir para uma cidade histórica, onde adoro o mar, as paisagens e o clima” (professor – doutor – 32 anos – 7 anos em Ilhéus).

“Quando casei, fomos morar no sul, a adaptação foi muito difícil. Lá começamos a construir a ideia de morar no Nordeste. Aconteceu o concurso da Uesc, uma universidade em um lugar calmo, pacato e com um clima que eu adoro” (professora – doutora – 35 anos – 4 anos em Ilhéus).

“Queria morar em um lugar pequeno, com qualidade de vida e que tivesse aeroporto” (professor – doutor – 40 anos – 9 anos em Ilhéus).

“Queria sair do Rio, ir para uma cidade em que me sentisse confortável, que tivesse mar e pudesse desenvolver pesquisas na minha área. Quando vi o concurso, não tive dúvidas” (professora – doutora – 43 anos – 14 anos em Ilhéus).

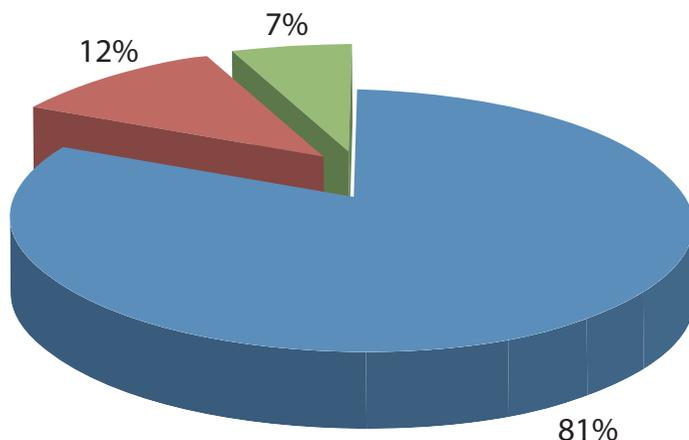
“Buscava trabalho na área acadêmica, já tinha morado no Nordeste e queria voltar. Desejava uma cidade de

médio porte e com perspectivas” (professora – mestre – 31 anos – 7 anos em Ilhéus).

“Trabalhava em uma particular no Sul, um amigo daqui, que trabalhou comigo lá, me avisou do concurso, pois sabia que eu estava em busca de calor e qualidade de vida” (professor – mestre – 32 anos – 5 anos em Ilhéus).

Os depoimentos citados e os critérios delineados sob a perspectiva da migração de mão de obra qualificada coadunam com o aporte neoclássico funcionalista de Lee (1980), que foi elaborado sob a ótica da teoria da modernização, em que a análise recai sobre o indivíduo que, de forma racional, projeta um futuro mesmo que próximo e por vezes imediato. Indivíduo que analisa o custo – benefício do movimento, decidindo sobre a viabilidade do deslocamento. Não se discute, segundo esse aporte, se a mudança é permanente ou temporária, tampouco sobre a distância do deslocamento ou se tem caráter interno ou externo, porém se evidencia que na base de tais deslocamentos se encontra o desenvolvimento econômico. Os fatores descritos por Lee (1980), de expulsão e de atração, estão associados à decisão de migrar. O saldo tirado dos dois, mediado pelos obstáculos e pelos fatores pessoais determinam o sentido do fluxo atrelado ao binômio: modernização – desenvolvimento econômico.

FIGURA 35 – Causas da migração



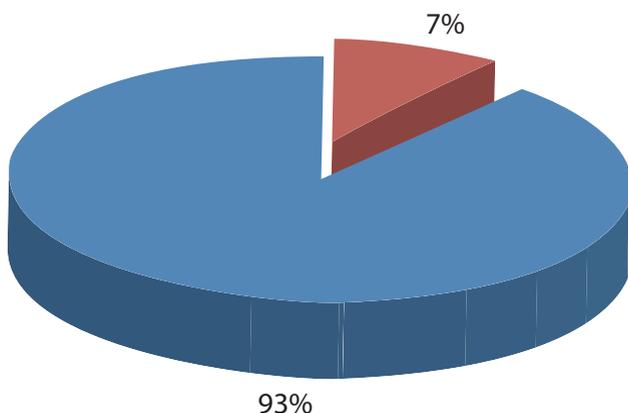
Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ UESC ■ FAMÍLIA ■ OUTRO TRABALHO

Nas ponderações concernentes aos depoimentos sobre as causas que suscitaram a migração dos profissionais para a região, a escolha pela cidade de Ilhéus para fixar residência é de número bastante superior se comparada à cidade de Itabuna, numa proporção de 93% a 7% (FIGURA 35). Os registros, então, vão perpassar pelo quesito relativo aos recursos naturais presente na cidade litorânea, que segundo os depoimentos, sugerem qualidade de vida. Como a própria indicação da palavra, estar no litoral, próximo ao mar, tendo esse lazer gratuito para a família e a beleza natural são entendidos como condição privilegiada entre os acadêmicos. “Cheguei ao lugar que eu queria” (professor – doutor – 37 anos – 6 anos em Ilhéus) é o registro de um professor que, após três anos, comprou uma casa próxima à praia e relata o quanto é prazeroso dar um mergulho no mar ao final da tarde quando chega do trabalho.

As referências quanto a lugar bonito, arejado, de natureza relativamente preservada, aeroporto, influência dos colegas de universidade, possibilidade de morar em Olivença – balneário distante de Ilhéus 15 km – e estar bem próximo da cidade de Itacaré – 60 km – são justificativas para a escolha de Ilhéus. No comparativo com a cidade de Itabuna, as escolhas feitas para morar nessa cidade são justificadas por uma maior facilidade no estabelecimento das relações sociais, família já residente na cidade, comércio e valor dos imóveis. Em alguns poucos casos, há registro de professores que logo ao chegarem residiram algumas semanas ou meses em Itabuna, logo depois se mudando para Ilhéus. Quanto à distancia do trabalho, a Universidade Estadual de Santa Cruz se localiza no km 16 entre as duas cidades, portanto não há diferença de quilometragem entre o percurso das duas cidades. Ao mesmo tempo, a proximidade entre as duas cidades, 28 km, e uma boa rodovia unindo ambas permitem que se transite entre as duas cidades com relativa facilidade.

FIGURA 36 – Escolha de moradia na região objeto da pesquisa Ilhéus-Itabuna



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ ILHÉUS ■ ITABUNA

Ainda no que se refere às opções de moradia, foi perguntado aos depoentes se à época em que migraram pra região existiam outras possibilidades de moradia, fora do sul da Bahia, atreladas a trabalho ou concursos públicos. Muitos informaram ter outras opções de lugar para prestar concursos ou ofertas em faculdades particulares. As exceções recaíram sobre aqueles que centraram seus esforços na Universidade Estadual de Santa Cruz em função da oferta de vaga ser bem específica para sua área de formação, e dos profissionais que não conseguiram ofertas de concurso nas regiões Sul e Sudeste em função da saturação de profissionais, o que desencadeia competição acirrada por ser a demanda bem maior do que a oferta.

A opção cogitada então, por grande parte dos depoentes, passa a ser a Região Nordeste, sendo a Bahia um dos principais estados desencadeadores de atrativos. A Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) foram citadas por alguns depoentes também como perspectiva, e a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) foi citada como primeira opção para alguns, efetivando posteriormente transferência para a Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc).

Mesmo nas referências centradas nos deslocamentos em função da projeção na carreira, melhores perspectivas salariais, possibilidades de titulação, reconhecimento profissional, todas as escolhas mencionadas no decorrer dos depoimentos passam por informações que remetem ao atrelamento à qualidade de vida, tanto por parte daqueles que informam escolher o novo lugar em função dessa estrutura de vida voltada para condições mais saudáveis, como daqueles que informam não querer ficar em determinados espaços em vir-

tude da falta dessa qualidade de vida. Mais uma vez as observações sobre morar no litoral, em cidade pequena, com menor índice de violência são registradas, em detrimento do caos das grandes metrópoles, condição assustadora da violência, trânsito caótico e estresse constante. A tão referida qualidade de vida consubstancia o pensamento de Lee (1980), quando se trata de perceber o desenvolvimento não apenas no sentido estritamente economicista, mas nos aspectos que dão suporte e influenciam a modernização e o desenvolvimento econômico de uma região.

“Querida sair da agitação de São Paulo. Na época tive convite para trabalhar em uma faculdade particular em São José do Rio Preto, São Paulo, e em Feira de Santana, na Bahia, como professor visitante. Preferi apostar no concurso. Passei na UFBA e na Uesc. Escolhi a segunda opção para morar numa cidade menor” (professora – doutora – 13 anos em Ilhéus).

“Como assistente não conseguia nada no Sul nem no Sudeste. Passei em outra estadual da Bahia e depois de quatro anos pedi transferência para a Uesc” (professora – mestre – 6 anos em Itabuna).

“Trabalhava numa faculdade particular, soube na época por um amigo na UFSCar que ia ter concurso para a Uesc; quando abriu o edital tinha na minha área, que é bastante específica, sabia que não ia ser fácil outro com essa especificação, resolvi tentar” (professor – doutor – 9 anos em Ilhéus).

“Estava morando no Sul, queria terminar minha

tese e ir para o Nordeste, para o litoral para viver com mais qualidade de vida. A ideia de estar numa cidade de praia e com a paisagem linda de tanta mata, me disseram que o lugar era a Uesc” (professora – doutora – 8 anos em Ilhéus).

“Dava aula como visitante na Unesp, mas queria fazer concurso, pois me sentia insegura. O amigo de uma amiga que já estava na Uesc avisou do concurso. Entre morar no interior de São Paulo e no interior na Bahia, fiz a segunda opção” (professora – mestre – 4 anos em Ilhéus).

## **5.6 Conhecimento sobre a região**

A grande maioria dos imigrantes acadêmicos não conhecia o espaço para onde estava migrando, pois nunca tinha estado no sul da Bahia nem tinha parentes ou amigos com quem estabelecesse relações; alguns poucos se referiram a um avô, a colegas da região que falaram sobre o concurso, sobre uma prima que descobriu depois de chegar, ou a irmã do amigo, relações que não se traduziram em grandes informações sobre o local.

A escolha do lugar em função de uma vaga de concurso ou seleção para professor substituto e visitante, bem como o desejo de uma maior qualidade de vida foi o ponto de partida, para alguns, para a investigação sobre as características do lugar de destino caso fosse selecionado. A falta de conhecimento espacial não significava o desconhecimento geral, pois algumas informações recorrentes dão conta de áreas específicas identificadas pelos atores da pesquisa ao falarem no sul da Bahia. Tal identificação está atrelada à compreensão de uma identidade que foi or-

ganizada com base em atributos culturais interrelacionados. Para Hall (1997, p. 103) “o processo de identificação é fundamentado com base no reconhecimento de alguma origem comum ou de características partilhadas por grupos de pessoas”. Na Região Sul da Bahia, a obra de Jorge Amado reflete essa identificação, pois tem sido responsável por boa parte da divulgação da cidade de Ilhéus, cidade que serviu de cenário para a maioria de seus romances.

Jorge Amado é citado pela maioria dos entrevistados, até quando ocorre de ser citado o seu desconhecimento, “não sabia nada sobre a região, não li nem Jorge Amado” (professor – doutor - 10 anos em Ilhéus). Professores da região nordeste, de outros estados da Nação e de outros países se remetem imediatamente ao autor quando são perguntados sobre o que sabiam da região, perpassando aí a citação dos romances, das peças de teatro adaptadas dos romances e das novelas e minisséries. Simões (2002), em artigo intitulado *De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado*, defende a ideia da atratividade, da curiosidade estabelecida pelo romance, pela literatura para aqueles que não conhecem o espaço. Em se tratando de Jorge Amado, cita os livros *Cacau*, *Terras do Sem Fim*, *Gabriela Cravo e Canela*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Tocaia Grande* como obras que fazem povoar, no imaginário do leitor, a cultura do sul da Bahia. Simões registra:

Assim é que aquele mesmo leitor que leu os livros produzidos nos anos 30, que se deparou com a época da conquista das terras, da luta de classes (coronel x trabalhador rural), a ação dos jagunços (ajudando os coronéis a enriquecerem pela força da sua ambição), também divertiu-se com as noitadas do Bataclan, deliciouse com os bolinhos da Gabriela, acompanhou as negociações políticas da mudança do porto de

Ilhéus, a exportação do cacau, a sua comercialização. Depois, acompanhou a formação dessa civilização grapiúna já por outra ótica, que foca a identidade, reconhece sergipanos, negros e turcos como elementos formadores dessa cultura. Mostra como as classes menos aquinhoadas contribuíram e enriqueceram o panorama cultural local. Conhecem a história contada por outro viés [...]. Tal recepção aumenta expressivamente devido às várias adaptações do texto literário para o cinema, teatro, televisão, rádio e, até mesmo, para a história em quadrinhos. Assim é que o leitor-turista, mais recentemente, realiza a ‘viagem’, também, através das novelas, dos filmes exibidos na televisão e no cinema. Esses vários apelos somam-se e instigam o turista que existe no leitor, quando a obra ultrapassa a arte literária e ganha a tela do cinema (Gabriela) ou inspira novelas como Gabriela, Porto dos Milagres, Renascer (2002, p. 8, grifo do autor).

No trabalho em pauta, não se está falando de turistas, apesar de alguns registros identificarem o migrante acadêmico em momento anterior como turista, como alguém que já tinha passado férias na região. Também não se pode informar que algum entrevistado relatou desejar morar no sul da Bahia em função de ter lido Jorge Amado, porém, a referência sobre o conhecimento do autor e de sua obra era quase que imediata no momento da pergunta, com observações que denotavam satisfação pelo conhecimento, com registro de que a literatura amadiana, em alguns casos se configurou para o entrevistado como um estereótipo ou estigmatização de pontos de vista produzidos sobre a região – e para outros, uma curiosidade, um suporte a mais de conhecimento do novo espaço.

“Na década de 70 passei alguns verões na Bahia. Ilhéus, Morro de São Paulo, Salvador, Valença, Porto Seguro. Adorava estar aqui, sonhava em morar num desses lugares. Já tinha lido Jorge e ficava pensando o que ele pensava quando retratava a Bahia. Em alguns contextos o romance era melhor que a realidade, em outros a realidade era bem mais colorida” (professor – doutor – 11 anos em Ilhéus).

“Sempre passei férias no sul da Bahia, pois a família de meu pai é daqui. Engraçado que no Rio as pessoas me identificavam mais com Jorge Amado do que eu mesma” (professora – doutora – 10 anos em Ilhéus).

“Sabia sobre as praias e as paisagens da região e da literatura de Jorge Amado. Nunca esqueci o livro São Jorge dos Ilhéus, pois pra mim a descrição da rotina dos trabalhadores rurais e seus corpos estuporados em função do calor e do choque térmico pelo qual passavam se traduziu, pra mim, em grande violência, fico até hoje impressionado” (professor – doutor – 7 anos em Ilhéus).

“Jorge Amado foi minha literatura por toda adolescência” (professor – doutor – 8 anos em Ilhéus).

“Li Jorge Amado bem antes de vir pra a região, na verdade em outro país. Quando me organizei pra vir pra cá, não me dei conta de que era o espaço retrado por aquele autor. Depois que cheguei foi que estabeleci a ligação” (professor – doutor – 10 anos em Ilhéus).

“Li o romance e assisti a novela Gabriela Cravo e Canela, a série Dona Flor e seus dois maridos e a novela

Renascer” (professora – doutora – 6 meses em Itabuna – 8 anos em Ilhéus).

“Sabia sobre o cacau, a crise e a literatura de Jorge Amado. Assisti a novela Renascer que retratou bem a história da região” (professor – mestre – 6 anos em Ilhéus).

“Li Jubiabá e Gabriela Cravo e Canela, romances que me fizeram conhecer um pouco da história da Bahia e do coronelismo do sul da Bahia” (professor – doutor – 11 anos em Ilhéus).

“Sabia sobre o cacau, as relações de poder embaçadas no coronelismo. Cheguei a ler Terras dos Sem Fim, São Jorge dos Ilhéus e Tereza Batista Cansada de Guerra” (professora – doutora – 8 anos em Ilhéus).

Outros depoimentos centraram as observações na paisagem das roças de cacau e na beleza natural, associando como algo particular e bastante prazeroso, a paisagem da Mata Atlântica próxima às cidades e ao mar.

“Sabia que a região de Ilhéus era uma região turística, que oferecia aos seus visitantes lindas praias e a possibilidade de fazer trilhas na mata atlântica” (professora – doutora – 7 anos em Ilhéus).

“Já tinha ouvido falar de Itacaré e Serra Grande. Imaginei que morar na região me possibilitaria estar nesses lugares” (professora – doutora – 7 anos em Ilhéus).

“Já tinha visto em livros de geografia fotos do cacau e das roças, ficou ainda mais claro quando vi as referências nas novelas” (professora – mestre – 8 anos em Ilhéus).

A natureza privilegiada e a realidade agrícola descrita por alguns como elementos positivos da região entram em choque com a descrição dos que citam o que sabiam em relação à cultura societal da região cacauceira nas suas relações estruturais de poder. Observações sobre classe e hegemonia dos produtores rurais, coronelismo, crise e universidade aparecem em outros depoimentos.

“Além de Jorge Amado, sabia sobre o movimento separatista que aconteceu por aqui. A ideia de separar a sul da Bahia do resto do estado, pois como a parte rica era aqui, terminava por sustentar o resto de estado. Lembro de uma grande polêmica quando foi noticiada, mas terminou não acontecendo” (professora – doutora – 11 anos em Ilhéus).

“Sabia sobre o cacau e a Ceplac e das relações de poder disseminadas pelos grandes produtores rurais que detinham a força econômica e política regional e terminaram se eternizando na figura do coronel” (professor – mestre – 7 anos em Ilhéus).

“Ilhéus foi uma das principais capitânicas hereditárias, desde cedo a gente aprende nos livros de história, mas a região se torna mais conhecida com a cultura agrícola do cacau, o desbravamento das roças e o poder dos fazendeiros sobre os trabalhadores rurais” (professor – doutor – 6 anos em Itabuna).

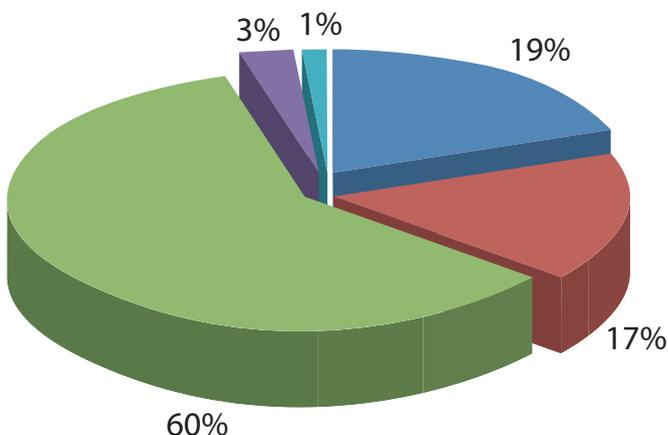
“Antes de pensar em vir pra cá sabia que a Bahia possuía quatro universidades estaduais, que a Uesc era a melhor e que recebia mais benefícios” (professora – doutora – 3 meses em Itabuna e 7 anos em Ilhéus).

“Quando conheci um pouco da região e ouvi falar do cacau e da Ceplac, soube também da Fespi, que foi a junção

das faculdades de Ilhéus e Itabuna. Parece também que a estrada e a faculdade foram construídas com o dinheiro da lavoura” (professor – doutor – 13 anos em Ilhéus).

Em números, a FIGURA 36 se apresenta da seguinte forma: 60% se referem a Jorge Amado, a suas obras como um ícone do espaço sul baiano, como algo ou alguém que representa, que sugere, que identifica; 19% se remetem aos atrativos naturais, nesse caso variando entre mar e mata. Alguns registram as belezas e riquezas da mata atlântica, enquanto outros se referem à realidade litorânea, à extensão e beleza das praias; 17% registram a cultura agrícola do cacau, falam sobre o fruto, a realidade da monocultura, ao mesmo tempo em que aparecem registros das relações de poder e da política do coronelismo; 3% informam ter ouvido falar da universidade, da criação e de processos políticos que envolvem a sua criação, e 1% se remete ao contexto histórico das capitânias hereditárias, registrando a importância da capitania de Ilhéus frente às demais.

FIGURA 37 – Conhecimento sobre a região sul da Bahia



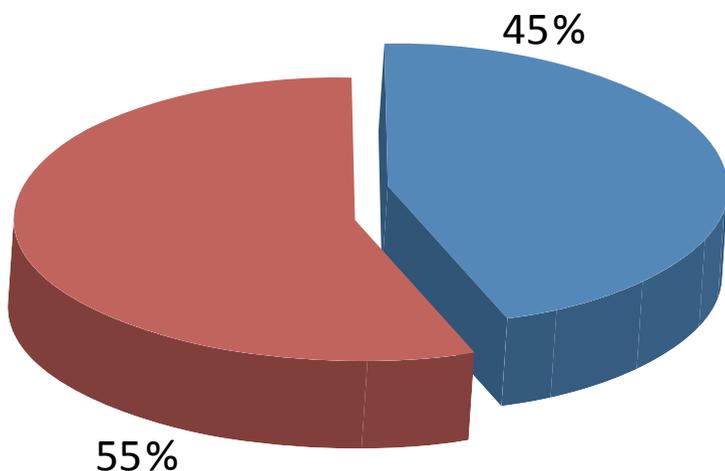
Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ ATRATIVOS NATURAIS ■ CACAU ■ LITERATURA E CULTURA - JORGE AMADO ■ UNIVERSIDADE ■ CAPITANIA

## 5.7 Idealização do novo espaço

A idealização sobre o destino escolhido deve ser analisada por dois aspectos. Um grupo, ao tratar de tal idealização, se refere às perspectivas criadas em função da academia, do trabalho a ser iniciado, enquanto outro grupo refere-se às perspectivas sobre o espaço regional e as implicações que tal mudança suscitaria nas suas condições. Outro fator levado em consideração, que está diretamente atrelado a essa resposta, é a sua condição no ato da migração: se sozinho ou com família. A diferença quantitativa referente aos que aqui chegaram sozinhos é menor do que aos que migraram com suas famílias ou parte dela, porém esse percentual é pequeno, ficando numa proporção de 45% para 55% (FIGURA 37).

FIGURA 38 – Sobre a vinda para a região: sozinho ou com a família



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ SOBRE A VINDA PARA A REGIÃO CACAUEIRA SOZINHO ■ SOBRE A VINDA PARA A REGIÃO CACAUEIRA COM A FAMÍLIA

Apesar de tal condição suscitar a ideia de que aqueles que vieram com suas famílias se preocupassem mais com o espaço regional que com a academia e que aqueles que vieram sozinhos se preocupassem mais com a instituição em detrimento do espaço regional não se apresenta exatamente assim. As respostas não podem ser classificadas com base nessa perspectiva, pois apresentam grande variação.

A idealização dos que informam uma perspectiva institucional como primeiro fator, posteriormente também remetem à preocupação sobre o que iriam encontrar no espaço social, principalmente em se tratando daqueles que não conheciam a região. Mesmo para alguns que informaram já conhecer a universidade por qualquer fator, não deixaram de projetar ou de imaginar sua vida futura no espaço regional. O contrário também se apresenta como verdadeiro, pois os que registram primeiramente uma preocupação com sua colocação no espaço social, logo registram a importância da sua colocação e crescimento no espaço acadêmico, portanto duas vertentes que não podem ser analisadas em separado (FIGURA 38). Apenas para efeito de transcrição separou-se em blocos e para construção do gráfico priorizou-se a primeira referência do entrevistado, totalizando 50% para aqueles que se referiram primeiro aos aspectos socioculturais, 40% para os que se referiram aos aspectos profissionais /institucionais e 10% para os que informaram não fazer projeções sobre o novo espaço. Os registros abaixo dão uma ideia dessa situação:

“ Imaginava que teria melhores condições de trabalho e que poderia atuar na pós- graduação, além da estabilidade” (professora – doutora – migrou sozinha – 8 anos em Ilhéus).

“Meu projeto de vida era dar aula. Eu ia conseguir dar vazão ao que eu tinha aprendido” (professora – doutora – migrou sozinha – 13 anos em Ilhéus).

“Ia chegar ao lugar em que eu iria construir minha carreira acadêmica, ter dedicação exclusiva e formar minha família” (professor – mestre – migrou com a família – 11 anos em Ilhéus).

“Fantasiava muito sobre a universidade, sobre o que tinha, sobre a área... a realidade correspondeu à fantasia. O campus é lindo e Ilhéus acolhedora” (professora – doutora – migrou com a família – 11 anos em Ilhéus).

“Imaginava que eu ia conseguir ganhar dinheiro, viver confortavelmente e fazer pesquisa” (professora – doutora – migrou com a família – 8 anos em Ilhéus).

“Tive medo, pois me sentia com grande responsabilidade. No concurso só eu tinha sido aprovada” (professora – mestre – migrou sozinha – 6 anos em Ilhéus).

“Via muita possibilidade de trabalho na região em função da biodiversidade” (professora – doutora – migrou com a família – 10 anos em Ilhéus).

Em âmbito que extrapola o espaço da academia, as inferências sobre o que idealizava quanto ao novo destino perpassam pela realidade histórica da cidade de Ilhéus e pelo exotismo de ser um espaço na Bahia, sobre as belezas naturais presentes na região, sobre a qualidade de vida para si e seus familiares, além dos aspectos culturais e emblemáticos que são construídos no momento em que não se conhece o destino, mas se associam as características pautadas no imaginário, influenciado pelos romances, comentários de pessoas que já estiveram no espaço, fotografias e os projetos de vida. Não se pode deixar de mencionar aqueles entrevistados que informaram não fazer parte de seu perfil a idealização de

um futuro, verbalizando, portanto, que tais conjecturas não foram consideradas ao optarem pela mudança.

“Imaginava que iria para uma cidade com uma identidade histórica forte e preservada” (professor – doutor – migrou do Sul – 10 anos em Ilhéus).

“Era a possibilidade de crescer em vários sentidos, uma região exótica, distante do que eu vivia. Praias, coqueiros, ambiente mais alegre e acolhedor” (professora – doutora – migrou do Sudeste – 9 anos em Ilhéus).

“O gaúcho não tem mar. Idealizava morar perto da praia, com esse clima maravilhoso, porque lá as temperaturas são extremas... muito frio ou calor insuportável” (professor – doutor – migrou do Sul – 10 anos em Ilhéus).

“Morar no litoral e criar meus filhos em um lugar quente e tranquilo” (professor – doutor – migrou do Sudeste – 10 anos em Ilhéus).

“Sonhava em morar em um lugar que me desse qualidade de vida e ter um bom padrão de vida, trabalhando no que gosto, que me permitisse ter uma casa, criar meus cachorros e ter um carro na garagem” (professor – doutor – migrou do Sudeste – 8 anos em Ilhéus).

“Imaginava que Ilhéus era uma Salvador pequena” (professora – doutora – migrou sozinha – 9 anos em Ilhéus).

“Imaginava a região como um lugar para eu ficar, que significaria um recomeço de vida tanto profissional como social” (professora – mestre – migrou do Sudeste – 8 anos em Ilhéus).

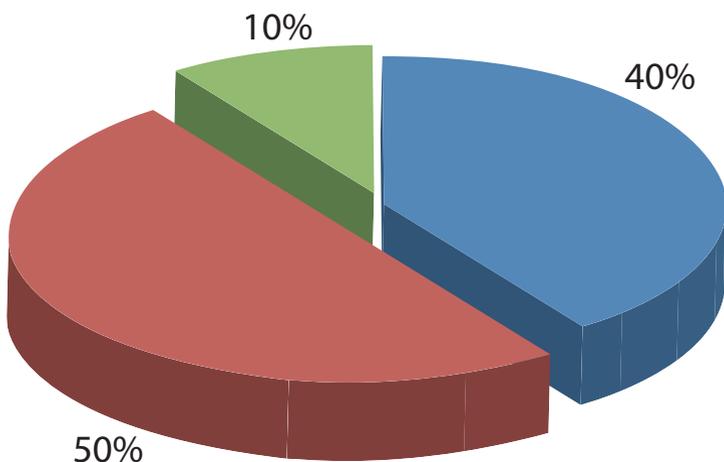
“Sabia que ia para uma cultura bem diferente. Sou da turma que achava que aqui se colocava pimenta em tudo” (professora – doutora – migrou do Sul – 11 anos em Ilhéus).

“Quando vi a foto no site da Uesc, na página antiga, acreditei que o mar estava na frente da torre administrativa, ou seja, ia trabalhar na frente da praia” (professor – doutor – migrou do Sudeste – 8 anos em Ilhéus).

“Não idealizava muito. O desconhecido me atrai. Não gosto de permanecer muito tempo no mesmo lugar” (professor – doutor – migrou do Sudeste – 6 anos em Ilhéus).

“Não criei expectativa, mas sou assim em vários aspectos da vida” (professora – doutora – migrou do sudeste – 11 anos em Ilhéus).

FIGURA 39 – Aspectos idealizados quanto ao novo espaço



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ PROFISSIONAIS/INSTITUCIONAIS ■ SÓCIAIS/CULTURAIS ■ NÃO IDEALIZOU

## 5.8 Primeiras impressões e a adaptação

O tópico 5.8 está diretamente ligado ao anterior, que descreve a idealização sobre o destino. Em um primeiro momento, se projeta as perspectivas, no outro momento se chega e se começa a fazer parte de uma realidade, realidade que apresenta algumas nuances que se coadunam com as perspectivas, mas também outras que apresentam contextos diametralmente opostos.

“Foi horrível. Era agosto e chovia muito, fiquei em uma pousada onde nada funcionava. Não gostei, de início, mais tarde descobri que o legal da região não são as cidades, mas o seu entorno” (professora – doutora – migrou sozinha – 8 anos em Ilhéus).

“A chegada foi conturbada. Tinha muita bagagem e o apartamento era minúsculo. Achei as pessoas fechadas, pois mal me cumprimentavam” (professor – doutor – migrou sozinho – 11 anos em Ilhéus).

“A chegada foi boa, depois veio a catástrofe. A mudança demorou três meses para chegar, tava no meio do pós - doutorado, descobri uma infraestrutura caótica no espaço que loquei, tive problemas com prestadores de serviços, instalações, umidade...daí tive problemas de saúde...deprimi” (professora – doutora – migrou sozinha – 8 anos em Ilhéus).

“Foi contraditória. Vi muita coisa bonita. Fiquei dividido entre ser turista e morador. Vi que a condição de turista não dava problema... já a de morador...” (professor – doutor – migrou com a família – 15 anos em Ilhéus).

“Achei a cidade feia, me senti sozinha, mas como tinham outros profissionais chegando me juntei com um professor e alugamos um apartamento. Recém conhecidos e morando juntos. Essa realidade durou alguns meses. Ficamos muito amigos” (professora – doutora – migrou sozinha – 8 anos em Ilhéus).

“No início não conseguia ficar muito tempo, sempre que podia ia para minha cidade, mas depois de fazer relações gostei. A impressão da Uesc foi muito boa, mas senti muito a falta de opções culturais e a deficiência na prestação de serviços” (professora – doutora – migrou sozinha – 12 anos em Ilhéus).

“Cheguei bem, me sentindo renovada, poderosa, vislumbrando muitas possibilidades. Logo depois entrei em deprê. Não achei a região acolhedora, mas sim invasora. Descobri uma região maltratada, onde a pobreza é distribuída, digo, é encontrada em todos os cantos” (professora – doutora – migrou sozinha – 6 anos em Ilhéus).

“Morei primeiro em Itabuna, depois Ilhéus. Tive uma boa impressão da Uesc, mas nas duas cidades vi muita miséria. Acho que hoje melhorou muito” (professor – doutor – migrou com a família – 8 anos em Ilhéus).

“Achei a região encantadora, mas sofri de uma solidão extrema. Sentia falta de ambientes como cafés e livrarias que me propiciassem conhecer pessoas” (professora – doutora – migrou sozinha – 8 anos em Ilhéus).

“Li muito sobre a região antes de vir morar aqui. Quando entrei em sala de aula sabia mais sobre aqui do

que os meus alunos. Andava muito. Vivi um encantamento com a paisagem e com o clima, adoro o calor com brisa” (professor – doutor – migrou sozinho – 11 anos em Ilhéus).

“Achei a região muito suja, sem coleta diferenciada, com uma arquitetura pouco organizada e bairros sem urbanização” (professor – doutor – migrou com a família – 9 anos em Ilhéus).

Os trechos dos depoimentos demonstram as alterações das expectativas, os conflitos e inquietações, frustrações e satisfações que perpassam aqueles que migraram. São vários os sentimentos externados, que vão de uma gradação mínima, para alguns itens, e máxima, para outros, do ponto de vista de uma só pessoa. Nesse quesito está se falando de projetos de vida para profissionais que, em sua maioria, criaram e fomentaram expectativas que, em alguns casos, não foram correspondidas, e em outros, foram correspondidas em parte.

Quando uma pessoa é retirada de um meio social e cultural ao qual está acostumada, mesmo por opção, para viver em outro espaço, com hábitos, costumes e tradições diferentes, ocorre o chamado choque cultural. Para alguns dos entrevistados, esse choque cultural é quase imperceptível, pois se trata de pessoas de um mesmo país, estado e região. Não é a diferença, portanto, que sobressai, e sim aspectos da comunidade, da cidade ou das relações interpessoais que incomodam e chamam a atenção. Aspectos que podem ou poderiam até estar presente nos seus lugares de origem ou em outros lugares pelos quais tenham passado, porém, como se está falando do novo espaço escolhido e de nele ter projetado expectativas, os aspectos

negativos, como pobreza, sujeira, dificuldade com prestadores de serviços e locação de imóveis, além da dificuldade das relações interpessoais tendem a incomodar mais, principalmente para aqueles que vêm de espaços onde essas variáveis estão mais distantes, pois a dificuldade em acomodar ou normalizar situações precárias e desagradáveis não consiste numa tarefa satisfatória.

Em se tratando de pessoas oriundas de outros países é mais compreensível identificar o choque cultural, pois vieram de países com tradições, hábitos e culturas diferentes. Independente do percurso, são necessários ajustes conscientes, inconscientes e físicos para sobreviver. Há necessidade de ajustar-se a climas diferentes, a outras paisagens, novos valores, costumes e comportamento diverso daquele a que se está acostumado. Ao se mudar para um país estrangeiro é necessário um esforço adicional, pois além de toda a luta para se adaptar a uma nova cultura, há ainda a barreira linguística. O esforço para se comunicar em outra língua é um processo que pode tornar-se intolerável para alguns, pois, além de cansativo, exige concentração e boa vontade.

A curiosidade que se apresenta no comparativo entre os imigrantes interestaduais e os internacionais no sul da Bahia é que, apesar do choque cultural ser mais compreensível para os imigrantes de outras nações, a nova configuração social é assimilada e encarada com mais condescendência pelos últimos. A identidade cultural do novo espaço é mais admirada e menos questionada pelo imigrante internacional. Aparecem nos relatos das vivências e construções dos entrevistados as características relativas ao *habitus* formador e seus esquemas de percepção,

conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permite perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado (BOURDIEU, 2002, p. 68),

Apresentando, portanto, a incorporação do social pelo indivíduo, sem deixar de lado a característica da variabilidade nos limites da sua estrutura.

A condição de *habitus* referente à necessidade empírica de apreender as relações de afinidade entre o comportamento das pessoas e as estruturas e condicionamentos sociais explicam a conformidade de padrões apreendidos por grupos pertencentes ao mesmo espaço social e o seu desajustamento, proveniente de mudanças e necessidade de adaptação. Em pesquisas empreendidas na Argélia, nos de 1950 e 1960, Bourdieu relata a situação de dificuldade de pessoas deslocadas de um universo para outro:

Sem os instrumentos e/ou categorias de percepção que os ajudassem nesta nova situação, como compreender o comportamento e as práticas desses indivíduos? Formulada em um contexto específico, a noção de *habitus* adquire um alcance universal, tornando-se um instrumento conceitual, ao permitir examinar a coerência das características mais diversas de indivíduos expostos às mesmas condições de existência (1963, p. 76).

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica entender as construções individuais e os *habitus* originários, bem como as resistências oriundas das mudanças e dos choques sociais. Na FIGURA 39 são distribuídas as variáveis citadas quanto à dificuldade de adaptação: culinária, clima, hábitos e costumes e cultura. É a percepção do novo que é

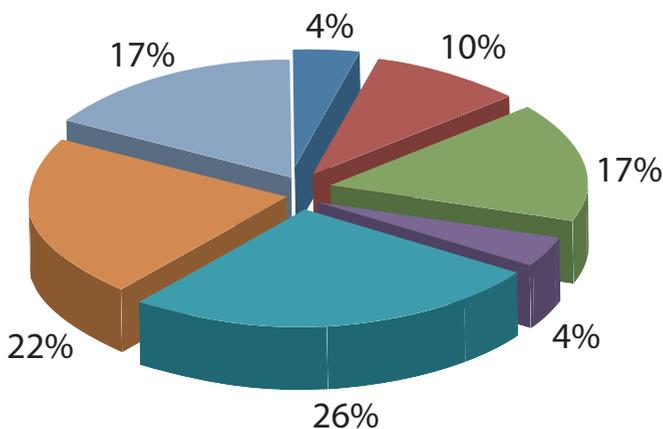
experimentada, apropriada e posta em prática, tendo em vista a integração e o conflito com a nova realidade social.

*Habitus* é um instrumento conceptual que auxilia a apreender certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social (BOURDIEU, 1983, p. 66).

As novas experiências no espaço escolhido podem reforçar a *habitus*, porém é mais comum o conflito que, em absoluto, foge à proposta do conceito que, como elemento mediador,

busca romper com as interpretações deterministas e unidimensionais das práticas, quer recuperar a noção ativa dos sujeitos como produtos da história de todo campo social e de experiências acumuladas no curso de uma trajetória individual (SETTON, 2002, p. 65).

FIGURA 40 – Aspectos pontuados para dificuldade de adaptação



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ NÃO SE ADAPTOU ■ CLIMA ■ CULINÁRIA ■ LÍNGUA ■ HÁBITOS / COSTUMES ■ CULTURA ■ NÃO TEVE PROBLEMAS

Os fragmentos abaixo explicitam algumas dificuldades encontradas no novo espaço, nos vários aspectos descritos anteriormente. Alguns depoimentos sugerem uma necessidade imediata de acomodação para se manter no espaço escolhido, em outros a assimilação vai se construindo de forma gradativa, com a percepção de naturalização de uma cultura diferenciada, com observações de uma condição axiológica que representa a superioridade de um espaço em detrimento do outro. Tendo como base a definição de habitus como sistema de disposições ligado a uma trajetória social, a teoria apreende a historicidade e a plasticidade das ações (DUBAR, 2000). Ou seja, as ações práticas transcendem ao presente imediato, referem-se a uma mobilização prática de um passado versado em uma trajetória e de um futuro inscrito no presente e no porvir como estado de potencialidade objetiva. Enfim, o conceito de habitus não expressa uma ordem social funcionando pela lógica pura da reprodução e conservação; ao contrário, a ordem social constitui-se através de estratégias e de práticas nas quais e através das quais os agentes reagem, adaptam-se e contribuem com o fazer da história do sul da Bahia.

“Não sou muito curiosa, mas logo que cheguei fui ao candomblé, ver os costumes locais, achei mais autênticos que os das grandes cidades. Algo que me encantou e que não conhecia foi a tradição das festas juninas, e quanto à culinária, aprendi a fazer e a apreciar a moqueca” (professora – mestre – migrou sozinha – 6 anos em Ilhéus).

“Adoro o clima e a culinária daqui, meu estranhamento passa pela falta de cidadania, pois até existem órgãos para se reclamar, a exemplo de um esgoto a céu

aberto, mas as pessoas optam por não fazer porque dizem que não adianta. Outra coisa que me é curiosa, é que na Universidade os benefícios tinham que ser em função do mérito e não do tempo” (professora – doutora – migrou sozinha – 8 anos em Ilhéus).

“Costumo cozinhar e faço muito as comidas do meu estado de origem, pois não sou muito adepta à comida baiana, principalmente no que tange ao coentro, às vezes me parece que em todas as comidas esse tempero está presente” (professora – doutora – migrou sozinha – 12 anos em Ilhéus).

“Ser considerada dos de fora sempre me incomodou, ouço isso dentro e fora da Instituição” (professora – doutora – migrou sozinha – 10 anos em Ilhéus).

“Escuto muito falar sobre a cultura do cacau, pessoalmente encaro que essa cultura trouxe mais perdas do que ganhos, pois implementou uma estrutura de arrogância” (professora – doutora – migrou com a família – 12 anos em Ilhéus).

“Aprendi desde cedo o respeito aos limites, a questão da poluição sonora aqui é uma constante, sofro com isso, ainda mais quando se trata da ditadura do arrocha” (professor – doutor – migrou sozinho – 8 anos em Ilhéus).

“Por incrível que pareça, no início não conseguia entender o que os meus alunos falavam. Não entendia o sotaque e as expressões, sou do interior de São Paulo e lá tem um outro jeito de falar e expressões diferentes das

daqui” (professora – doutora – migrou sozinha – 6 anos em Itabuna).

“Tive surpresas maravilhosas no sul da Bahia; gosto do clima, das pessoas, da comida, mas entendo que para alguns o coronelismo não acabou. São pessoas que entendem que podem tudo, independente da lei” (professora – doutora – migrou sozinha – 10 anos em Ilhéus).

“Tem coisas que acho peculiares até hoje, colocar carne no feijão e caruru no acarajé” (professor – doutor – migrou sozinho – 9 anos em Ilhéus).

“Não cheguei a me chocar, mas, até por causa do calor, as pessoas se vestem bastante a vontade até para vir para Universidade. Tenho alunas que assistem aulas de short, não é comum de onde eu venho” (professora – doutora – migrou sozinha – 12 anos em Ilhéus).

“A pimenta foi algo que tive que aprender a gostar e melhor ainda quando entendi que se não quiser não preciso usar, ingenuamente achava que todas as comidas aqui tinham que ter pimenta e não é verdade” (professora – doutora – migrou com a família – 9 anos em Ilhéus).

“Venho do sul do país e adoro o clima daqui, vejo muitas coisas diferentes, mas coisas boas. Me apaixonei pelo acarajé” (professora – mestre – migrou com a família – 10 anos em Ilhéus).

“Me choco com algumas questões culturais aqui, acho às vezes que as pessoas se tratam de forma autoritária, acho as músicas agressivas, principalmente em relação às

mulheres e com a conotação sexual, fato que respalda um comportamento machista regional” (professora – doutora – migrou sozinha – 12 anos em Ilhéus).

“Como viajo há muito tempo, já morei em diversos lugares, as coisas e os costumes não me causam estranhamento” (professor – doutor – migrou com a família – 9 anos em Ilhéus).

“Acho que não tive nenhuma dificuldade de adaptação. O ‘oxe’ virou parte do meu vocabulário, o consumo de peixe e frutos do mar e a farinha fazem parte do meu cotidiano, mas nem por isso deixei o meu chimarrão” (professor – doutor – migrou sozinho – 12 anos em Ilhéus, grifo do autor).

“Posso dizer que meus hábitos alimentares não mudaram, pois o feijão preto e bife com batatas fritas são cotidianos lá em casa, comidinha bem carioca, mas posso dizer que acrescentamos água de côco, a farofa e o acarajé” (professora – doutora – migrou com a família – 11 anos em Ilhéus).

“Além da alimentação que tive que me adaptar, há algo aqui muito característico que é a maneira de tratar, a proximidade e o toque denotando, às vezes, mais intimidade do que existe na realidade” (professora – doutora – migrou com a família – 12 anos em Ilhéus).

“As expressões ‘dor de facão’ e ‘ovelha desgarrada’ aprendi aqui, bem como cozinhar com coentro. A comida aqui tem um sabor mais elaborado, a alface não tem gosto de isopor” (professora – doutora – migrou sozinha – 12 anos em Ilhéus, grifo da autora).

“Vivo mais a Universidade do que a regionalidade. Já estava acostumado a viver de forma plural, pois já convivi com baianos, latinos e japoneses no sul do Brasil. Tive resistência antes de vir para cá, pois na república os baianos eram muitos expansivos, mas ao chegar aqui, as relações se estabeleceram da melhor forma. Quanto à temperatura, achei bem mais alta do que previa, tive um choque inicial, pois a pele ficou bastante oleosa. Hoje vivo um choque inverso quando vou para o sul do país” (professor– doutor– migrou sozinho – 9 anos em Ilhéus).

“Venho do interior de Minas Gerais, portanto a comida e o sotaque foram elementos novos para mim. Porém o que mais me chamou a atenção foi a hospitalidade com que fui recebido” (professor – doutor – migrou sozinho – 9 anos em Ilhéus).

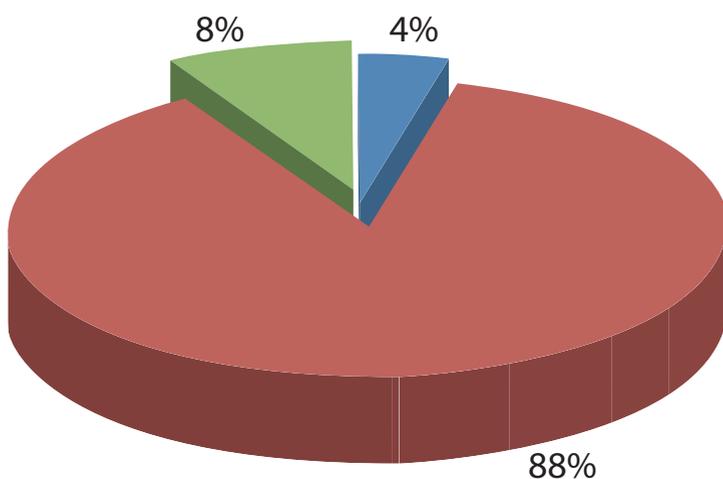
“Posso dizer que com a vida agitada que levava numa grande cidade tive dificuldade de desacelerar, mas hoje vivo mais feliz com uma forma mais resiliente de ver as coisas” (professora – doutora – migrou sozinha – 12 anos em Ilhéus).

“A vinda para cá me deixou mais tranquilo, menos estressado, menos consumista e dando mais valor à natureza. Me incomoda ainda a relação que se estabelece entre: nativo x forasteiro” (professor – doutor – migrou com a família – 9 anos em Ilhéus).

“Descobri aqui que sou um baiano deslocado e lá eu era um paulista esquisito, pois apesar de me sentir completamente adaptado em ambos os lugares, as pessoas me diferenciam nos dois espaços” (professor – doutor – migrou sozinho – 12 anos em Ilhéus).

As inferências sobre o lugar relatadas pelos entrevistados estão atreladas não só à história anterior de cada um, mas também às relações estabelecidas ou que começam a se estabelecer entre as pessoas, tanto no âmbito regional como acadêmico. Tais inferências são identificadoras de um processo relacional no novo espaço. Alguns aspectos podem ser analisados, e estão apresentados na FIGURA 40. Do total de entrevistados, 4% informaram se relacionar mais com migrantes de sua região de origem se comparado a pessoas de outras regiões e pessoas nascidas no lugar; 8% dos entrevistados informaram conviver mais com pessoas nascidas no lugar de destino, se comparado a pessoas migrantes do mesmo local de origem e também de outros espaços; e 88% informaram conviver mais com migrantes de diversas regiões, se comparado a pessoas do seu lugar de origem e a pessoas nascidas no lugar.

FIGURA 41 – Convivência



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ IMIGRANTES DA REGIÃO DE ORIGEM ■ IMIGRANTES DE OUTRAS REGIÕES ■ PESSOAS LOCAIS

Tais números traduzem o modelo de convivência que tem se estabelecido entre os acadêmicos que optaram por morar no sul da Bahia a partir da década de 1990, convivência no âmbito das cidades e dentro da instituição de ensino superior. Pessoas originárias de outras regiões se relacionam de maneira mais efetiva com pessoas também oriundas de outras regiões. A identificação “de dentro” e “de fora”, “velhos” e “novos” aparece de forma constante nos depoimentos. Em termos estritamente científicos, velho, nesse contexto, é uma categoria puramente sociológica, e é a um problema sociológico e não biológico que se refere. “Um grupo velho de pessoas não precisa ser um grupo de pessoas velhas” (ELIAS, 2000, p. 168).

As categorias acima descritas são características de uma realidade de autopreservação dos migrantes, evidenciando a condição do nós e eles presente no vocabulário sociológico. Elias registra que

As diferenças entre os grupos sociologicamente ‘velhos’ e ‘novos’ podem ser encontradas em muitas partes do mundo, na época atual. São diferenças normais, se é que se pode usar esse termo, numa época em que, mais do que nunca, pode-se viajar com todos os seus pertences de um lugar para o outro, por um preço mais barato, em melhores condições de conforto, com mais rapidez e por distâncias mais longas, e em que é possível ganhar a vida em muitos lugares diferentes daquele em que nasceu. No mundo inteiro podemos descobrir variações dessa mesma configuração básica, encontros entre grupos de recém-chegados, imigrantes e estrangeiros e grupos de residentes antigos. Os problemas sociais gerados por esses aspectos migratórios da mobilidade social, conquanto variem no que

tange aos detalhes, têm uma certa semelhança (2000, p.173, grifos do autor).

A antiguidade que está sendo descrita concorre para o entendimento de um grupamento fechado para aqueles que chegam. De um grupo que detém o monopólio do conhecimento sobre o espaço e o monopólio das relações. Em se tratando de uma sociedade tradicional, as reminiscências sobre a história do lugar aparecem com frequência nos registros das pessoas nascidas e chamam a atenção daqueles que migraram. Hall diria que

o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas (1997, p. 91).

O comportamento recrudescido não precisa estar necessariamente relacionado às questões econômicas, ao contrário, a percepção do poder, nestes casos, se apresenta com características atreladas ao poder simbólico, que dá o tom da importância que cada um tem no espaço social. Elias registra que

A antiguidade sociológica não está visivelmente ligada à herança de bens, destacam-se com mais clareza algumas outras condições de poder normalmente encontradas também em outros casos, porém menos ostensivas nestes, em especial o poder decorrente da monopolização de posições-chave em instituições locais, da maior coesão e solidariedade, da maior uniformidade e elaboração de normas e crenças e da maior disciplina externa e interna que lhes é concomitante (2000, p. 170)

No sentido sociológico, portanto, a atividade refere-se a relações sociais com propriedades específicas. Elas dão um sabor especial às inimizades e às amizades, às aproximações e às resistências. Tendem a produzir a formação de outro grupo fundamentado em sentimentos ou atitudes muito características – preferência, em termos de aproximações de pessoas com a mesma característica que reforça a frente comum e se contrapõe ao grupo estabelecido. Embora alguns membros possam integrar-se ou até voltar-se contra o grupo, a nova familiaridade confere a essas pessoas, por algum tempo, a formação de um grau de coesão que já está presente nos grupos mais antigos.

## 5.9 Sentimento de exclusão

As desigualdades entre grupos e indivíduos estão entre as marcas distintivas recorrentes das sociedades humanas. Porque isso acontece é algo constantemente analisado e objeto de estudo das ciências sociais. O fato de a antiguidade no lugar ser percebida como um grande trunfo social, como motivo de orgulho e satisfação significa que tal atitude pode ser observada em muitos contextos sociais diferentes. “Em muitos casos ninguém que não pertença ao círculo dos detentores do monopólio consegue penetrar nele sem o consentimento destes” (ELIAS, 2000, p. 169). Em se tratando de região com forte apelo tradicionalista e da realidade de uma instituição de ensino superior, as evidências quanto aos padrões de auto regulação que o indivíduo desenvolve ao crescer dentro desses espaços tende a reforçar o conservadorismo e a rivalidade presentes na academia.

Uma questão sintomática no grupo de perguntas realizadas com os entrevistados foi se o mesmo se sente da região cacauera. Propositadamente, não se questionou sobre ser da Bahia ou do sul da Bahia, muito menos se sentir da cidade de Ilhéus ou Itabuna, pois a ideia foi transladar a tradição regionalista e o emblema cacau na ótica dos entrevistados e perceber até onde isso passa despercebido ou incomoda quem chega. Na FIGURA 41 a representação se encontra da seguinte forma: 11% se sentem da região e 89% não conseguem se identificar como sendo da região cacauera. A observação sobre ser da região cacauera foi evidenciada na maioria dos depoimentos como incômoda, ou pouco real, pela falta de vivência no contexto histórico. Surgem, nesses casos, não uma dificuldade quanto à socialização, mas posturas de defesa quanto à ressocialização em termos da definição de região cacauera devido ao peso emblemático com que essa realidade se apresenta àqueles que chegam. Nos fragmentos das entrevistas abaixo, as observações dos dois grupos são registradas:

“Não me sinto da região cacauera porque mesmo que quisesse o povo daqui não deixaria” (professora – 12 anos em Ilhéus).

“Não me sinto da região cacauera, na verdade acho que as pessoas daqui excluem as pessoas de fora” (professor – 15 anos em Ilhéus).

“Só não me sinto porque o pessoal daqui não aceita isso” (professor – 6 anos em Ilhéus).

“Já me sinto brasileiro, mas ainda não me sinto da região” (professor – 12 anos em Ilhéus).

“Aqui eu me sinto mais da terra do que me sentia em São Paulo, mas não me sinto da região cacauzeira, não vivenciei a história do cacau” (professor – 15 anos em Ilhéus).

“Me sinto bem melhor em Ilhéus do que no Rio de Janeiro, mas até aí me sentir da região, não me sinto, porque não permitem que eu sinta” (professora – 10 anos em Ilhéus).

“Me sinto baiano, pois na minha concepção se estou jogando no time, sou do time, mas até ser da região cacauzeira, acho que não” (professor – 15 anos em Ilhéus).

“Depende, se estou com um bando de paulista, sim, me sinto da região cacauzeira. Você vive uma mistura de identidade” (professor – 12 anos em Ilhéus).

“Rompi com dois amigos porque falaram mal da Bahia. Mais do que piada de gaúcho, me irrita piada de baiano... Mas acho que ser da região cacauzeira é outra história” (professor – 12 anos em Ilhéus).

“Não, não tenho como me sentir. A região, principalmente Ilhéus, carrega um tradicionalismo próprio. Parece que estou sendo julgada o tempo todo ou sendo colocada a prova todos os dias” (professora – 8 anos em Ilhéus).

“Não me sinto da região, mas me sinto adaptado. Não me vejo como estranho. Entendo que aceitei a região e a região me aceitou” (professor – 10 anos em Ilhéus).

“Não me sinto de lugar nenhum. Em Porto Alegre

me sentia deslocado, em Aracajú, eu era gaúcho, e na Bahia, sou sergipano” (professor – 15 anos em Ilhéus).

“Me sinto daqui quando estou em São Paulo, porque lá eles acham que carrego no sotaque, porém em Ilhéus as pessoas sabem que não sou daqui, aí me chamam de paulista. Nessa condição, não me sinto da região” (professor – 12 anos em Ilhéus).

“Escuto sempre, aqui, falar do nativo e do forasteiro, tenho grande apego ao lugar, ao mesmo tempo, não participo de associações, clubes e nem da política local, não me sentindo, portanto, integrada” (professora – 12 anos em Itabuna).

“Não sei. Faço questão de preservar os costumes do meu estado, mas percebo que, com o tempo, estou me desligando ou me adaptando e me sentindo cada vez mais da região” (professora – 12 anos em Ilhéus).

“Eu me sinto brasileiro, porque é assim que os outros do meu país me veem” (professor – 6 anos em Ilhéus).

“Eu me sinto um imigrante, o jeito é artificial, o modo é construído e nada é de origem” (professor – 11 anos em Ilhéus).

“Me sinto daqui, pois tenho muito respeito pelo lugar” (professor – 12 anos em Ilhéus).

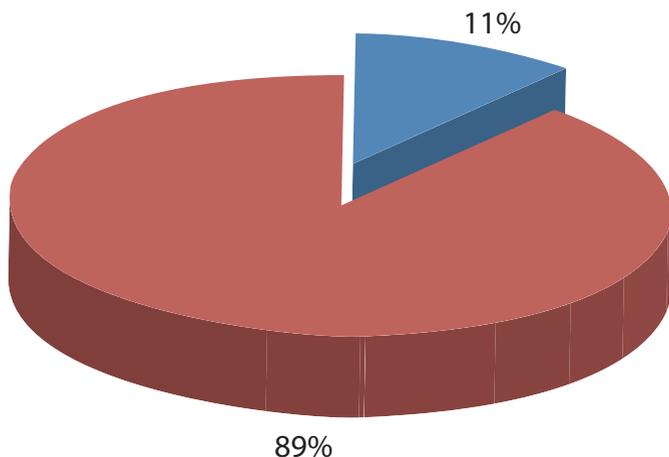
“Sim, adotei a região no sentido de contribuir para mudar o que não gosto” (professora – 15 anos em Ilhéus).

“Aos poucos começo a me sentir, sinto muito orgulho daqui” (professora – 12 anos em Ilhéus).

“Me sinto daqui a maior parte do tempo, sim, assumo a defesa quando falam mal, porém as pessoas se consideram a resposta do que elas recebem. Sempre serei considerada de fora” (professora – 10 anos em Ilhéus).

“Sim. Não sou baiana de qualquer lugar da Bahia, sou da região cacauceira” (professora – 12 anos em Ilhéus).

FIGURA 42 – Inserção na região cacauceira



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ SIM ■ NÃO

O identificador região cacauceira vai além da questão do ser baiano ou brasileiro, pois atrela uma realidade bastante regional cercada de um tradicionalismo característico de regiões monocultoras que cresceram em torno de um fruto e viveram momentos de apogeu. Ao perguntar ao entrevistado sobre sua relação com a

região, este também assume as unidades e certezas que figuram na realidade e na história dos nascidos no lugar, absorvendo e construindo também o imaginário editado do habitante local, tendo, assim, a percepção de não fazer parte desse contexto, muito por não ter sido parte da construção histórica e de suas vivências, e muito por entender que será sempre concebido como “o estrangeiro”, “o de fora”, “o forasteiro”. Sobressai a identificação de campos opostos e de mediação entre indivíduos e sociedade através da análise dos diálogos e das trocas recíprocas de elementos caracterizados por grupos, e a sociedade maior atendendo ao *habitus* referente ao indivíduo e a suas escolhas.

Em menor número estão aqueles que entendem que são convidados a negociar com as novas culturas e com os grupos com os quais convivem, sem precisar assimilar nem ser assimilado por elas, sem perder, portanto a condição da identidade híbrida. “Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas” (HALL, 1997, p. 96). A percepção, portanto, é de identidade como produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencente a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas. São exemplos de identidades que Hall (1997) denomina de traduzidas, conceito que, etimologicamente, vem do latim, significando transferir, transportar entre fronteiras. Sobre a condição das pessoas que estão em um espaço, mas não se sentem do mesmo, ou se sentem de outro, ou de pessoas que reafirmam não se sentir pertencente a nenhum dos lugares, ao mesmo tempo que a todos eles, Setton (2002) fala da condição de *habitus* híbrido, enquanto Hall afirma a necessidade de

Aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia (1997, p. 97).

Mesmo com as afirmações sobre o sentimento de se sentir da região, de estar numa ordem negativa, o que poderia pressupor o sentimento de exclusão por parte desses profissionais, isso não ocorre, pois apenas 11% registraram situações de incômodo frente a algumas situações descritas como constrangedoras, enquanto 89% afirmaram não evidenciar, em seu cotidiano, nenhuma situação característica de exclusão que imprima o desejo de ir embora (FIGURA 42).

O entendimento, para a maioria dos entrevistados, é de uma passagem por momentos de adaptação e introjeção de valores culturais típicos do lugar de destino, além da afirmação de que se trata de um lugar escolhido. São sentimentos que se alternam no cotidiano entre o desejo de permanecer e algumas inseguranças típicas da falta de conhecimento, fato que coaduna com a proposta de um novo estilo de vida que pode contemplar as perspectivas de aglutinação e de diferenciação. Manter comportamentos característicos de certa reserva, segundo alguns entrevistados, permite que se perpasse pelo período de transição ou adaptação correndo menos risco de errar no tratamento e na convivência com pessoas nascidas e criadas em outro lugar. Elias (2000) registra tal comportamento na sua pesquisa sobre estabelecidos e *outsiders*:

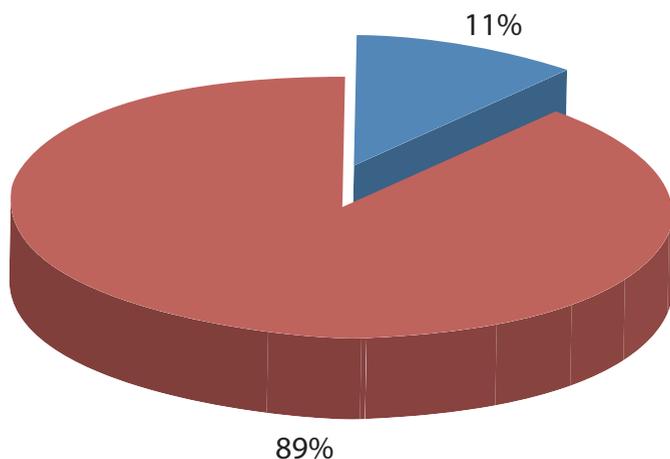
As diferentes tradições locais que elas haviam levado consigo em suas migrações, como parte

da sua formação pessoal, geravam mal entendidos. Manter a própria reserva era, em parte, uma atitude de autoproteção contra pessoas que, apesar de serem vizinhas, tinham costumes, padrões e estilos diferentes, os quais, não raros, pareciam estranhos e levantavam suspeitas (2000, p. 109).

É fato que o sentimento de fazer parte do contexto social maior é obviamente um ingrediente essencial do prazer proporcionado pela interação e pelas atividades comuns, quer de caráter informal ou mais organizado, porém, alguns entrevistados registram serem as aproximações mais fáceis, em um primeiro momento, com pessoas que se encontram na mesma situação, não descartando, portanto, uma interação mais efetiva com a sociedade estabelecida em momento posterior.

Hall (2000) lembra o perigo da guetização de grupos em determinadas circunstâncias de não interação com sociedades de destino, situação que não chega a caracterizar o comportamento dos novos migrantes do sul da Bahia, apesar das escolhas quanto à moradia, eventos sociais, convivência entre famílias estarem, ainda, muito circunscritas entre as fronteiras de oriundos de outras partes do globo.

FIGURA 43 – Sentimento de exclusão



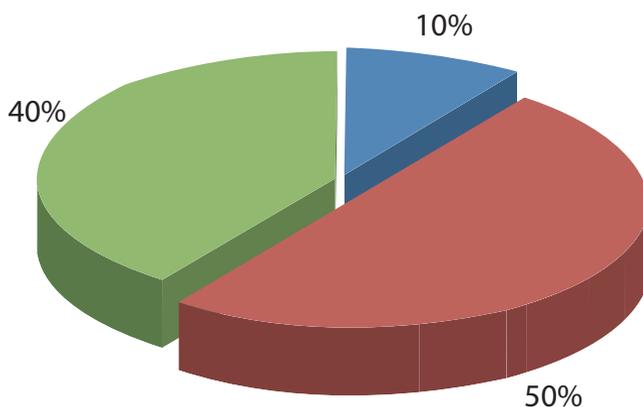
Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ SIM ■ NÃO

A condição de se sentir ou não se sentir do lugar não se constituiu condição de projeto de mudança para 50% dos entrevistados, que mesmo alegando ter dificuldades na concepção de novos relacionamentos e na adequação de alguns traços culturais, desejam permanecer na região sul da Bahia por acreditar na qualidade de vida e nas perspectivas que a região proporciona, além do desejo de alguns familiares de permanecer, até por já estarem colocados no mercado de trabalho. Os 10% que afirmam não desejar permanecer citam questões no âmbito da academia, que os impediu de obter a progressão desejada, bem como situações pontuais que exigem o seu retorno ao lugar de origem, na sua maioria por questões familiares. Os 40% que alegam não saber se permanecem ou se apostam em um novo lugar, esboçam o desejo de realizar um projeto de titulação maior que a atual em um espaço diferente, mesmo que retornem para o sul da Bahia,

ou a não realização projetada em função dos aspectos institucionais ou regionais que não contemplaram suas expectativas. A ideia desse grupo, em geral, é pensar em um novo espaço e não no retorno ao seu lugar de origem.

FIGURA 44 – Planos de ir para outro lugar



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ SIM ■ NÃO ■ NÃO SABE

Para os que evidenciam o desejo de ficar, a situação profissional e sua colocação frente ou como ocupante de posições na hierarquia institucional possuem estreita relação. O contrário também é verdadeiro no que concerne aos profissionais que desejam partir. Ambos os grupos não negam ser a academia um espaço conservador, de lutas competitivas e busca pelo monopólio da autoridade científica, mas é também o seu campo, a sua opção e realização profissional.

A condição de chegar de outro espaço, ao mesmo tempo que traz, para os que já pertencem a esse campo, o respeito e a admiração pelos títulos conferidos e a presunção de um notório saber, cria também a resistência do outro, pois o novo pode ser uma ameaça, pode querer

absorver um espaço que, presumidamente, já foi conquistado, ao mesmo tempo em que se indaga sobre essa competência que vem de fora, pois, às vezes, quer se impor, entrando, portanto, os grupos, em alguma rota de colisão. É uma contenda relativamente amistosa, pois se trata de grupos de atores sociais presentes em um mesmo campo e que possuem características comuns, pois ambos possuem mão de obra qualificada e querem sedimentar seu *status quo* que é bastante valorizado no contexto regional, pois a condição de ser professor universitário numa região de economia desestabilizada abre portas.

O que difere é a temporalidade dos grupos de professores, e é nesse quesito que sobressai a estigmatização, pois os pontos de vista produzidos por ambos os grupos dão conta de evidenciar ou generalizar características pouco apropriadas de um grupo para o outro denotando uma rivalidade maquiada. O que não transparece no ambiente regional ou que não sobressai nas relações societais no âmbito das cidades, aflora na academia, em virtude do espaço reduzido e da alta competitividade dos grupos. Uma luta, como diz Bourdieu (2011, p. 17), “de todos contra todos, é uma luta em que uns dependem dos outros e ao mesmo tempo são concorrentes”, uma luta que evidencia o conjunto dos títulos utilizados, a condição de pertencimento aos quadros, as posições de poder e de autoridade e o prestígio intelectual e científico.

Mesmo com a realidade da busca e da competitividade em relação ao monopólio intelectual presente na academia, os profissionais entrevistados aferem que se comparando sua vida anterior com a atual podem dizer que “chegaram lá”. Dentro dessa expressão podem ser identificados alguns aspectos pontuais, recorrentes em vários depoimentos referentes à trajetória do profissional, do tipo: “Consegui,

em um país em que a educação começa a ter políticas mais voltadas para todos na época atual, onde ensino superior era considerado uma condição de elite, me graduar e pós graduar tendo, portanto, condições de disputar seleções e concursos”; “com a formação que consegui tive condição de ser absorvido através de concurso público, o que me dá uma condição de maior estabilidade profissional e financeira”; “fui capaz de apostar em uma mudança de vida, indo viver em outro lugar que me propiciou uma condição profissional melhor”; “por ser o novo espaço uma instituição jovem, tenho condição de colaborar de forma efetiva com o seu crescimento”.

Em relação à extensão da sua prática nas áreas constantes do ensino superior, as ações podem ser percebidas através dos fragmentos abaixo, bem como alguns entendimentos sobre a relação com os pares, locais e imigrantes:

“Cheguei na década de 90 para a Uesc, minha área de pesquisa ainda era embrionária, estar em um lugar em que não se sabia muito, me fez me sentir mais importante, mais útil. Junto com um professor que vinha da Ceplac, conseguimos recursos para ampliar o projeto. Apesar do interesses de ambos por outras linhas, continuamos até hoje tocando pesquisa juntos” (professor – doutor – 16 anos em Ilhéus).

“Desenvolvo um projeto que se iniciou como pesquisa e depois se tornou extensão nas áreas biográficas e de produção textual. Minha parceria é com os docentes da rede básica dos municípios circunvizinhos. Me relaciono muito bem com eles e já consegui incorporar mais dois colegas da Uesc ao projeto: um vem também do interior de São Paulo e a outra mora na região desde

pequena, veio de Salvador. Ótimos parceiros. Me sinto realizada podendo fazer alguma coisa pela educação, pois, às vezes a gente só fica na posição de criticar” (professora – doutora – 12 anos em Ilhéus).

“Meu grupo de pesquisa, composto de docentes e discentes da graduação e pós - graduação de outras IES e da Uesc, promove há quatro anos seminário de pesquisa sobre fauna. Conseguimos financiamento externo e já temos vários orientandos com interesse nas áreas que compõem nossas linhas de pesquisa. Ver o surgimento do interesse da molecada é compensador” (professor – doutor – 13 anos em Ilhéus).

“Na época que cheguei, também chegaram muitos professores para a área de saúde. Havia um descompasso entre a produção e a titulação dos professores dos cursos que compunham o departamento. Conseguimos dar um impulso na pesquisa das áreas motoras. Já tinham colegas aqui que pesquisavam sobre, fizemos um bom casamento. Nem pensamos sobre quem é da região ou não. Sou daqui como os daqui. Meu trabalho beneficia as pessoas daqui e de fora, é o que importa” (professora – doutora – 12 anos em Ilhéus).

“Não dá pra imaginar trabalhar em uma universidade e ser bairrista. Apesar de isso existir, na minha área nossas relações são estabelecidas diariamente com os produtores rurais, agrônomos, dirigentes de cooperativas, professores e alunos. A agricultura é estudada para beneficiar a região e não para entocarmos o conhecimento. Da região de onde eu vim não se falava em biodinâmica, e meu interesse me permitiu a abertura, junto a outros colegas, com área de

interesse comum” (professor – doutor – 12 anos em Ilhéus).

“Nosso instituto tem avançado na região, como o nosso programa de pós - graduação. Espero que o sucesso gere frutos, pois já temos pequenos produtores produzindo víveres e vegetais em algumas Apas que abastecem a região. Nem penso em sair daqui, só se for para um lugar menor, onde possa interagir ainda mais com as pessoas” (professora – doutora – 15 anos em Ilhéus).

“Numa parceria interdepartamental, elegemos a violência como carro chefe das nossas pesquisas. No início dos estudos tínhamos uma parceria com uma federal onde realizei minha pós-graduação, era uma linha de pesquisa já consolidada. Hoje desatrelamos, mas ainda temos dificuldades na condução. Existem colegas que, infelizmente, não assumem as responsabilidades a que se propõem, mas não vamos desistir. Estamos participando de um edital que financiará um evento que dará mais visibilidade à pesquisa. Meu maior parceiro é um professor que veio de Minas e se interessa desde sempre pelo tema, queria também alguém da região, mais antenado com a violência local” (professora – doutora – 10 anos em Ilhéus).

“O trabalho com resíduos sólidos, decomposições e reciclagem é da hora. Objeto de interesse de muitos e extensivo a várias áreas. Já pesquisava sobre isso desde o mestrado. Um bom trabalho vai ajudar muito a região, que é bonita, mas bastante suja” (professor – doutor – 11 anos em Ilhéus).

“O desenvolvimento do conhecimento é em cadeia.

O que produzo na minha pesquisa sobre matemática repercute no ensino médio, que irá reverter em benefício para o fundamental. Nunca pensei em fazer licenciatura, mas hoje acho que foi uma ótima escolha. Consigo ver resultados práticos através da etnomatemática, me realizo” (professor – doutor – 10 anos em Ilhéus).

“Ganhamos um premio internacional, eu e um professor de outro departamento numa pesquisa interdisciplinar. A viagem para o exterior e o prêmio não são bem digeridas por todos. Sinto ainda uma coisa pequena, de concorrência, mas se alguns não produzem, não podem nem concorrer, né? Isso tem em vários lugares, mas em instituições menores é mais percebido” (professora – doutora – 15 anos em Ilhéus).

“Na reunião do sindicato, quando fui destacar a importância da pesquisa e o perigo de não podermos entrar no campus para análises, uma colega falou que eu não conhecia a região e as lutas que já foram travadas, que era por isso que não defendia os interesses da categoria. Fiquei muito chateada, pensei em ir embora. Não gosto dessa estória de local x estrangeiro. Todos contribuímos” (professora – doutora – 11 anos em Ilhéus).

“Nosso grupo de pesquisa sobre empreendedorismo e sustentabilidade é composto de dois locais e dois ‘forasteiros’, brincamos sempre com isso, sem problemas. Mas nossa relação é bem circunscrita à Uesc. Com essa conversa percebi que é bem profissional” (professora – doutora – 8 anos em Ilhéus, (grifo do depoente).

“Ouvi, há algum tempo atrás, que ‘os de fora’ não deveriam ser candidatos a reitor nem assumir pró-reitor-

rias. Para uns, isso ainda vale, mas a grande maioria já superou. Há duas gestões temos ambos os perfis na administração. Quem ganha é a Uesc” (professor – doutor – 11 anos em Ilhéus, , grifo do depoente).

“Sonhava em atuar nas linhas de comunicação visual, cibercultura e tecnologias pedagógicas que sempre foram minhas áreas de pesquisa. Nas outras instituições terminava tapando buraco, aqui eu realizei” (professora – doutora – 11 anos em Ilhéus).

“Era mais afastada dos professores daqui, quando fui trabalhar na EaD foi bom, pois conheci muita gente nova que passou a fazer parte do meu círculo. Pessoas locais e de outros cantos do país” (professora – doutora – 15 anos em Ilhéus).

“Ser bolsista de produção científica foi uma super conquista, também a coordenação do programa de pós-graduação. Ó grupo é integrado, mas falando a verdade só tem dois professores daqui, os demais são de fora. Sinto às vezes uma animosidade de alguns colegas. É a velha concorrência” (professora – doutora – 16 anos em Ilhéus).

“Ouvi uma colega de departamento falar uma vez que os professores de fora só querem usufruir da Uesc e depois vão embora. É verdade, alguns fazem isso mesmo, fazem de concurso uma carreira, mas não se pode generalizar, pois tem gente que vem, fica e produz” (professora – doutora – 11 anos em Ilhéus).

“Estava trabalhando em um projeto de curso e uma professora da mesma área disse que não ia participar da

discussão, pois não ia prestigiar uma menina de fora, pois o mérito ia todo pra mim. Não era verdade, a parceria era com um professor daqui e outro do Rio. O projeto deu certo e o comentário dela foi muito infeliz” (professora – doutora – 8 anos em Ilhéus).

“Numa reunião de departamento, quando estávamos discutindo um evento sobre gênero, teci um comentário sobre a região e o colega disse: você vai ter que comer muito caranguejo até entender isso. Já ouviu essa expressão? Não gostei. Achei discriminatória, mas deixei para lá, mas não é confortável” (professor – doutor – 15 anos em Ilhéus).

“Adoro morar em Ilhéus e trabalhar na Uesc. O que me irrita e me faz ter vontade de ir embora é o meu colegiado. Tudo emperra, tudo é muito burocratizado, as coisas não acontecem” (professor – doutor – 15 anos em Ilhéus).

“Quando cheguei, chegou um monte de colegas que se tornaram amigos. Fazíamos festa todo fim de semana e tudo era motivo de agrupar. Trabalhávamos, mas curtíamos muito. Hoje estão todos casados, alguns com gurias daqui, outros com gurias de outros lugares. As relações de casal ficaram mais sólidas e de trabalho também, pois quando chegamos nossos projetos ainda eram frágeis, hoje a maioria de nós está em grupos consolidados de pesquisa e criamos raízes” (professor – doutor – 14 anos em Ilhéus).

As informações, relatadas nos depoimentos, evidenciam a expansão das áreas de atuação da universidade descritas na tese, principalmente a partir da década de 90. Apesar de se estar caracterizando no trabalho a condi-

ção do migrante acadêmico e o fato de suas qualidades e competências reforçarem a expansão do ensino superior, a presença dinâmica e competente de profissionais da região, aliados a políticas acadêmicas que demandaram o impulso e desenvolvimento percebido, favoreceram a formação de um conjunto de atores sociais e contexto político regional propício à abertura de uma nova vertente de crescimento desatrelada da cultura do cacau.

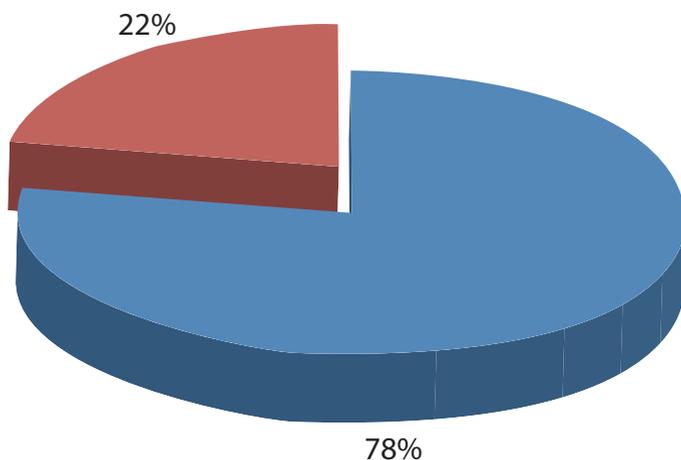
### 5.10 Sentimento de saudade

O sentimento de realização não anula o sentimento de saudade que está presente na afirmação de 78% dos entrevistados, uma vez que deixaram parentes e uma construção de vida anterior em outro espaço, além de hábitos, costumes e aspectos culturais que desenharam sua identidade por muito tempo. Os entrevistados que registraram sobre essa saudade informaram que os mecanismos utilizados para atenuar passam pelo uso constante da internet, troca de emails, redes sociais, pagamento de planos de telefone que contemplam ligações gratuitas, *skype* e viagem de férias para os espaços onde reside a família.

Receber parentes e amigos foi uma observação constante da maioria dos entrevistados. Alguns, inclusive, evidenciaram já ter trazido outros membros da família para morar na região. Os 22% que disseram não sentir saudades, registram que as mudanças por vários lugares criaram uma condição de naturalidade para as constantes mudanças, assim como a ausência de família ou a ramificação por vários espaços diversos, além de que os próprios mecanismos, como *internet* e telefone, utilizados constantemente, não permitem que a saudade se instale.

Em relação a sua condição no ambiente de trabalho, ou seja, na universidade, vale registrar que os professores que estão mais envolvidos com projetos de pesquisa e extensão e que ocupam cargos administrativos, principalmente colegiados de curso, tendem a ter um envolvimento maior com a instituição com, seus pares, locais e migrantes, e com a sociedade regional, evidenciando, assim, em menor escala, a condição da saudade ou do sentir falta do espaço de origem, fato que também está relacionado à FIGURA 43, ou seja, quanto maior o envolvimento, maior a realização, menor o desejo de mudar e menos incômodo o sentimento de saudade.

FIGURA 45 – Sobre sentir saudade



Fonte: Edjane Sarai e Maria Luiza Silva Santos

Legenda: ■ SIM ■ NÃO

## **CONCLUSÃO**

Caminhos do Coração<sup>33</sup>

Gonzaguinha

Há muito tempo que eu saí de casa  
Há muito tempo que eu caí na estrada  
Há muito tempo que eu estou na vida  
Foi assim que eu quis, e assim eu sou feliz

Principalmente por poder voltar  
A todos os lugares onde já cheguei  
Pois lá deixei um prato de comida  
Um abraço amigo, um canto pra dormir e sonhar

E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho por mais que pense estar

É tão bonito quando a gente pisa firme  
Nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos  
É tão bonito quando a gente vai à vida  
Nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração

---

<sup>33</sup> Caminhos do coração. Música de Gonzaguinha

Foram apresentados, nesse estudo, dois momentos identitários respaldados por fluxos migratórios da sociedade sul baiana, mais precisamente da Microrregião Ilhéus-Itabuna. Um vivido, mas ainda muito presente na história e no imaginário dos residentes de origem local e internalizado por muitos que passaram a residir nessa região a partir da década de 90 do século XX. O outro sendo vivenciado no momento presente, onde também os residentes de origem local e os novos residentes, migrantes, de várias partes do globo, compõem a gama dos atores sociais dessa realidade.

Os que possuem origem na região ou que se fixaram há muitos anos, por época da formação do espaço regional, em condições favoráveis ou não, tiveram tempo e mecanismos próprios concernentes à história, tempo de criar, a partir da corrente predominante de sua tradição regional, uma vida societal estável, com as idiossincrasias concernentes a uma economia monocultora e uma formação societal com tais características, que não satisfaziam a todos, mas que impunham uma relação de poder severa para os menos abastados, não pertencentes à condição elitista das famílias tradicionais. Uma tradição provinciana

própria, que necessitava abarcar, em seu seio, um número maior de pessoas para se estabelecer e ajudar na formação da sociedade. Pessoas que vinham principalmente do sertão nordestino, de Sergipe e de outras partes do mundo, a exemplo de Portugal, Espanha, Síria e Líbano, e que apresentavam ideias, maneiras e crenças diferentes das encontradas no círculo estabelecido.

Não se pode excluir a possibilidade de que, nesse período da conformação regional, fundada na monocultura cacaueteira, os habitantes e trabalhadores locais tenham achado os recém-chegados estranhos, diferentes ou concorrentes em potencial pela busca de terras ou pelos empregos nas roças de cacau e no comércio, e que o sentimento de resistência não tenha sido o primeiro a se estabelecer, porém esses vestígios de prováveis animosidades terminaram por se diluir com o tempo, ao ponto da referência de grandes nomes regionais estarem ligados à condição de desbravadores, homens que se deslocaram de outros espaços e desbravaram, se fixaram na terra, fundaram vilas, plantaram, colheram, exportaram, dando visibilidade mundial e criando assim o mito fundador da região do cacau.

Essa conformação foi explicitada no corpo do segundo capítulo, descrevendo as condições difundidas pela história regional e pela literatura ficcional, tendo como principais representantes, nesse estudo, os autores Jorge Amado e Adonias Filho. A descrição do *modus vivendi* e da conjuntura hierárquica se fez necessária, pois ainda se encontram bastante presentes no cotidiano regional a valorização da necessidade de se resgatar não só a história, mas as condições econômicas típicas da época áurea da cacauicultura. Apesar de também a cultura de imposições tradicionalistas começarem a se diluir em de-

trimento das novas condições de vida, ainda aparece de forma marcante e com grande visibilidade para aqueles que se propõem a enxergar comportamento característico de um contexto elitista monocultor.

As novas gerações do cacau apresentam novas propostas e valorosos estudos para a convivência com o fungo que deu origem à situação de crise imposta no final do século XX. A realidade dos clones resistentes, do cacau orgânico, bem como do cacau fino, da abertura de pequenos e médios empreendimentos de agronegócio em que a matéria-prima é o cacau passa a ser realidade nos primeiros anos do século XXI, nas tantas tentativas de soerguimento ou diversificação da lavoura cacaeira.

Essa realidade fez e faz parte do contexto contemporâneo regional, pois não foi ultrapassada ou esquecida. As tentativas de um associativismo, as propostas de anistia de dívidas decorrentes da lavoura e as discussões sobre a falta de uma representatividade política que defenda a condição do cacauicultor permanecem na ordem do dia para tantos que ainda sobrevivem da lavoura ou que investem em pesquisa para alterar o quadro existente, perpassando, portanto, tais apreensões não só para aqueles que estão diretamente ligados à realidade rural, mas também para os vários segmentos sociais que compõem o novo contexto sul baiano.

Tais discussões se apresentam mais significativas para o grupamento local que sobrevive da lavoura e para aqueles cujos negócios estão diretamente atrelados à produção do cacau, porém novos grupos, a exemplo dos migrantes acadêmicos, passam a se formar nesse período compreendido entre a última década do século XX e os dias atuais. São pessoas que estão distantes da realidade agrícola, mas que já ouviram ou leram alguma coisa

sobre a formação da região cacauceira, mas que, ao contrário do saudosismo e por vezes da luta dos habitantes locais na retomada de uma realidade que vicejou em meados do século passado, atribuem um peso menor à formação regional, cuja explicação passa por não ter feito parte dela. Esse peso menor não se reflete em comportamentos de desprezo ou retaliação, mas na falta de conhecimento propício a tecer comentários, ou na sensação de não se sentir pertencente a essa sociedade por não fazer parte da conformação fundacional do cacau, o que, às vezes, é entendido como postura etnocêntrica.

Nesse quesito são discutidas as tensões decorrentes das relações entre antigos e novos moradores de uma região, entre antigos e novos profissionais pertencentes a uma instituição de ensino superior. São verbalizados, pelos diversos entrevistados, o entendimento de que os residentes locais atribuem um valor elevado aos padrões, às normas e ao estilo de vida criado e perpassado entre as gerações anteriores. Esses elementos possuíam uma estreita relação com a elevada autoestima, com o respeito próprio e com o respeito que uma significativa parcela dos residentes locais entendia ser devido pelos outros.

Tais evidências aparecem quando o novo morador presencia ou se sente parte de acontecimentos que, de uma forma subliminar, o distanciam ou retiram do centro das discussões e dos acontecimentos com a justificativa pautada no desconhecimento da história regional. Tal circunstância aparece em menor escala quando se registra o convívio no âmbito das cidades e se evidencia, com maior ênfase, no âmbito da academia. O sentimento evidenciado é de que a condição de migrante pressupõe uma ameaça aos residentes mais antigos e nascidos na região, sentimento que não deve ser considerado infun-

dado, uma vez que, em situações de mobilidade social, é comum que moradores antigos sejam sensíveis em relação a tudo o que possa ameaçar sua posição.

Desenrola-se, portanto, uma análise bilateral, entre novos e antigos residentes e entre novos e antigos profissionais da academia, onde algumas condutas são apreciadas como marcas de inferioridade social e outras de superioridade social, de ambas as partes, pois o fato da antiguidade ser encarada como grande trunfo social, orgulho e satisfação por determinado grupo, onde tempo de residência, idade das famílias, sobrenome são capazes de afetar profundamente o comportamento entre as pessoas, um outro símbolo, versado no conhecimento científico, irá respaldar o status do grupo dos novos migrantes que não está subsidiado pelas condições de antigo residente ou residente local. Seja qual for a forma específica assumida pela herança sociológica, as diversas possibilidades de colocação no espaço social e profissional têm em comum o fato de representarem chances hereditárias de exercício de poder de um grupo em relação ao outro. O que se evidencia é que existe uma dificuldade de inserção, pois pessoas que não pertençam ao círculo de detentores do monopólio da tradição ou da tradução não conseguem penetrar sem o consentimento do respectivo grupo. E dado que, de alguma forma o poder simbólico referente a uma cultura agrícola que fundamenta comportamentos sociais, está sempre na origem, não deixa de ser condição para que se perpetue determinado *modus vivendi* através das gerações, pois só lhes será permitido existir como tal enquanto tiver poder suficiente para preservar tal condição.

A antiguidade sociológica aqui discutida não está visivelmente ligada à herança de bens, mas à herança cultural. Destacam-se, com mais clareza, algumas outras

condições de poder, em especial o poder decorrente da monopolização de posições-chave em instituições locais. O resultado aparece na evidência do destaque dos grupos mais antigos no que diz respeito ao traço característico de uma identidade local, onde características comportamentais, inculcadas desde a infância, de acordo com a tradição do grupo, referende ou pressuponha a sua colocação em posições-chave.

Assim, as pessoas que pertencem a um círculo ou a um grupo são providas de um código comum por seus vínculos afetivos e culturais comuns – uma certa conformação identificadora de grupo subjaz nas diferenças individuais. Nesse contexto, os pertencentes ao grupo sabem onde se situar e como se comportar frente aos demais membros. Tal condição difere da realidade de pessoas que chegam em um espaço social diverso e apesar de serem entendidas como um grupo, só se constituirão como tal a partir de um certo tempo. Essa descrição se materializa na trajetória dos grupos de professores que vieram residir na região a partir dos finais da década de 90. As chegadas foram individuais ou com seus familiares, as interações e formações de grupos passaram a ocorrer posteriormente, através de aspectos ligados às tarefas concernentes à academia e ao espaço residencial do grupo familiar. As exceções dizem respeito aos profissionais que foram orientados a fazer o concurso ou convidados por algum migrante já estabelecido, efetivando, assim, uma teia de relações.

Os aspectos analisados em todos os modelos de trajetória e acolhimento acima citados pressupõem, *a priori*, os aspectos geográficos, pois o que parece acontecer é que as pessoas se deslocaram de um lugar para outro, porém, os grupos sociais também estão na rota das mudanças, pois novos relacionamentos passam a existir,

tanto com os grupos já existentes como com pessoas que estão simultaneamente a se constituir enquanto grupo. Alguns poucos tendem a resistir a alguns comportamentos ou tendem a fazer parte dos grupos com tradições, já estabelecidos em virtude de uma convivência cotidiana.

Nobert Elias (2000) costuma evidenciar que quando os imigrantes têm cor da pele diferente da dos moradores antigos, as discussões são rotuladas como problemas raciais; quando os recém-chegados são da mesma raça que os habitantes locais, mas possuem língua e tradições diferentes, os problemas são caracterizados como étnicos. Quando não são de raça nem grupo étnico diferente, mas de outra classe social, enquadra-se a questão como de mobilidade social. No contexto do sul da Bahia, não cabem nem as discussões centradas no contexto de problemas raciais, nem étnicos, muito menos de mobilidade social, mas sim na questão da antiguidade. As ponderações registradas nos depoimentos e entrevistas remetem à questão da antiguidade, de pertencer ou não à conjuntura que cristalizou o cacau como ícone da região.

As ações dos recém-chegados ou migrantes acadêmicos caminham no sentido de melhorar sua situação, tanto no que concerne à economia como a qualidade de vida. Por vezes, se ressentem de uma condição de solidão, presente numa realidade ainda com poucas relações. Procuram se colocar de forma eficiente no ambiente de trabalho, evidenciando sua competência, entendendo que, por serem migrantes, devem provar com mais veemência suas capacidades, além de acreditar que sua formação acadêmica original é mais substancial que a de outros profissionais, podendo, assim, influenciar, auxiliar e puxar para cima os demais membros do grupo. Nem sempre as pessoas locais ou os residentes há muito tempo compactuam

com esse pensamento, ao contrário, se questionam sobre o papel que tais migrantes desempenham, principalmente quando tais profissionais ficam apenas por um curto espaço de tempo. Em geral, o limite da tolerância, as formas de conduta e crenças diferentes são maiores no que concerne aos limites das cidades, e menores no que concerne ao âmbito da academia. No espaço das cidades os grupos estão infinitamente mais diluídos, e por se tratar, na maioria, de migrantes de outros estados da nação, só as características estéticas não apresentam diferenças, essas só passam a se estabelecer com a efetivação das relações. Além do mais como os grupos chegados têm se estabelecido nos mesmos condomínios e bairros, a convivência é fomentada de maneira “endogâmica”.

Na universidade, a diversidade aparece de forma mais contundente, até por se tratar de instituição nova, que se torna universidade a partir da década de 90. Nesse período, num contexto ainda pouco significativo para o ensino superior, os grupos terminavam por ser muito próximos e as pessoas facilmente reconhecidas. A chegada de novos profissionais a partir dos concursos de 1996 e 1999 apresentou, ao contexto regional, novos profissionais facilmente identificáveis no ambiente institucional. Na atualidade, o número de professores migrantes ultrapassa o número de professores locais, vindos de várias partes do Brasil e do mundo, e com formação em todas as áreas das ciências, fato que contribui expressivamente em várias áreas da pesquisa e da extensão acadêmica na Uesc.

A condição de inovador ou empreendedor desses profissionais ainda não é percebida de forma significativa no âmbito regional, mas é bastante perceptível no ambiente da academia, fato que faz presumir que essa per-

cepção regional não tardará, pois os resultados das ações desenvolvidas no interior da universidade atingem, de forma direta e indireta, os espaços regionais. É fato que não se pode atribuir a um pesquisador ou profissional migrante o sucesso de um projeto que tem por trás uma universidade atuante, grupos de pesquisas compostos por novos e antigos residentes e profissionais, de origem regional, competentes e com excelência reconhecida em suas áreas de atuação, porém alguns conhecimentos, relações e *now how* anteriores, por vezes fazem a diferença no resultado dos projetos.

Faz diferença também a realidade do deslocamento, pois por se constituir em um projeto de vida escolhido que envolveu esforços de ordem econômica, intelectual e emocional, além da responsabilidade com os projetos de vida de outros membros da família, a “obrigação” de dar certo é maior, fato que faz perceber, através das entrevistas, que aqueles que migraram com a família têm uma apreensão maior, pois o não sucesso seu acarretaria mais mudanças na vida do seu grupo familiar. Apesar da apreensão descrita, os migrantes que vieram com suas famílias evidenciam uma estabilidade emocional maior, pois a sensação de solidão e inconstância se apresenta em menor grau.

A escolha da moradia – Ilhéus – pela maioria dos entrevistados está bem caracterizada com a escolha do *modus vivendi* e a pressuposição da qualidade de vida característica da migração de mão de obra qualificada. Cidade pequena, litorânea, de clima ameno e com índice de violência menor que o das cidades de origem. A universidade nova, com possibilidade de crescimento concomitante com suas ações e áreas de atuação, também favorecem a autoestima desses profissionais, exemplos que

estão evidenciados nas pesquisas e nos projetos citados pelos entrevistados nesse trabalho.

Os choques culturais e o descompasso entre os aspectos idealizados e encontrados não se apresentam de forma significativa ao ponto de representar o desejo de ir embora; o entendimento passa mais pela dificuldade e ou necessidade de adaptação quanto aos quesitos da culinária, estilos musicais, modo de vestir e formas de comportamento no novo espaço. O estereótipo tão propagado da tranquilidade do baiano é evidenciado pelos migrantes não como letargia e inoperância, pois afirmam que as pessoas aqui são dispostas e gostam de trabalhar, mas que a postura mais desacelerada, se comparada ao ritmo das capitais, é sinal de inteligência, referenciado como algo positivo e que já foi assimilado por muitos dos entrevistados, que se referem a esse estilo também como qualidade de vida. Porém, em se tratando do ambiente acadêmico, os migrantes se ressentem de uma maior agilidade nos trâmites, acreditando que mais poderia ser feito em menos tempo.

A convivência ainda é tímida entre os residentes migrantes e os residentes locais. O instinto de autopreservação sobressai em ambos os grupos, tanto no espaço regional como no acadêmico, pois ficou bem evidenciado nas entrevistas a aproximação dos “de fora” com os “de fora”, fato que é justificado pelos mesmos pela dificuldade de inserção no grupo “fechado” dos residentes locais, evidenciando, nesse ponto, a identidade tradicionalista da região cacauceira.

Embora se perceba a identidade da região ainda muito focada na estrutura do cacau, tanto pelos antigos residentes como pelos novos, pelos que acham que assim deve permanecer e pelos que acham que deve se modifi-

car, o fato é que se trata de uma estrutura cultural enraizada e recorrente em outros espaços, como por exemplo, no do café ou da borracha. Independente de crises ou de uma economia monocultora ou mista, a história forte da região, e que foi eternizada na literatura, é a da saga do cacau. Essa realidade não invalida a percepção do avanço em novas frentes, que foi e é o caso do ensino superior na região, espaço que tem caracterizado orgulho e respeito da região e de outros espaços, reconhecendo o valor daqueles que implantaram, fundaram, acreditaram nesse futuro, e daqueles que vieram, apostaram e estão ajudando a expandir uma realidade que agora é de todos.

Há de se ter sempre o cuidado em um trabalho como esse, de se registrar que não é interesse privilegiar ou vitimar nenhum dos grupos, pois, em se tratando de profissionais residentes, profissionais migrantes, elite acadêmica, pesquisadores, extensionistas, docentes e produtores rurais, todos possuem as suas competências instaladas em áreas específicas, deixando, portanto, suas marcas na eternizada região cacauceira.

## REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia: chão de cacau.** São Paulo: Editora Bertrand do Brasil, 1976.

ANDRADE, Maria Luiza Nora de. **Um estudo cultural do cacau com perspectivas para o turismo.** 2004. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo)– Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2004.

ANDRADE, Thompson, Serra, Rodrigo (org.). **Cidades médias brasileiras.** Rio de Janeiro: Ipea, 2001.

AMADO, Jorge. **Gabriela cravo e canela.** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.

\_\_\_\_\_. **O país do carnaval, cacau, suor.** Rio de Janeiro: Martins Editora, 1976 .

\_\_\_\_\_. **São Jorge dos Ilhéus.** Rio de Janeiro: Martins editora, 1970.

BAIARDI, Amílcar. **Subordinação do trabalho ao capital na lavoura cacaeira da Bahia.** São Paulo: Hucitec; Salvador: Kieppe Investimentos Ltda, 1984.

BERGER, Peter L.; Thomas Luckmann. **A sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2002

BOUDON R, Bourricaud F. **Dictionnaire critique de la sociologie.** Paris: PUF, 1982

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução Sergio Miceli. São Paulo: Brasiliense, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução. Cássia Silveira e Denise Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Homo academicus**. Tradução Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

\_\_\_\_\_. **Homo Academicus**. Reino Unido. Polity Press editora, 1991.

\_\_\_\_\_. **'Le champ scientifique'**. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol 2 n.2-3 juin 1976 pp 88 -104.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução. Miguel Serras Pereira.. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUFFA, Ester. NOSELLA, Paulo. **As Pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação** EccoS – Revista Científica, São Paulo, v.7, n.2, p.351-368, jul./dez.2005. [http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/eccos/eccos\\_v7n2/eccosv7n2\\_2f13.pdf](http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/eccos/eccos_v7n2/eccosv7n2_2f13.pdf). 2005

Comunicado do Ipea nº 68 - Dezembro de 2010, Acesso em março de 2011. URL: <http://www.ipea.gov.br>

COSTA, Claudio. **O que é região cacauera?** Ilhéus, 2010...Disponível em: <<http://www.acaoilheus.org/news/2172>>. Acesso em: 30 maio 2010.

COSTA MATA, Henrique Tomé; VERGARA, Miguel. **Mudanças e conflitos no mercado de trabalho na região cacauera da Bahia**. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestras>, 2006.

DAUSTER, Tânia. **A invenção do leitor acadêmico**. In: Revista Leitura, teoria e pratica n.41 Campinas – São Paulo, 2007.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5 ed. Campinas: Autores associados, 2002.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens** – para uma antropologia do Consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

Dubar, Claude. **La crise des identités**. L'interprétation d'une mutation, Paris, Presses Universitaires <http://www.religiologiques.uqam.ca/no24/24recensions/Carrier2.htm>. 2000

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução . Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira Lisboa: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. **Mozart**. Sociologia de um gênio. Tradução . Sérgio Góes de Paula.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do *habitus* nos séculos XIX e XX**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ERVATTI, Leila; OLIVEIRA, Antônio. **Perspectivas para a mensuração do fenômeno migratório no Brasil**. Trabalho apresentado na ABEP XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, em Caxambu - MG, 2010.

FAUSTO, Boris. **Fazer a América**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2000.

FALCÓN, Gustavo. **Os coronéis do cacau**. Salvador: Ianamá, 1995.

FREITAS, Antônio Guerreiro de; PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a Princesa do Sul (Ilhéus, 1534-1940)**. Ilhéus: Editus, 2001.

FREITAS, Sonia Maria de. **Historia oral** – possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editoria Humanitas, 2006.

GOLGHER, A. B., ROSA, C. H., ARAUJO JÚNIOR., A. F., **The determinants of migration in Brazil**. Belo Horizonte: UFMG: Cedeplar, 2005. (Texto para Discussão, 268).

GRAFMEYER, Y. Diferenciações, divisões, distâncias. In: ... **Sociologia Urbana**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva,.Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4.ed. Tradução Tomás Tadeu da Silva,.Guacira Lopes Louro... Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HOBSBAWN, Eric. **The invention of tradition**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1983.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 20. ed. rev. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

IANNI, Octávio. **A Questão Social**. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo janeiro/março 1991. Disponível em: <[http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v05n01/v05n01\\_01.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v05n01/v05n01_01.pdf)>. Acesso em: fev. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados sobre o município de Ilhéus**. [Brasília, 2011?]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Dados sobre o município de Itabuna**. [Brasília, 2011?]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: jan. 2011.

KHELLIL, Mohand. **Sociologie de l'Intégration**. Paris: PUF, 1997.

KNOWLTON, Clark S. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial.** São Paulo: Editora Gráfica Piratininga, 1960.  
LIPPI, Lúcia Maria. **Nós e eles: relações culturais entre brasileiros e imigrantes.** São Paulo: FGV Editora, 2006.

LEE, Everett S. **A theory of migration.** Demography, v. 3, no. 1, p.47-57 Demography is currently published by Population Association of America, 1966.

\_\_\_\_\_. **“Uma teoria sobre migração.”** In: MOURA, H. **Migração interna: textos selecionados.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil S.A. 1980.

MACHADO, Fernando Luís. **Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal.** Oeiras: Celta, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAHONY, Mary Ann. Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na Região Cacaueira da Bahia. **Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria**, Ilhéus, v. 10, n. 18, p. 737-793, jul./dez. 2007.

MARTINE, George. **A redistribuição espacial da população brasileira durante a década de 80.** Rio de Janeiro: Ipea: Dipes, 1994.

MASSETO, Marcos Tarciso (org.). **Docência na universidade.** 9 ed. Campinas: Papirus, 2008.

MIDDLEJ, Moema; FIALHO, Nadia. **Universidade e região**. In: SEMINÁRIO EM INFRAESTRUTURA, ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL, 2., Salvador. Revista Práxis Educacional Salvador: Procrad – Capes/IPPUR- UFRJ/UCSal/Uneb, 2005.

MILESI, Rosita. **Refugiados – realidade e perspectivas**. [www.migrante.org.br/migracao\\_triplice\\_frenteira.doc](http://www.migrante.org.br/migracao_triplice_frenteira.doc). 2000

PERCHERON, Annik. **Strategies educatives, nomes educatives et classes sociales..**, em F. Mariet (Org.), *L'enfant, la famille et l'école*, Paris, ESF. 1981

PEREIRA, I. **Maria Joveci Pereira**: depoimento [abr. 2009]. Entrevistadora: M. L. S. Santos. Itabuna: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2009. 1 cassete – sonoro. Entrevista concedida ao Doutorado em Ciências Sociais CPDA/ Uesc.

PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

PÓLVORA, Hélio. Jorge – menino e cidadão de Ilhéus. **Revista Ilhéus**, Ilhéus, ano 3, n. 3, p 9, anual, 2001.

QUEIROZ, Silvana; SANTOS, José. Artigo: **As alterações nos saldos migratórios brasileiros**: uma análise por estados e regiões (1986-2006). 2007.

Revista do Ensino Superior n.º 110. <http://revistaensino-superior.uol.com.br/textos.asp>

RIBEIRO, André Luiz Rosa. **Família, poder e mito: o município de São Jorge dos Ilhéus (1880-1912)**. Ilhéus: Editus, 2001.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A Região Cacaueira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção, representação**. Ilhéus: Editus, 2008.

ROCHA-TRINDADE, M.<sup>a</sup> Beatriz; CAEIRO, Domingos. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Maria Luiza Silva. As influências das interações étnicas na formação da cidade de Ilhéus/Bahia. **INTERAÇÕES -Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande MS, v. 8, n. 13, p. 71-75, set. 2006.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: RDUSP, 1998.

SCHWARZ, B. Conservatism, nationalism and imperialism. In: DONALD, J. e HALL, Stuart (org.). *Politics and ideology*: Open University Press, 1986.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 20, n. p. 147, 2002. ISSN (Versão impressa): 1413-2478

SILVA, Ayala Oliveira. **As origens de Itabuna**: o mito e a história. [Rio de Janeiro, 2011?]. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/mosaico/artigos>>. Acesso em: mar. 2011.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, v 6n.p.253 Anual.2002.

SCRUTON, Roger. Authority and allegiance. In: DONALD, J.; Hall, STUART (org.), **Politics and ideology**. Milton Keynes: Open University Press, 1986.

SOARES, Beatriz R.; RAMIRES, Júlio C. A inserção das cidades médias no contexto da globalização: reflexões a partir do Triângulo Mineiro. In: SOUZA, Guaraci Adeodato, MURICY, Ivana Tavares. **Mudanças nos padrões de fecundidade e de mortalidade na Bahia**. Salvador: SEI, 2001,2002.

SOUZA, **Antônio José**: depoimento [abr. 2009]. Entrevistadora: M. L. S. Santos. Itabuna: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, 2009. Entrevista concedida ao Doutorado em Ciências Sociais CPDA/ Uesc.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Migração e migrantes da Bahia nos anos de 1980 e 1990**: tendências e perfis sociodemográficos. Salvador: SEI, 2006.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TRAGTENBERG. Maurício. A delinquência acadêmica. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, mensal ano 2, n. 14, 07 páginas, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
(Uesc). **Relatório Anual de Atividades 1990**. Ilhéus,  
1991. 52 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1991**. Ilhéus,  
1992. 52.p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1992**. Ilhéus,  
1993. 39 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1993**. Ilhéus,  
1994. 52 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1994**. Ilhéus,  
1995. 104 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1995**. Ilhéus,  
1996. 104 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1996**. Ilhéus,  
1997. 104.p

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1997**. Ilhéus,  
1998. 104p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1998**. Ilhéus,  
1999. 157 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 1999**. Ilhéus,  
2000. 81 p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
(Uesc). **Relatório Anual de Atividades 2000**. Ilhéus,  
2001. 102 p.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
(Uesc). **Relatório Anual de Atividades 2001**. Ilhéus,  
2002. 102 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2002**. Ilhéus,  
2003 94 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2003**. Ilhéus,  
2004. 121 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2004**. Ilhéus,  
2005. 88 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2005**. Ilhéus,  
2006. 123 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2006**. Ilhéus,  
2007. 133 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2007**. Ilhéus,  
2008. 121 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2008**. Ilhéus,  
2009 113 p.

\_\_\_\_\_. **Relatório Anual de Atividades 2009**. Ilhéus,  
2010. 113 p.

ZAMBERLAN, Jurandir. **O processo migratório no Bra-  
sil e os desafios da mobilidade humana na globalização**.  
Porto Alegre: Pallotti, 2004.

Fluxos Contemporâneos:  
Capital humano e acadêmico-  
cultural reconfigurando a região  
do cacau - discorre sobre a  
reconfiguração identitária da região  
a partir do final do século XX.  
Uma reconfiguração em processo,  
pois as investigações constataam a  
força ainda presente da economia do  
cacau nos dias atuais.

A descrição se passa em dois  
momentos: o tempo da formação  
da região cacaueira e a ascensão  
e destaque do ensino superior na  
região que passa a ser alvo de maior  
visibilidade, alterando e ampliando a  
identidade regional.

ISBN: 978-85-7455-360-3



9788574553603